

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TEMPOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: ENTRE O
IDENTITÁRIO E O IMAGINÁRIO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Monique da Silva

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

TEMPOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: ENTRE O IDENTITÁRIO E O IMAGINÁRIO

Monique da Silva

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

Orientadora: Prof. Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Monique da
Tempos na formação docente: entre o identitário e o
imaginário / Monique da Silva.-2013.
127 p.; 30cm

Orientadora: Valeska Maria Fortes de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2013

1. Formação Docente 2. Tempo 3. Imaginário Social I.
Oliveira, Valeska Maria Fortes de II. Título.

© 2013

Todos os direitos autorais reservados a Monique da Silva. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: moniquedasilva88@gmail.comr

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a Dissertação de Mestrado

**TEMPOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: ENTRE O IDENTITÁRIO E O
IMAGINÁRIO**

elaborada por
Monique da Silva

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Valeska Maria Fortes de Oliveira, Dra.
(Presidente/Orientador)

Lúcia Maria Vaz Peres, Dra. (UFPEL/RS)

Celso Ilgo Henz, Dr. (UFSM/RS)

Santa Maria, 30 de abril de 2013.

***Dedico esta produção para meu Pai Léo e minha Mãe Maria
Inês, vocês me ensinam todos os dias que para manter a
força, o equilíbrio e a fé na vida é preciso cultivar o amor.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser meu refúgio e minha fortaleza.

Ao meu Pai Léo, por me ensinar que os sonhos se realizam para quem vai atrás deles.

À minha Mãe Maria Inês, sinônimo de força e carinho, por me dedicar tanto amor e atenção.

Ao meu Irmão Léo Jaime, que me ensinou que na vida é preciso ter alegria.

À vocês três, minha família, por serem a razão da minha existência e inspiração para minhas caminhadas.

A família Dambrós Gabbi, em especial ao Luciano, meu amor, pelo carinho e apoio, obrigada por me propiciarem tanta paz e calor humano na escrita final.

À professora Valeska, pela confiança, pelos ensinamentos e pela eterna paciência, perdando meus sumiços.

Ao pessoal do GEPEIS, pelas vivências e amizade, em especial à Marília, Janine e Nice, pelo amor e pelo companheirismo.

As minhas queridas companheiras de pesquisa, Alice, Clarissa, Poliana, Sira Quiroga e Indira Gandhi, sem vocês não teria feito tanto sentido.

Aos meus alunos e colegas do IFFarroupilha – Campus Alegrete, vocês me ensinaram a crescer.

Ao professores Lúcia, Celso e Jorge, pelo olhar atento ao meu trabalho.

E a todos que estiveram comigo durante este processo.

*Assim, por exemplo, as articulações do tempo imaginário
dobram ou aumentam os marcos numéricos do tempo
calendário.*

(Cornélius Castoriadis)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

TEMPOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: ENTRE O IDENTITÁRIO E O IMAGINÁRIO

AUTORA: MONIQUE DA SILVA
ORIENTADORA: VALESKA MARIA FORTES DE OLIVEIRA
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de abril de 2013.

A presente dissertação de mestrado está inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, integrando a Linha de Pesquisa 1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Esta pesquisa teve como objetivo de investigar a relação entre o tempo, e o Imaginário Social instituído acerca do mesmo, e a docência, em especial a formação docente, na contemporaneidade. A metodologia da pesquisa deu-se em dois momentos: os estudos bibliográficos sobre a temática; e uma pesquisa empírica desenvolvida com cinco professoras da rede pública de ensino da cidade de Santa Maria. A fim de embasar teoricamente as possíveis relações, foi necessário um estudo das teorias que alguns filósofos desenvolveram sobre o tempo, entre eles, Aristóteles, Santo Agostinho, Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Cornélius Castoriadis, além disso, quando falamos em docência partimos de Gilles Ferry. Também, através de narrativas de vida escritas em diários pelas colaboradoras, foi possível fazer um entrelaçamento entre a docência e a influência do imaginário instituído sobre o tempo no cotidiano das professoras. Neste cenário, com o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se através das escritas sobre memória, formação docente, tempo, docência e cuidado de si, que o tempo instituído na profissão nem sempre é o do cansaço. Muito pelo contrário, o trabalho aponta que docentes que se colocam abertas à vivências de formação continuada, e cultivam o cuidado de si em suas rotinas, ultrapassam a barreira instituída do mal-estar docente, apresentando a sua boa relação com o tempo como fator fundamental da boa relação com a docência.

Palavras-chave: Formação Docente. Tempo. Imaginário Social.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Postgraduation Program in Education
Universidade Federal de Santa Maria

TIMES IN TEACHER FORMATION: BETWEEN IDENTITARY AND IMAGINARY

AUTHOR: MONIQUE DA SILVA
ADVISER: VALESKA MARIA FORTES DE OLIVEIRA
Defense Place and Date: Santa Maria, April 30th, 2013.

This masters' dissertation is inserted in the Post-graduate Program in Education, of Federal University of Santa Maria, integrating the Research Line 1: Formation, Knowledge and Professional Development. This study aimed to investigate the relationship among Time, and Imaginary Social instituted about the same, and teaching, especially teacher formation, in contemporaneity. The methodology of the research occurred in two major moments: bibliographic studies about the subject; and empirical research conducted with teachers in the public schools of the city of Santa Maria. In order to explain theoretically the possible relations, it was needed a study of the theories that some philosophers have developed about time, including Aristotle, Augustine, Gaston Bachelard, Gilbert Durand and Cornelius Castoriadis, moreover, when we talk about teaching, we departed of Gilles Ferry. Also, through narratives written in daily life by collaborating, it was possible to make an interlacement between teaching and influences of imaginary imposed on the time of the daily lives of teachers. In this scenario, with the development of research, it was realized through the writings about memory, teacher formation, time, teaching and self care, that time established in the profession is not always the tiredness. Quite the contrary, this work shows that teachers that place themselves open to experiences of continuing education, and cultivate self-care in their routines, beyond the barrier established of teacher malaise, presenting their good relationship with time as a fundamental factor of good relationship with the teacher.

Keywords: Teacher Formation. Time. Social Imaginary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Infância.....	15
Imagem 2 – Aqui o tempo parou	63
Imagem 3 – O diário.....	68
Imagem 4 – Postal Paris frente	91
Imagem 5 – Postal Paris verso.....	92
Imagem 6 – O tempo.....	117

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Termo de Confidencialidade.....	125
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	126

SUMÁRIO

VOU LHE DIZER SOBRE O TEMPO QUE ESTIVE AQUI	12
1 ANTES DE CONTAR, É PRECISO CONTAR-SE: MUITO PRAZER, EU SOU MONIQUE	15
2 A METODOLOGIA DA PESQUISA: HISTÓRIA DE VIDA DA DISSERTAÇÃO ...	22
2.1 De como cheguei ao tema: tempo de partir em busca da ilha desconhecida	24
2.2 Coleta de dados da dissertação: a criação de um tempo para falar sobre o tempo	28
2.3 Aquelas que trouxeram vida à investigação: as docentes e seus fios de histórias	33
2.4 A necessidade do encontro: uma Senhora chamada Hermenêutica	38
3 UM DIÁLOGO REQUER OUTRAS VOZES: ALGUNS DOS QUE FALARAM SOBRE O TEMPO	42
3.1 Cronos: há um mito por trás de todas as coisas	43
3.2 Aristóteles: a relação entre tempo, alma e movimento	45
3.3 Santo Agostinho: da eternidade às relações entre presente passado e futuro.....	47
3.4 Gaston Bachelard: sobre a descontinuidade do tempo	49
3.5 Gilbert Durand: o desejo humano de dominar Cronos.....	51
3.6 Cornelius Castoriadis: tempo real e tempo imaginário	54
3.7 Nas redes do imaginário caminho até a Lua	57
4 DOCÊNCIA: ENTRE O TEMPO IDENTITÁRIO E O TEMPO IMAGINÁRIO	60
4.1 “Pra mim o diário foi uma volta no tempo, eu voltei no tempo quando comecei a falar de mim mesma, foi lembrança”	66
4.2 “Mesmo com o tempo correndo, o relógio voa, precisamos parar e planejar o tempo para buscar um ‘alimento’”	75
4.3 “Aqui o tempo se alonga na alegria e se encurta para a tristeza”	83
4.4 “Como educadora, nua e cruamente o ano é constituído de 200 dias letivos, começa no dia do 1º dia de aula”	95
4.5 “Eu tento ser uma pessoa melhor pra eu poder passar o que eu quero para os outros, eu acho que é bastante amplo este cuidado de si”	105
5 COMO TODO TEMPO, ESTE TAMBÉM ESTÁ CHEGANDO AO FIM: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS.....	118
ANEXOS	125

VOU LHE DIZER SOBRE O TEMPO QUE ESTIVE AQUI

Eis um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo Tempo Tempo Tempo...
(Caetano Veloso)

Nos movimentos vividos na tessitura desta dissertação, muitas coisas surgiram, tocaram e partiram, ou instalaram-se em mim, fazendo com que a menina que entrou no mestrado fosse, ao longo de dois anos, 24 meses, 730 dias, 17.520 horas, tornando-se mulher, professora, pesquisadora e sentisse o peso do caminho até a obtenção do título que tanto almejou conquistar. Tudo isso porque por mais que a luta para manter a criança interior fosse grande, e a literatura, o cinema e a música servissem como dispositivos a favor da leveza, tornei-me uma mestranda em crise com o pouco tempo para falar sobre tempo, durante um bom período.

Por isso, resolvi deixar esta escrita com a cara do que vivi, sem muitos cortes, sem muitos “deletes”. Alguns textos vão parecer repetidos, sim, vocês já leram isso no projeto de qualificação intitulado “Sobre o tempo: um ensaio para a formação docente”, mas acredito que eles fazem parte desta construção, deste tornar-se mestre – que não se efetivará apenas no dia da defesa – por isso, a opção por mantê-los. Além disso, elementos novos surgiram passada a “ressaca de outubro”, a fase de estagnação pré-construção de dados, e a insegurança do início da análise – quando ainda não havia me jogado no “baile hermenêutico” com todo o gingado e energia possível.

Neste contexto, o que encontrarás aqui é uma dissertação de mestrado inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, integrado a linha de Pesquisa 1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Seu título é *Tempos na formação docente: entre o identitário e o imaginário*, nela investiguei a relação entre o Tempo, e o Imaginário Social instituído acerca do mesmo, e a docência, em especial a formação docente, na contemporaneidade.

No texto que segue, primeiro capítulo, em “Antes de contar, é preciso contar-se: muito prazer, eu sou Monique”, encontrarás inicialmente uma apresentação

desta que lhes escreve, como forma de aproximar-me do leitor, na busca pela identificação e reconhecimento, pois tudo o que compõe estas páginas sou eu, atravessada pelos movimentos vividos e pessoas que me acompanharam até este momento. Tal disposição em narrar minha própria história de vida dá-se pela premissa de que toda a pesquisa tem um quê de auto-biografia, não pesquisamos por acaso, se olhar bem, a grande questão que movimenta o investigador já o habitava há muito tempo.

Na sequência a metodologia sob o título de “A metodologia da pesquisa: história de vida da dissertação”. Neste segundo capítulo discorro sobre os caminhos investigativos percorridos em busca de possíveis respostas ao objetivo proposto. Iniciando com a história sobre como cheguei ao tema e chegando até as vivências da construção de dados. Além disso, apresento as professoras que abriram suas vidas através de diários e, por último, trago um conto sobre uma senhora que conheci e muito me auxiliou a partir daquele instante, a Hermenêutica.

Para suprir, ou tentar suprir, a necessidade de embasamento teórico para a pesquisa, apresento no capítulo terceiro “Um diálogo requer outras vozes: alguns dos que falaram sobre o tempo”, diversos filósofos e sociólogos que desenvolveram teorias sobre o tempo. Iniciando com a mitologia, passando por Aristóteles, Santo Agostinho, Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Cornélius Castoriadis. Aqui reconheço que muitos autores importantes não foram contemplados, mas escolhas tiveram que ser feitas e resolvi amparar-me nos que já me acompanhavam há algum tempo.

Já no quarto capítulo, intitulado “Docência: entre o tempo identitário e o tempo imaginário” encontra-se a análise de dados da dissertação. Nela, em outros cinco subcapítulos discorro sobre memória, formação docente – inicial e continuada –, tempo, docência e cuidado de si sob o aporte de teorias dos respectivos temas à luz das narrativas de cinco docentes das redes públicas do município de Santa Maria.

“Como todo ciclo, este também está chegando ao fim: as considerações finais”, sob este título faço as considerações finais desta dissertação. Já um tanto cansada, apresento um reflexão a partir do que vivenciei e descobri através do trabalho. Sem a pretensão de concluir algo – como já dizia uma grande amiga: “ – Mo, nós não concluímos, simplesmente abandonamos a tese” –, nele não fiz uma retomada específica, optei por um já saudoso recordar e salientar, de todo o processo, aquilo que foi mais válido e apontou-me uma nova questão investigativa.

Para finalizar, ainda na introdução quero alertar-te, querido leitor, que brinquei com a escrita. Em alguns textos fui mais ousada, aventurei-me e exercitei a criação, outros apenas colori e salpiquei com brilhos que foram meus dispositivos de leveza – perdoe-me o exagero, caso pareça. Contudo, apresento-lhe a minha dissertação de mestrado, a dissertação da Valeska, da minha família, da Lúcia, do Celso, do Jorge, dos meus amigos, dos meus alunos. A dissertação que andou de carro, ônibus, avião, van – e andou muito de van –, a pé e até de bicicleta, a dissertação que andou comigo nos últimos tempos.

1. ANTES DE CONTAR, É PRECISO CONTAR-SE: MUITO PRAZER, EU SOU MONIQUE

Primeiro, as cores. Depois, os humanos. Em geral, é assim que vejo as coisas. Ou, pelo menos, é o que tento. (Markus Zusak)

Permita-me uma apresentação, acho oportuno dizer de mim no início desta escrita. Isso porque o leitor pode não me conhecer ainda, e seria muito indelicado despejar devaneios no papel sem nenhuma cordialidade inicial. Então, contarei sobre minha trajetória acadêmica, algumas coisas que venho trabalhando e sobre outros tantos elementos que falam a meu respeito. Começo por uma imagem



Imagem 1 – Infância
(Acervo Pessoal)

O encontro

Eis que descubro um retrato meu, aos 10 anos. Escondo, súbito, o retrato. Sei lá o que estará pensando de mim aquele guri (QUINTANA, 1973, p. 95).

Diferente de Quintana, o retrato que encontro é aos cinco anos, mas vale a utilização da poesia, visto que, para o bom leitor, meia ideia basta. Ao contrário do

meu querido poeta, não escondo a foto, observo-a com cuidado para não esquecer quem fui. Assim, utilizo-a para me apresentar, pois ela é uma das melhores representações de minha pessoa, pois acho que não sou menos criança quando visto toga.

Ao olhar para a foto mil lembranças compõem minha memória. Aqui, acho oportuno abrir um parêntese no texto, afim de argumentar brevemente acerca de dois pontos fundamentais que inspiram este trabalho pautado na memória no início deste processo formativo que é escrever uma dissertação de mestrado. A partir da perspectiva de Gilles Ferry (2004) de que formação é um “trabajo sobre sí mismo” relembrar também é formar-se, e neste sentido a memória tem um papel fundamental, buscando,

Identificar as experiências de formação na constituição da história de vida constitui um trabalho de compreensão hermenêutica (ou trabalho biográfico), visto que a identificação destas experiências não é dada e que estas só podem ser nomeadas e descritas quando se constrói a significação de cada uma delas para o conjunto do percurso de formação (DELORY-MOMBERGER, 2009, p. 249).

Quando sento para escrever esta produção tão significativa para minha formação, (re)lembrar os caminhos que me trouxeram até este lugar torna-se dispositivo de formação. Ao contar minha história percebo o quanto ela influenciou o tema que escolhi para tratar no Mestrado, a maneira com que escrevo, minhas opções profissionais, enfim, sou feita dos momentos que vivi ao mesmo tempo em que vou construindo novas vivências.

Eu poderia descrever como foi minha formatura da Educação Infantil, ocasião da foto acima, lembro-me de várias coisas. Ou poderia criar um conto com muitos episódios inventados sobre esta mesma noite. Posso também misturar os dois, aumentar ou diminuir os acontecimentos, afinal, como bem disse Mario Quintana “a memória possui uma caixa de lápis de cor”. Mas meu objetivo não é narrar minha história de vida, apesar dela ser a apresentação mais completa do que sou. Sobre o dia da foto, dois acontecimentos principais ficaram marcados em minha memória e estes irei compartilhar deixando para o leitor associá-los, ou não, a mim. Primeiro: faltou luz. Segundo: o Papai Noel disse que eu tinha cara de namoradeira.

Manoel de Barros, em suas Memórias Inventadas, inventa-se, inventa histórias de sua infância, conta-se, e afirma “tudo o que não invento é falso”.

Inventei um menino levado da breca para me ser.
 Ele tinha um gosto elevado para o chão.
 De seu olhar vazava uma nobreza de árvore.
 Tinha desapatite para obedecer a arrumação das coisas.
 Passarinhos botavam primavera nas suas palavras (BARROS, 2008, s/p).

Eu sou uma menina. Mas se eu fosse um pássaro seria uma andorinha. Se eu fosse uma flor, seria uma rosa branca. Se eu fosse uma bebida, cerveja. Um estilo musical, Bossa Nova. Um doce, bala de goma. Uma personagem, o Pequeno Príncipe. Um livro, não, prefiro ser uma biblioteca. Um gesto, abraço. Uma cor, branco. Uma expressão, “Adoro!”.

Eu sou filha do Léo e da Maria Inês, o “bicho incomodativo” que nasceu em 15 de janeiro de 1988. Aquela para quem a Vó Jurema faz sagu quente e a Vó Rosa espera chegar todos os meses para ouvir os barulhos pela casa. Não dispenso uma cerveja com os amigos, dança e conversas sobre a vida. Não pago imposto para dormir, para chorar, nem para rir. Sou a referida nesta poesia, escrita pelo meu irmão Léo Jaime.

Irmãos Poesia

Somos tão iguais
 tão diferentes
 ela borboleta
 eu coruja
 ela ama o sol
 eu namoro “à” lua
 ela tão calma
 eu não me acalmo
 ela gata (de casa)
 eu cachorro (de rua)
 ela lê muito
 eu tento
 ela escreve bem
 eu tento também
 ela Pedagogia
 eu Enfermagem
 ela brilhante
 vai pra Europa
 eu tomo a última
 escorado na copa
 ela tão pura
 eu quase promíscuo
 ela tão saudável
 eu com alguns vícios (com licença poética)
 ela é meio Quintana
 e eu tão Vinícius...

Além disso, sou Licenciada em Pedagogia, estou cursando, a passos lentos, o Bacharelado em Filosofia, digo que estou cursando para ter a sensação de que

não deixei o curso de lado, apesar de tê-lo trancado nos últimos dois semestres. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social – GEPEIS, e faço Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação, todos na Universidade Federal de Santa. Ainda, estou professora substituta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Alegrete.

No retrato que me faço
 - traço a traço –
 às vezes me pinto nuvem,
 às vezes me pinto árvore...
 às vezes me pinto coisas
 de que nem há mais lembrança...
 ou coisas que não existem
 mas que um dia existirão...
 e, desta lida, em que busco
 - pouco a pouco –
 minha eterna semelhança,
 no final, que restará?
 Um desenho de criança...
 Corrigido por um louco!
 (QUINTANA, 2005a, p.130)

Ouçõ Novos Baianos em pleno ano de 2013, me presenteei com um cantil de uísque no dia da mulher e não resisto a roupas de estampas floridas. Eu quis ser Bailarina, Astronauta, Assistente Social, Cantora. Fui Rainha de Carnaval, tive amigos imaginários e aprendi a andar de bicicleta aos vinte e quatro anos, porque queria muito conhecer Ipanema, já que não fui “a garota”.

Escrever sobre si não é uma tarefa fácil, requer desapego de muitas vergonhas, filtros que nos são impostos culturalmente, receios de parecer pretensiosa ou pouco verdadeira. Ao contar sobre mim, ressalto que esta é a Monique de agora, daqui um ano escreveria de maneira totalmente diferente, estarei observando-me sob outra perspectiva. Mas por ora sou assim, atravessada por poesias, músicas, estudos e muitas paixões. E este universo compõe minha formação, desde bastante tempo atrás.

Aos dezessete anos, decidi fazer Pedagogia pensando na docência universitária desde o início. Até andei passeando por outras áreas que envolvem a formação do pedagogo, mas o Ensino Superior é o que me atrai, o que me movimenta.

Dentro da graduação em Pedagogia, tive o privilégio de entrar para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS, e este grupo,

ou esta minha segunda família, é quem me oportuniza vivências singulares na academia, amizades para a vida toda, aprendizagens mais que significativas e muitos momentos de estudos, viagens, trabalho e boas risadas.

Saindo da graduação, iniciei o curso de Bacharelado em Filosofia, a fim de conhecer melhor este campo do conhecimento tão rico e importante para a educação. Mas, durante o semestre, minha visão de filosofia foi ampliada, e eu passei a entendê-la como uma ciência que “fala sobre a vida para a vida”. Um dia, passeando pela Feira do Livro de Porto Alegre encontrei um pequeno livro que, de súbito, me chamou atenção, e é esta preciosa obra que cito para complementar meus comentários sobre a opção em fazer Filosofia.

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz (EPICURO, 2002, p. 21).

Poucos semestres de Filosofia bastaram para que eu percebesse a riqueza desta área. Ao iniciar o curso de maneira bem despreziosa não imaginava o quanto iria me envolver nas temáticas, muito menos sua complexidade. Entretanto, atualmente tranquei-o devido ao trabalho, mas nesta dissertação retomo alguns estudos e, ter diferentes filósofos como minhas principais referências, faz com que eu permaneça próxima deste “mundo de Sofia”.

Outro dia, uma amiga comentou que havia concurso para Professor Substituto no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Alegrete. Sem muita coisa a perder além de um pouco de tempo - e veremos logo mais que tempo é uma coisa muito relativa. Acabei fazendo a referida seleção. Entre o dia em que decidi concorrer e minha estreia em sala de aula passaram-se duas semanas e eu iniciei, meio as tontas, meio de susto, minha carreira docente. Entretanto, inspirada na frase que decora a parede do meu quarto, de uma poesia chamada *A verdadeira arte de viajar*, aprendi que,

A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa,
Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo.
Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali...
Chegamos de muito longe, de alma aberta e coração cantando!
(QUINTANA, 2005a, p. 22).

Hoje, no meu terceiro semestre como professora no Ensino Superior, já digo com total certeza que não seria nada além de docente. Nem Bailarina, nem Cantora, meu palco é a sala de aula. Neste chão, através das músicas, dos textos, livros, poesias e filmes, compartilhamos vivências, histórias e alegrias. Aos poucos, numa atmosfera de amizade e aprendizagem, nos formamos a cada dia. Nos cursos de licenciatura nos quais trabalho, me realizo com os educandos, brincamos, rimos, aprendemos e nos descobrimos professores juntos. E este é um ponto muito interessante da profissão, pois ao mesmo tempo em que me experimento, me sinto mais segura para falar em formação de professores ao vivenciar estes dois lados, o de estudante no mestrado e docente no Instituto.

Quando entro na sala de aula recitando Quintana e vejo o quadro cheio de equações de Álgebra; ao levar um filme e ver as meninas chorando com “A língua das mariposas” e pensando em serem professoras inesquecíveis; ao trabalhar Paulo Freire com as turmas saídas do laboratório de Química e instigá-las a pensar metodologias que aproximem educando e conhecimento; ou quando eles simplesmente não querem conteúdos e ficamos conversando sobre suas vidas, angústias e conquistas. Nestes momentos sei que estou plantando sementes e quero vê-las dar bons frutos, pois acredito na educação, ainda mais numa educação pautada pelo sensível, pela arte, pela leveza, pelo cuidado de si. Desta forma, tento ser uma professora que utiliza “vasodilatadores” como escreve o querido amigo Pedro Marodin.

Então, meus queridos, não deixem de dar um tempo, de respirar, de oxigenar a alma, não deixem que a falta de poesia e a abundância de químicos e rigidez do currículo das faculdades os acorremem e os insensibilizem no processo de ensino.

Percebam a beleza das flores, se emocionem com o canto dos pássaros, com o som delicado das páginas das ondas virando uma após a outra na margem dos rios, se humanizem em vez de se anestesiarem com os problemas do mundo.

Eu, como poeta, não vejo o coração como os cardiologistas veem essa coisa orgânica, rítmica e previsível, eu enxergo o coração como se fosse um sino pulsando dentro do nosso corpo, badalando invisível naquela que é a torre mais alta da igreja da nossa alma, tocando e dançando constante e freneticamente anunciando a grande e maravilhosa festa da vida (MARODIN, 2011, p. 38).

São estas vivências, é esta história de vida que me levou ao tema da minha dissertação, ao tema da pesquisa sobre a qual escrevo. Falar em Tempo e Formação de Docente, tudo isso atravessado pelo Imaginário, é o conjunto das

experiências que estou tendo ao longo da vida e formação, no sentido amplo da palavra.

Sempre gostei de brincar com a imaginação. Desde as amigas imaginárias, à escrita de contos, poesias, e historietas que guardo a sete chaves, porque apesar de não ser considerada uma pessoa tímida, ainda não criei coragem de mostrar meus escritos. Mesmo assim sigo escrevendo o mundo, quando estou feliz, triste, cansada, e principalmente, quando estou apaixonada. Mas, agora escrever tomou outro sentido, contudo, quando sento para escrever a dissertação, penso-a como um grande poema, quero que seja leve e, quando ela pesa, invento.

Fomos formados no mato - as palavras e eu. O que de terra a palavra se acrescentasse, a gente se acrescentava de terra. O que de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água. Porque nós íamos crescendo de em par. Se a gente recebesse oralidades de pássaros, as palavras receberiam oralidades de pássaros. Conforme a gente recebesse formatos da natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza. Em algumas palavras encontramos subterrâncias de caramujos e de pedras. Logo as palavras se apropriavam daqueles fósseis linguísticos. Se a brisa da manhã despetalasse em nós o amanhecer, as palavras amanheciam. Podia se dizer que a gente estivesse pregado na vida das palavras ao modo que uma lesma estivesse pregada na existência de uma pedra. Foi no que deu a nossa formação. Voltamos ao homem das cavernas. Ao canto inaugural. Pegamos na semente da voz. Embicamos na metáfora. Agora a gente só sabe fazer desenhos verbais com imagens. Tipo assim: Hoje eu vi outra rã sentada sobre uma pedra ao jeito que uma garça estivesse sentada de tarde na solidão de outra pedra. Foi no que deu a nossa formação. Eu acho bela! Eu acompanho (BARROS, 2008, s/p).

Enfim, querido leitor, espero que com estas palavras, estas histórias (re)inventadas possas ter conhecido um tanto de mim. Ao longo do texto desta dissertação, ainda contarei muitas outras coisas, e tudo o que estiver no papel, é parte dos atravessamentos de minha vida e formação.

2. A METODOLOGIA DA PESQUISA: HISTÓRIA DE VIDA DA DISSERTAÇÃO

Como é duro o destino de um fazedor de livros! É preciso cortar e recoser para dar sequência às ideias. (Gaston Bachelard)

Compor uma dissertação de mestrado é mais do que uma simples escrita, é preciso sentir a caminhada, mergulhar nas leituras, envolver-se na construção dos dados, amarrar com capricho os enlaces entre as teorias, dançar a valsa da análise sem perder o ritmo, enfim, viver o tema, ser o produto final que você deseja.

Em muitos momentos não soube como, nem o que, continuar escrevendo. Quando isso acontecia, dava uma folheada em alguns livros que me cercavam, procurava palavras bonitas, inspiração para minha escrita. Me perdia entre Calvino, Rilke, Quintana, Vinícius, e acabava me distraíndo nas leituras. Isso porque, cada autor recorre a “seus santos” na hora da escrita, cada um inspira-se em momentos distintos de sua trajetória de vida.

Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e, tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo (ASSIS, 1997, p. 18).

Como Dom Casmurro ao iniciar a escrita de seu livro, também evoquei os que habitam meu imaginário. Minha tarefa agora é a de escrever, contar sobre o que tenho feito e estudado nestes últimos meses, nestes últimos anos. Então, peço aos escritores que me inspiram, ajudem-me a ser bonita de ler.

Quando decidi fazer Mestrado em Educação, não imaginava quão difícil é esta arte de tecer uma dissertação, a escrita solitária, a criação, a responsabilidade com a obra, a organização das próprias ideias pensando num prazo longínquo de vinte e quatro meses que passaram num piscar de olhos. Mas, como bem escreve Rainer Maria Rilke (1961, p. 32-33).

Aí o tempo não serve de medida: um ano nada vale, dez anos não são nada. Ser artista não significa calcular e contar, mas sim amadurecer como a árvore que não apressa a sua seiva e enfrenta tranqüila as tempestades da primavera, sem medo de que depois dela não venha nenhum verão. O verão há de vir. Mas virá só para os pacientes, que aguardam num grande

silêncio intrépido, como se diante deles estivesse a eternidade. Aprendo-o diariamente, no meio de dores a que sou agradecido: a paciência é tudo.

Toda produção tem um quê de auto-biografia, algo de (re)invenção de si, nela está impresso aquilo que nos atravessa. Pesquisamos o que nos movimenta, analisamos, por mais neutros que possamos tentar ser, com os óculos de nossas singularidades. Por pensar assim, sei que esta dissertação me apresenta, que é como me olhar no espelho. Talvez seja por isso a demora para “entrar no clima” do dissertar, as inúmeras conversas com pessoas que vivenciaram, ou vivenciam este processo, e a vontade incansável de fazer bonito.

No mês de março de 2011 iniciei nas aulas do Mestrado em Educação. Disciplinas a escolher, liberdade para estudar durante todo o dia, a tão desejada “bolsa de mestrado” garantida e um desejo de mudar o mundo com a dissertação. Seis meses depois, no primeiro dia do mês de agosto comecei a trabalhar, sentia imensa necessidade de novas experiências, mas não sabia a via de mão dupla que havia entrado. Deste então muito falei sobre o tempo, e lutei com ele também, hoje percebo que nenhum de nós venceu. Como velhos conhecidos fizemos um acordo desses que os cavalheiros fazem.

Assim, chega a hora de contar como as coisas aconteceram. Como vivi e o que fiz nestes últimos 24 meses em que fui mestranda e como minha dissertação foi produzida. Alguns vão chamar isso tudo de *metodologia da pesquisa*, irão apontar para este capítulo como quem encontra uma luz no fim do túnel e confortarão seu academicismo. Mas eu gostaria de chamar o que contarei aqui de “História da vida da dissertação”, repleta do sentimento de quem viveu para contar a vida do trabalho, esta figura quase humana, com quem compartilhei momentos intensos.

Muitas vezes senti uma imensa dificuldade em escrever – não gostaria que minha dissertação tivesse este tom dolorido, mas também não acho justo mentir ao leitor, dizer que tudo foram flores e que as coisas sempre fluíram. Eu lutei contra este ato solitário me envolvendo num clima poético, propício, prazeroso. A cada momento de escrita me coloco em meio aos escritores preferidos, algumas músicas, uma bebida, e me sinto armada para lutar contra a falta de palavras.

Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho. Sou tentado de repente a encontrar nesse mito uma

alegoria da relação do poeta com o mundo, uma lição do processo de continuar escrevendo (CALVINO, 1990, p. 16).

Sempre acreditei ser necessário criar um estilo para a escrita. Busco isso em cada produção, mostrar quem sou através do que escrevo. Fazer com que o leitor, meu destinatário, enxergue meus cabelos crespos, minhas unhas vermelhas, o jeito com que olho a tela, saiba que “eu não nasci de óculos”, e perceba que existo aqui no casulo, que escrevo meus pensamentos para que alguém os leia e isso provoque um movimento de mudança. Por isso, inspirada em Mario Quintana (1973, p.165), justifico a pessoalidade que implico neste ato de dissertar quando ele escreve que “Tudo já está nas enciclopédias e todas dizem as mesmas coisas. Nenhuma delas nos pode dar uma visão inédita do mundo. Por isso é que leio os poetas. Só com os poetas se pode aprender algo novo.”

Digo isso porque produzir na academia já se tornou algo tão banal, que em muitos momentos lemos dois ou três artigos e nem percebemos que eram obras diferentes. Tudo tem estado tão igual, tão sem cor. Quem sabe é chegada da hora de voltarmos nosso olhar para a aquarela da criatividade e darmos uma colorida nas produções? Talvez devêssemos alçar voos criativos e ousar mais em nossos textos?

Em muitos momentos brinquei de dissertar, busquei associações com a literatura, ouvi músicas e tentei escrever versos. Em outros, foi sofrível sentir esta obrigação em fazê-lo. Tudo dependia muito do contexto – dos hormônios – e da inspiração. A meu ver, a pesquisa é um ato de criação, e, por isso, não precisa ser igual à todas as outras, deve ter o toque do pesquisador, seu suor, seu choro e seu riso, condição *sine qua non* para a efetivação da noção de autoria.

2.1 De como cheguei ao tema: tempo de partir em busca da ilha desconhecida

E a ilha desconhecida, perguntou o homem do leme, A ilha desconhecida não passa duma ideia da tua cabeça, os geógrafos do rei foram ver nos mapas e declararam que ilhas por conhecer é coisa que se acabou há muito tempo (SARAMAGO).

Na ocasião da opção pelo curso de Mestrado em Educação, era preciso definir uma temática a ser investigada, para que assim fosse possível concorrer à seleção. E como foi difícil encontrá-la! Parecia que tudo já havia sido pesquisado, e dentre os assuntos que me atraíam, nenhum deles me despertava real curiosidade. Certo dia, uma amiga que estava em processo de doutoramento me disse “Mo, sem tesão não sai nem tesinha”, e eu recordo isso para dizer que sem tesão não sai, também, dissertação.

Como cheguei ao tema? Muitas andanças em busca de minha ilha desconhecida...

Ainda na graduação em Pedagogia, tive a oportunidade de entrar em contato com diferentes assuntos, pesquisas e vivências, tanto nas disciplinas curriculares do curso, quanto nos projetos em que fui bolsista de Iniciação Científica.

O GEPEIS mereceria um capítulo a parte na dissertação, pois é um capítulo essencial em minha formação, em minha vida. Através dele eu cresci, conheci lugares, pessoas, criei e trabalhei bastante. Em Recife, no ano de 2011, comprei um caleidoscópio de um cara que usava um funil como chapéu, figura ímpar, super sensível. Conto isso porque, para mim, o grupo é um caleidoscópio, colorido, sempre com um arranjo diferente, feito de mil pedaços. A Valeska não usa um funil na cabeça, mas com seu sorriso sincero e alma de passarinho, deixa a gente livre e nos impulsiona a criar no grupo, super sensível.

Em, *O livro dos abraços*, Galeano (2010, p. 13) escreve uma historietta chamada *O mundo* e eu utilizo-a para falar sobre o GEPEIS

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir ao céus.

Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

– O mundo é isso – revelou. – Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.

Também sou uma destas fogueirinhas no GEPEIS. Este grupo é responsável pela escolha da temática desta dissertação, o Imaginário. Entrei no grupo quando estava no quarto semestre do curso de Pedagogia, desde então venho estudando

nesta perspectiva e posso dizer que já nas primeiras leituras e as distintas discussões que realizamos, o Imaginário é o meu tema, o que mais me atrai. Por isso, pretendo neste trabalho, colocá-lo em movimento, aprofundar alguns conceitos que venho estudando envoltos no tema que tanto me instiga, o Tempo.

Nesta etapa da escrita, para contar sobre como cheguei ao tema, associo minhas andanças a um texto, de José Saramago, intitulado “O conto da ilha desconhecida”. Neste, o autor relata a história de um homem que bate a porta do rei para pedir-lhe um barco:

Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu lhe pudesse dizer, então não seria desconhecida, (SARAMAGO, 1998, p. 17).

Encontrar o tema da dissertação é sair em busca de uma ilha desconhecida. Existem várias ilhas mapeadas pelos Geógrafos, assim como existem muitas pesquisas em Educação sobre inúmeros temas. Nunca tive a pretensão de encontrar um tema inédito, mas busquei minha ilha, pois “homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas” (Ibid, p. 27).

Com o GEPEIS, venho estudando sobre Formação Docente e Imaginário Social, há aproximadamente cinco anos, e a este grupo que atribuo maior parte de minha formação, no sentido amplo da palavra. Quando chegou a hora de definir a problemática do mestrado, não recorri a lugar diferente, fui ao “cais”, procurar o barco que levaria pelos mares. Numa conversa com a Valeska, inicialmente pensamos que eu poderia tratar da questão do Tempo, sob a ótica de Cornéluis Castoriadis (1982). Num outro momento, já que estávamos a trabalhar com Formação Docente pelo viés do Cuidado de Si de Foucault (2010), surgiu a ideia e juntarmos as três temáticas e trabalharmos com professores municipais de Santa Maria.

Um ano após esta escolha, percebemos que Tempo, requeria tempo, dedicação, cuidado. Já nos estudos preliminares à pesquisa, vimos que a questão do Tempo é demasiada ampla. Então, por ser o Tempo algo que dá “muito pano pra manga”, resolvemos, após longas conversas, debates e muita dúvida, tratar nesta

dissertação apenas da relação Tempo/Imaginário/Formação. O Cuidado de Si, outra teoria que tenho apreço, vai estar presente em diversos momentos da escrita, mas, uma pesquisa mais atenciosa sobre ela ficará para oportunidades futuras. Naquela época, não teria pernas para tanto, nem estudos, nem tempo.

Assim, foi-me dado o barco para sair em busca de minha ilha desconhecida:

O capitão do porto disse, Vou dar-te a embarcação que te convém, Qual é ela, É um barco com muita experiência, ainda do tempo em que toda a gente andava à procura de ilhas desconhecidas, Qual é ele, Julgo até que encontrou algumas, Qual, Aquele. (...) Parece uma caravela, disse o homem, Mais ou menos, concordou o capitão, no princípio era uma caravela, depois passou por arranjos e adaptações que a modificaram um bocado, Mas continua a ser uma caravela, Sim, no conjunto conserva o antigo ar, E tem mastros e velas, Quando se vai procurar ilhas desconhecidas, é o mais recomendável (SARAMAGO, 1998, p. 28-31).

Tendo a temática definida, a bordo de meu barco rearranjado, iniciei minha viagem em busca da ilha desconhecida. Formação, Imaginário e Tempo, estes são os temas da dissertação que ainda escrevo, temas que busquei constantemente entrelaçar com imagens literárias. Como o Tempo e a maneira com que o pensamos influenciam nossa vida? Se o Tempo é uma construção imaginária, porque não o reinventamos? Sobre isso ainda penso antes de dormir, quando acordo, enquanto tomo banho, na hora do almoço, da viagem até o trabalho, enquanto estudo, na hora que escrevo, na hora da janta, na hora, na hora, na hora...

No conto que utilizo para relatar sobre como cheguei ao tema, o homem que queria encontrar sua ilha desconhecida encontra alguém para lhe ajudar, a mulher da limpeza do castelo do Rei, que sai atrás do homem e dispõe-se a auxiliá-lo em busca da ilha. O homem, após ter seu barco, procura marinheiros dispostos a serem sua tripulação enquanto a mulher faz alguns reparos necessários ao barco. Deste modo, também tenho pessoas dispostas à viajar comigo, nisto tive mais sorte que o homem do conto, e estas pessoas, amigos, autores, professores, amparam minha busca.

Como para reabastecer o barco e convidar mais amigos para a viagem, a parada para a qualificação foi de extrema importância para a tomada de novos rumos e direções. Os professores que gentilmente analisaram os caminhos que eu vinha percorrendo me acharam solitária, sugeriram mais vida em minha viagem. E com eles pude perceber que meu barco realmente carecia da tripulação que eu dizia

querer problematizar. Assim, desci, fui à escolas e convidei algumas professores para navegarem comigo.

Assim, em busca de minha ilha desconhecida, se constituíram os objetivos desta pesquisa: relacionar conceitos filosóficos sobre o Tempo, ao Imaginário Social instituído acerca do mesmo e suas influências para Formação Docente na contemporaneidade; além de apresentar um estudo acerca algumas teorias e autores que tratam da questão do Tempo, como uma introdução à reflexão da instituição imaginário do mesmo em nossa sociedade.

Enfim, com os objetivos apresentados acima, minha bagagem de vida, a tripulação que me acompanha e demais atravessamentos que vão surgindo, “pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.” (SARAMAGO, 1998, p.62)

2.2. Coleta de dados da dissertação: a criação de um tempo para falar sobre o tempo¹

“– É uma ampulheta? Eu sempre quis ter uma!” (Indira Gandhi)

Quando o relógio já marcava quase meio dia, e o público do café passou a chegar para o almoço, encerramos nosso encontro e a cada diário que as professoras me emprestavam, eu retribuía presenteando-as com uma ampulheta. Há algumas horas atrás, a ideia inicial era tentarmos falar sobre doze temáticas, que íamos tirando uma a uma, na seguinte ordem:

Eu sou do tempo que...
 O diário foi...
 Como você se relaciona com o tempo?
 Se eu tivesse mais tempo...
 Cronos nos governa?
 Um lugar e um tempo imaginário.
 E por falar em sexo, quem anda me comendo é o tempo...
 Tempo e docência.
 Tempo e cuidado de si.
 O tempo na formação de professores é...
 Escola: tempo ou tempos?
 Lá bem no alto do décimo segundo andar do ano vive uma louca chamada esperança...

¹ Caro leitor, neste subcapítulo o tempo flui para trás.

Primeiramente, teríamos o tempo de uma ampulheta que estava em cima da mesa, mas desde a primeira cartela concluímos que o tempo da ampulheta era pouco para nosso desejo de compartilhar experiências. Neste encontro compareceram quatro das professoras e passamos uma manhã chuvosa, cheirando à café e pão de queijo, falando sobre o Tempo e a escrita nos diários. Passadas as festividades de final de ano, no dia 05 de janeiro de 2013, com as “esperanças renovadas” reunimo-nos em uma cafeteria de Santa Maria para conversarmos.

Como aquela que encerra o ciclo, enviada do mesmo lugar que a primeira, no dia 20 de dezembro a última carta foi postada. Ela continha algumas reflexões sobre os ciclos, em especial o ciclo do ano e a renovação da esperança, fazendo relação com o desejo humano de dominar Cronos através desta divisão do tempo. Nela também contei o referido mito como ilustração da eterna disputa entre os homens e o tempo, a fim de chamar atenção para o tema e incitar uma despedida.

Há dois meses enviei-lhe um caderninho com o pedido que compartilhasses teus momentos com ele até o final do ano. Nele escrevesse sobre teus dias, teu trabalho, relações, formação, prazeres e, principalmente, sobre o tempo e como você se relaciona com ele. Assim como o ano, o ciclo do diário está encerrando, e é sobre isso que hoje escrevo.

(...)

Nesta última carta, escrevo sobre o fim de um ciclo porque juntamente com o final do ano, o ciclo do diário está encerrando. Por isso, gostaria que escrevesse sobre este tema, como você percebe os movimentos cíclicos do tempo instituído socialmente. Também realizasse uma escrita de despedida do ano, como uma carta ao tempo que virá, simbolizando o fechamento do diário.

Algum tempo antes no dia 10 de dezembro enviei a seguinte carta de Palmeira das Missões:

Lendo o livro *Sonhos de Einstein*, escrito por Alan Lightman (1993), encontrei a seguinte história...

24 de abril de 1905

Neste mundo existem dois tempos. Existe o tempo mecânico e o tempo corporal. O primeiro é tão rígido e metálico quanto um imenso pêndulo de ferro que balança para lá e para cá, para lá e para cá, para lá e para cá. O segundo se contorce e remexe como uma enchova na baía. O primeiro não se desvia, é predeterminado. O segundo toma as decisões à medida em que avança.

Muitos não acreditam que o tempo mecânico exista. Quando passam diante do grande relógio na Kramgasse, não veem; tampouco escutam suas badaladas quando estão despachando pacotes na Postgasse ou caminhando entre flores na Rosengarten. Usam relógios de pulso mas apenas como ornamentos ou como cortesia para aqueles que acreditam ser instrumentos de medição de tempo um bom presente. Em suas casas eles

não têm relógios. No lugar deles, ouvem a batida dos seus corações. Eles sentem os ritmos de seus humores e desejos. Essas pessoas comem quando sentem fome, vão para o trabalho, na chapelaria ou no laboratório, na hora em que despertam do seu sono e fazem amor a qualquer hora do dia. Essas pessoas riem só de pensar no tempo mecânico. Sabem que o tempo movimenta-se espasmodicamente. Sabem que o tempo se arrasta para a frente com um peso nas costas quando estão levando uma criança às pressas para o hospital ou quando têm que sustentar o olhar de um vizinho que foi vítima de alguma injustiça. E sabem também que o tempo atravessa em disparada seu campo de visão quando estão saboreando uma boa comida com amigos ou sendo elogiadas ou quando estão deitadas nos braços de um amante secreto.

Por outro lado, há aqueles que pensam que seus corpos não existem. Eles vivem de acordo com o tempo mecânico. Levantam-se às sete da manhã. Almoçam ao meio-dia e jantam às seis. Chegam aos compromissos pontualmente, na hora marcada. Fazem amor entre oito e dez da noite. Trabalham quarenta horas por semana, leem o jornal de domingo no domingo, jogam xadrez nas terças à noite. Quando seus estômagos reclamam, olham no relógio para saber se é hora de comer. Quando começam a ficar desatentos em um concerto, olham o relógio acima do palco para ver quando tempo falta para ir para casa. Sabem que o corpo não é o resultado de uma mágica fantástica mas uma coleção de elementos químicos, tecidos e impulsos nervosos. Pensamentos não são mais que oscilações elétricas no cérebro. Excitação sexual não passa de um fluxo de elementos químicos para as extremidades de certos nervos. Tristeza nada mais é que um pouco de ácido transfixado no cerebelo. Em resumo, o corpo é uma máquina, sujeito às mesmas leis da eletricidade e da mecânica que um elétron ou um relógio. Portanto, uao falar do corpo deve-se usar a linguagem física. E, se o corpo fala, é a fala de nada mais que um número de alavancas e forças. O corpo não é uma coisa a que se obedece e sim uma coisa em que se manda.

Respirando-se o ar noturno ao longo do rio Aare, é possível encontrar evidências de dois mundos em um. Um barqueiro calcula a posição de seu barco no escuro contando os segundos em que é levado pelo curso de água. “Um, três metros. Dois, seis metros. Três, nove metros.” Sua voz rasga a escuridão com sílabas claras e seguras. Sob um poste de luz na ponte Nydegg, dois irmãos que não se viam fazia um ano bebem e riem. O sino da catedral de St. Vicent bate dez vezes. Em segundos, apagam-se as luzes dos apartamentos perfilados na Schiffflaube, numa perfeita resposta mecanizada, como as deduções da geometria de Euclides. Deitados à margem do rio, dois amantes olham preguiçosamente para o céu, despertados de um sono atemporal pelos distantes sinos da igreja, surpresos por perceberem que a noite caiu.

Onde os dois tempos se encontram, o desespero. Onde os dois tempos se separam, a satisfação. Pois, milagrosamente, um advogado, uma enfermeira, um confeitiro podem construir um mundo em qualquer um dos tempos, mas não nos dois. Cada tempo é verdadeiro, mas as verdades não são as mesmas. (p. 24-28)

Como você percebe o tempo, e a passagem dele, na sua vida?

A quarta carta, remetida de Alegrete no dia 20 de novembro, continha um trecho do projeto de dissertação que discutia a relação entre Tempo, Imaginário e Formação. O envio desta escrita foi com a intenção de levar as professoras refletir sobre o assunto e instigar a escrita a partir dele.

A terceira carta, outro cartão postal, foi enviado de Paris, na França, no dia 22 de novembro, com a seguinte provocação²

Paris é uma festa, aqui a vida parece menos acelerada!
Então me questiono: Cada lugar possui um tempo instituído?
Escreva sobre um lugar imaginário e crie um novo tempo.

A segunda carta, um cartão postal, foi enviado de São Paulo no dia 08 de novembro de 2011 com o seguinte questionamento

O tempo é visível em todos os lugares!
O que é o tempo?

Após a primeira carta, enviada de Santa Maria, elas receberam um e-mail, no dia 28 de outubro de 2012, com um vídeo da música “O caderno”, de Toquinho.

Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco
Até o be-a-bá.
Em todos os desenhos
Coloridos vou estar
A casa, a montanha
Duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel...
Sou eu que vou ser seu colega
Seus problemas ajudar a resolver
Te acompanhar nas provas
Bimestrais, você vai ver
Serei, de você, confidente fiel
Se seu pranto molhar meu papel...
Sou eu que vou ser seu amigo
Vou lhe dar abrigo
Se você quiser
Quando surgirem
Seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá
Num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel...
O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado
Se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente
O que se há de fazer...
Só peço, à você
Um favor, se puder
Não me esqueça
Num canto qualquer...

² Em decorrência da distância, este cartão postal enviado de Paris chegou até as professoras após a segunda quinzena de janeiro de 2013, quando elas já haviam entregado os diários.

Entre os dias 24 de outubro de 2012 e 05 de janeiro de 2013 as professoras mantiveram seus diários, receberam seis cartas e um e-mail, com provocações sobre Tempo, Formação Docente e Cuidado de Si. Ainda, procurei enviá-las de distintos lugares para que as provocações chegassem com o cheiro do mundo. A opção por trabalhar em cartas veio da simpatia que tenho por elas, carta tem cheiro, tem sentimento. Também, como passo pouco tempo do dia na cidade de Santa Maria, tentei construir uma maneira de estar perto das professoras sem precisar estar sempre presente. Por isso o diário, por isso as cartas, por isso apenas um encontro. Agora, ao escrever sobre isso, me veio a lembrança de um “causo” de Eduardo Galeano (2010, p. 66) muito inspirador

Nos antigamentes, dom Verídico semeou casas e gentes em volta do botequim El Resorte, para que o botequim não se sentisse sozinho. Este causo aconteceu, dizem por aí, no povoado por ele nascido.

E dizem por aí que ali havia um tesouro, escondido, na casa de um velhinho todo mequetrefe.

Uma vez por mês, o velhinho, que estava nas últimas, se levantava da cama e ia receber a pensão. Aproveitando a ausência, alguns ladrões, vindos de Montevideo, invadiram a casa.

Os ladrões buscaram e buscaram o tesouro em cada canto. A única coisa que encontraram foi um baú de madeira, coberto de trapos, num canto do porão. O tremendo cadeado que o defendia resistiu, invicto, ao ataque das gazuas.

E assim, levaram o baú. Quando finalmente conseguiram abri-lo, já longe dali, descobriram que o baú estava cheio de cartas. Eram as cartas de amor que o velhinho tinha recebido ao longo de sua vida.

Os ladrões iam queimar as cartas. Discutiram. Finalmente, decidiram devolvê-las. Uma por uma. Uma por semana.

Desde então, ao meio-dia de cada segunda-feira, o velhinho se sentava no alto da colina. E lá esperava que aparecesse o carteiro no caminho. Mal via o cavalo, gordo de alforjes, entre as árvores, o velhinho desandava a correr. O carteiro, que já sabia, trazia sua carta nas mãos.

E até São Pedro escutava as batidas daquele coração enlouquecido de alegria por receber palavras de mulher.

Das que enviei às professoras, a primeira carta levou consigo um pequeno caderno, para ser adotado como diário. Nela, após uma apresentação minha e dos objetivos da dissertação, escrevi o seguinte pedido:

Estou enviando-lhe esta carta junto com o pedido que caminhes comigo na estrada desta dissertação de mestrado e me conte sobre você, seus tempos, sua vida, sua docência. Assim, neste primeiro momento, peço-lhe que escrevas no caderno, que segue junto com a carta, uma narrativa de sua história de vida e formação, refletindo sobre o tempo que a envolve.

No dia 06 de outubro de 2012 fui a um dos encontros do projeto “Em tempos de formação – o cinema, a vida e o cuidado de si. Exercícios autobiográficos e

coletivos na atividade docente” para fazer um convite à professoras contando a proposta de minha pesquisa. Este projeto é desenvolvido pelo GEPEIS com professores da rede pública do município de Santa Maria e trabalha visando “compartilhar experiências acerca da formação de professores, o cinema e a educação, e tem como principal objetivo perceber a relação dos professores com o cinema, especificamente a importância que esse tem em suas vidas”. (RECH; OLIVEIRA; BREZOLIN et.al., 2012, p. 1).

Neste cenário, em plena Concha Acústica do Parque Itaimbé, conversei sobre o tempo com aproximadamente vinte professoras e deixei o aviso de que entraria novamente em contato. Uma semana depois, enviei uma mensagem via Moodle com uma provocação à pesquisa, salientando como aconteceria nossa interação durante o período de construção dos dados. Em aproximadamente dez dias recebi e-mail de seis professoras interessadas em participar.

O desejo de aprofundar cada vez mais os estudos filosóficos sobre o Tempo me impediu de considerar a possibilidade de pesquisa empírica até o momento da qualificação. Lembro-me como se fosse hoje da banca examinadora dizendo em uma só voz: “Vá à campo Monique!”. Fato que na época foi extremamente difícil assimilar, hoje percebo que foi a riqueza desta experiência que deu sentido à dissertação, pois as vivências que este trabalho me proporcionou foram formativas no sentido amplo do conceito. Durante muito tempo resisti à coleta empírica de dados.

Um pêssego marrom, murcho, é retirado da lata de lixo e colocado na mesa para ficar rosado. Ele fica rosado, endurece, é levado em um saco de compras para a mercearia, colocado em uma prateleira, removido e encaixotado, devolvido à árvore com botões rosados. Neste mundo, o tempo flui para trás (LIGHTMAN, 1993, p. 99).

2.3. Aquelas que trouxeram vida à investigação: as docentes e seus fios de histórias

Existe um grupo de cinco pessoas muito importantes para esta dissertação. Elas trouxeram o que faltava à pesquisa, seus risos, lembranças, sonhos, cotidianos,

histórias de vida e jeitos. Com elas e sobre elas escrevi tudo o que lhes apresento, sem elas não teria tanta graça. Mas, de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria³, não posso divulgar a verdadeira identidade destas professoras que me acompanharam, e aí surgiu a necessidade da criação de pseudônimos.

Mas como encontrar uma maneira especial de chamar cada uma delas? Tão distintas e, ao mesmo tempo, tão parecidas. Pensei em utilizar nomes de flores, super-heroínas, músicas com nomes de mulheres, importantes teóricas da educação, etc., e acabei chegando ao ponto do qual sempre parto: livros. Elas serão mulheres personagens de livros, entre as minhas preferidas, aquelas que eu achar que tem identificação com cada uma.

Antes de chegar às mulheres, (re)li Haroun e o Mar de Histórias, um belíssimo livro escrito por Salman Rushdie (2010) que conta a história de um garoto chamado Haroun cujo pai era um contador de histórias chamado pelos que o admiravam de “Rashid – O Mar de Ideias”, e pelos seus rivais de “Xá do Blá-blá-blá”. No mundo em que eles viviam uma coisa era sabida: “que o mundo real era cheio de magia, de modo que os mundos mágicos podem muito bem ser reais” (p. 38).

Certo dia, após sua mãe os abandonar, Haroun e seu pai partiram em viagem para uma cidade triste que havia chamado Rashid para contar histórias felizes – isso porque as histórias contadas por ele produziam seus efeitos nas pessoas que ouviam. E aí começa uma grande aventura, na qual o menino conhece o “Mar de Fios de Histórias” de onde seu pai bebia a água todos os dias.

E assim Iff, o Gênio da Água, contou a Haroun sobre o Mar de Fios de Histórias, e embora o garoto estivesse se sentindo fracassado e sem esperanças, a magia daquele Mar começou a exercer um efeito sobre ele. Olhou para a água e reparou que ela era feita de milhares e milhares e milhares de correntes diferentes, cada uma de uma cor diferente, que se entrelaçavam como uma tapeçaria líquida, de uma complexidade de tirar o fôlego; e Iff explicou que aqueles eram os Fios de Histórias, e que cada fio colorido representava e continha uma única narrativa. Em diferentes áreas do Oceano havia diferentes tipos de histórias, e como todas as histórias que já foram contadas e muitas que ainda estavam sendo inventadas podiam se encontrar aqui, O Mar de Fios de Histórias era, na verdade, a maior biblioteca do universo. E como as histórias ficavam guardadas ali em forma fluida, elas conservavam a capacidade de mudar, de se transformar em novas versões de si mesmas, de se unir a outras histórias e assim se tornar novas histórias; de modo que, ao contrário de uma biblioteca de livros, O Mar de Fios de Histórias era muito mais que um simples depósito de narrativas. Não era um lugar morto, mas sim cheio de vida.

³ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria sob o registro nº 10004913.7.0000.5346.

“E se você for um sujeito muito, muito cuidadoso, e muito, muito habilidoso” disse Iff a Haroun, “você pode mergulhar uma xícara neste mar, assim olha”, e tirou uma xicarazinha dourada do outro bolso do colete, “e pode enchê-la com a água de um único Fio de História, purinho, assim” e fez exatamente isso, “e aí pode oferecê-la para algum juvenzinho que está triste, para que a mágica da história lhe restaure o ânimo.” “Então”, concluiu Iff, “vamos lá, vire tudo, dê um bom gole que vai te fazer bem. Você vai se sentir Classe A, Número Um, garantido!” Haroun, sem dizer palavra, pegou a xicrinha dourada e bebeu (RUSHIDIE, 2010, p. 57-58).

Assim como Haroun, fui ao “meu Mar dos Fios de Histórias” e bebi algumas xícaras. Uns Fios tinham o sabor saudoso dos livros antigos, outros a imponência dos clássicos da literatura, também Fios mais novinhos e nem tão conhecidos, mas nem por isso menos saborosos. E assim (re)encontrei Clarissa, Alice, Indira Gandhi, Poliana e Sira Quiroga.

Primeiro Clarissa com ar de quem tem quase um século e, ao mesmo tempo, ainda é uma adolescente do interior que vai para outra cidade com o sonho de tornar-se professora. Ingênua, bastante observadora, detalhista e delicada, é como se aquela Clarissa jovem que descobria o mundo no livro escrito por Erico Veríssimo em 1933, estivesse agora nos contando sobre o que se tornou com o passar dos anos.

Clarissa mergulha na sombra do arvoredado, toda cheia de crivos de sol. Ergue os braços, põe-se na ponta dos pés, entesa o busto, pondo em relevo mais forte os seios que mal apontam. Segura com ambas as mãos o galho de um pessegueiro, dobra os joelhos e deixa o corpo cair num abandono gracioso. Os ramos se agitam, as flores se desprendem e tombam como uma chuva de pequenas borboletas rosadas. Olhos cerrados, cabeça inclinada para trás, Clarissa solta uma risada.

Amaro franze a testa. Este momento é de beleza, mas vai fugir...

Muitos instantes luminosos como este já lhe passaram diante dos olhos. Quantas vezes ele estendera os braços, na vã tentativa de prender um raio de sol...

De dentro da casa sai uma voz:

- Clarissa!

Clarissa perfila-se, conserta o vestido e responde:

- Que é, titia?

- Vem pra dentro, menina. Está na hora do colégio.

O rosto da criaturinha ensombrece. O colégio... Livros, mapas, Ouviram do Ipiranga as margens plácidas... classes, cabeças curvadas sobre cadernos, cochichos, murmúrios e uma vontade doida de sair para o sol, de correr, ver a rua, as pessoas, as casas, o cucu, os bondes, os automóveis... (1995, p. 8)

Em seguida *Alice*, curiosa e espevitada, não consegue ficar parada e está sempre inventando alguma coisa. Ao mesmo tempo é séria e não hesita quando precisa tomar decisões ou fazer críticas. Diferente da Alice de Lewis Carrol que

viveu em 1832, esta daqui não entra numa toca de coelho, não encolhe, nem espicha quando come bolinhos, mas age para criar um mundo de sonhos e fantasias dentro da escola em que é gestora, fazendo da instituição um verdadeiro país das maravilhas.

Alice estava começando a se cansar de ficar ali sentada ao lado da irmã no barranco e não ter nada que fazer: uma ou duas vezes espiara o livro que sua irmã estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?” Assim, meditava com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor daquele dia era tal que ela se sentia sonolenta e entorpecida) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de levantar-se e colher as margaridas, quando de repente um coelho branco com olhos rosados passou correndo perto dela (CARROL, 2010, p. 11).

Ativa e muito bela, *Indira Gandhi*, com seu porte elegante, dedicada ao trabalho e à família é uma daquelas mulheres que, por amor, vai para uma batalha – mas sem deixar de lado maquiagem e salto alto. A Indira do livro escrito por Javier Moro (2011) também passa a vida dedicando-se as mesmas coisas que a Indira desta dissertação, e ainda reserva tempo para doar-se em trabalhos voluntários, um exemplo de força e cuidado de si.

Nem sequer nesse dia Indira deixou de se interessar pelos assuntos da família. Quando voltou para casa depois de uma jornada extenuante no Parlamento e no seu escritório da South Block, trancou-se com Usha para dirimir questões que mereciam a mesma atenção que as discutidas durante o dia: como Organizar a festa nacional do Dia da Republica sem saber o resultado da guerra, por exemplo, ou o que dar de presente a Sonia em 9 de dezembro, dia de seu aniversário, e elaborar uma lista de presentes para o próximo natal (p. 126).

Uma *Poliana* não imaginava que encontraria, mas, de fato, ainda existem pessoas que exercitam o jogo do contente. Romântica, saudosa, sentimental, a Poliana que nasceu em Tupanciretã e radicou-se em Santa Maria fala sobre sua vida com esperança e alegria, por mais que existam contratempos. Como a personagem de Eleanor Hodgman Porter (2013, p. 17-18), encarar a vida com uma atitude otimista é o que une estas duas.

- Você parece não ter dificuldade para ficar contente com tudo que acontece
- respondeu Nancy, recordando as tentativas de Poliana para ficar contente com o quartinho do sótão.
- Poliana sorriu docemente.
- Pois o jogo é assim mesmo, não sabe?
- Jogo? Que jogo?
- Sim, o “jogo do contente”.
- Sobre o que você está falando, menina?

- É do jogo. Papai me ensinou, e é lindo – disse Poliana. – Nós o jogamos desde que eu era pequena. Eu ensinei para as senhoras da caridade e algumas delas também o jogavam.
- Mas o que é? Eu não entendo muito de jogos.
- Poliana riu de novo, porém com um suspiro. Seu rosto parecia tristonho.
- Começamos a jogá-lo quando recebemos umas muletas na coleta de doações.
- Muletas?
- Sim, muletas. Eu queria uma boneca e papai escreveu pedindo uma. Mas, quando chegaram as doações, não havia nenhuma boneca, e sim umas muletas de criança. Uma senhora as enviou pensando que poderiam ser úteis para alguém. E foi assim que começamos.
- Mas não estou vendo nenhum jogo nisso – declarou Nancy, quase irritada.
- O jogo é exatamente encontrar, em tudo, alguma coisa para ficar contente, não importa o quê – respondeu Poliana com ar sério. – E começamos com as muletas.
- Eu não vejo nada para ficar contente. Receber um par de muletas quando queria uma boneca!
- Poliana bateu palmas.
- É isso – gritou ela – eu também não percebi logo e papai teve que me explicar.
- Pois então me explique – retorquiu Nancy, impaciente.
- Pois o jogo consiste em ficar contente porque não precisamos delas! – exclamou Poliana, triunfante. – Veja como é fácil quando se sabe.

Levei algum tempo para pensar esta personagem. Uma mulher daquelas que acorda cedo e vai à luta, que possui uma enorme força, mas pouco aparenta que por traz do seu jeito manso existe um lindo interior. Determinação, muito trabalho, sensibilidade e ousadia, tais características lembraram-me de um livro chamado *O tempo entre costuras*, escrito por María Dueñas (2010) e sua belíssima personagem principal, Sira Quiroga.

Trabalhei manhã, tarde e noite ao longo dos dias seguintes. Era a primeira vez que eu fazia peças daquela envergadura sozinha, sem a supervisão, nem a ajuda de minha mãe ou de dona Manuela. Por isso, apliquei na tarefa os cinco sentidos multiplicados por cinquenta mil, e, contudo, o medo de falhar não me abandonou nem por um segundo. Desmanchei mentalmente os modelos das revistas, e quando as imagens não podiam me oferecer mais nada, afiei a imaginação e intuí tudo aquilo que não consegui visualizar (p. 124),

Assim apresento-lhes minhas personagens principais, as pedi emprestado para outros autores, acredito que eles irão entender minha situação e receber isso como pequenas homenagens à suas obras. Para as queridas professoras, de antemão peço desculpas caso alguma não se sinta contemplada com minhas associações, foi o que surgiu pensando em cada uma de vocês.

2.4 A necessidade do encontro: uma Senhora chamada Hermenêutica⁴

Ela mora sozinha na montanha, distante de tudo e, ao mesmo tempo, com uma visão mais ampla que qualquer outro. Sua casa é feita de escritas, livros de literatura e poesia, complexas teorias, e falas cotidianas. Não sei em que águas se banha, ouvi dizer que é velha, e de tão solicitada e desconhecida – no meu imaginário – parece uma gigante recém nascida. Quem a conhece diz que a Senhora é feita de livros e possui tatuado em seu corpo a marca de grandes nomes da filosofia e outras ciências. Que alimenta-se de discursos. Anda nua, exclui-se de qualquer modismo e tendência. Ela é mais ela, e ponto.

Enquanto a vida de todo mundo seguia, o verão acontecia de forma linda e intensa, por mais que estivéssemos longe do mar e o povo festejava o Carnaval, por ocasião do Mestrado em Educação, me mandaram conhecê-la. Pois, com os dados empíricos à mão, interpretar agora tornou-se meu grande desafio. Terror de quase todos os mestrandos e doutorandos, pintam-na como um bicho de sete cabeças que cospe fogo, queima laudas escritas, provoca panes nos computadores e, como se não bastasse, sopra no ouvido da banca examinadora que aquilo não faz sentido algum. Eu tive muito medo dela.

Conversei com alguns conhecidos na mesma situação e o que eles disseram não foi muito animador: *“Que livro você está lendo?”*, *“Eu não consigo compreender!”*, *“Eu estou tentando, mas preciso aprofundar!”*, *“Estou agarrado ao livrinho laranja da Delory!”*, *“Como você está usando?”*.

Difícil, árdua tarefa. Escalar a montanha para tentar conhecê-la de perto? Será que ainda dá tempo? Para tentar uma solução, fui à biblioteca – em qualquer outra ocasião iria aos bares, mas não ousei devido a complexidade do problema. E, neste momento, conhecer a tal Senhora já havia se tornado um.

A biblioteca, para mim, é centro de encontro daqueles que tem o que dizer aos outros. Gosto de passar algumas tardes entre os livros, ouço a voz dos autores, me familiarizo com teorias, descubro coisas novas. Lá, andando pelos corredores de

⁴ Este subcapítulo diz respeito às teorias que utilizarei para a análise dos dados empíricos da dissertação. A intenção aqui é apenas apresentar cada um dos autores que me auxiliaram, e suas contribuições, de forma sucinta, visto que comporão ao longo da dissertação os entrelaçamentos entre teorias e narrativas.

livros escolhi alguns e sentei para conversarmos sobre a questão que mobiliza este texto, sobre aquela que desejo, e preciso, conhecer. *O que é hermenêutica?*

Com seu semblante de senhora elegante, enrolada em uma echarpe azul marinho, Maria Cecília de Souza Minayo (1994) apressou-se em iniciar a conversa e disse que para a hermenêutica as narrativas dos sujeitos são situadas ao seu contexto a fim de melhor compreender as falas dos atores sociais. E que ela leva em consideração o contexto sócio-histórico dos envolvidos, fato que me levou à primeira relação com a teoria do Imaginário Social, lembrando que Castoriadis (1982) diz que tudo o que se apresenta a nós, no mundo sócio-histórico, está indissociavelmente tecido no simbólico. Também disse que ela alimenta-se de discurso porque tem como ponto de partida o interior da fala, trabalhando com os sentidos e os significados explicitados nas narrativas.

Pedindo licença para entrar na roda, vestido de branco, e alegando poder contribuir com meu entendimento sob a ótica dos “símbolos e estórias de vida”, José Carlos de Paula Carvalho (1998) iniciou seu discurso falando sobre a *arte da interpretação*. Em suas palavras, “a problemática por ela [hermenêutica] envolvida consiste em como tornar acessível, e em que sentido, o sentido de um texto, desvendando a intencionalidade do autor.” (p.56). Ele também diz que o ato de interpretar não é posterior ao de entender, isso porque, todo o entendimento já é, em essência, interpretativo.

Lembrando outros estudiosos que poderiam participar de nossa conversa ele diz que

Rambach, nas “*Institutiones hermeneuticae sacrae*”, de 1723, dizia que não podemos compreender as palavras de um autor se não soubermos o afeto de que promanam, de modo que a compreensão como desvendamento da intenção e do sentido interior é descoberta da subjetividade instaurativa e, ao mesmo tempo, da “ressonância” afetiva que Schleiermacher colocava como “diálogo” à base da própria hermenêutica (Ibid., p. 62).

Isso me leva a pensar que esta “arte de interpretar” requer uma predisposição à escuta do outro, seja ele uma pessoa, texto, discurso, imagem, sociedade, mundo. Também, que esta abordagem tem como um dos seus requisitos a consciência do meio social habitado por este outro. Isso porque, para Carvalho (Ibid.), a hermenêutica não é uma técnica, e sim o próprio ato de compreender.

Após ouvir o que os demais haviam falado, Christine Delory-Momberger (2008) largou sua xícara de chá na mesa ao lado e começou a falar, com seu

sotaque francês que poderia me ajudar na dissertação, falando sobre a abordagem hermenêutica pelo viés da (auto)biografia. Num tom de grande conhecedora do assunto, ela disse que a Senhora que vive na montanha está mais perto do que eu poderia imaginar, pois habitou as escritas das professoras nos diários, e me acompanha neste processo dissertativo.

Essa atividade de *biografização* aparece assim como uma *hermenêutica prática*, um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reposta a um *si mesmo*. Esses espaços-tempos biográficos não são, entretanto, criações espontâneas, nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e tem origem nos modelos de figuração narrativa e nas formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem (p. 27).

Neste cenário, ela ainda afirma que a dimensão hermenêutica da narrativa (auto)biográfica institui um modo de compreensão apropriado ao estudo dos fenômenos humanos, superando as explicações físico-causais das ciências naturais. Constatação esta que me serve de berço para as leituras que venho desenvolvendo a partir das narrativas escritas (auto)biográficas das professoras que me acompanham na dissertação.

O último a começar a falar era o mais experiente de todos, Paul Ricoeur disse que conhecia a Senhora de longa data, e nenhum de nós tinha dúvida disso visto que os demais inspiravam-se nele. Então o francês, com sua cara de bom velhinho, tirou da bolsa seus volumes de *Tempo de narrativa* (2010) e apresentou uma articulação mais que apropriada para minha dissertação. Em suas palavras

O mundo exposto por toda a obra narrativa é sempre um mundo temporal. Ou, como repetiremos várias vezes no curso desta obra: o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal (Vol I, p. 9).

O caráter temporal das narrativas torna-se foco na fala de Ricoeur, ele teoriza sobre Hermenêutica buscando enfatizar esta particularidade no tocante à narrativas. Além disso, discute a teoria sobre o tempo de Santo Agostinho como base para o que irá propor. Ele ainda diz que reconstruir o conjunto de operações pelas quais uma obra se eleva, ou um discurso se constrói é tarefa da Senhora em questão.

A partir dos diálogos que traçamos pude compreender que a Senhora vive de decifrar pensamentos, interpretar mensagens. Que de certa forma eu também sou

um pouco esta Senhora no momento em que interpreto a realidade e me pergunto o sentido dela, ou quando me disponho a, através de narrativas, decifrar a relação entre as professoras e o tempo. Também, que a realidade é um texto que se deixa interpretar, e que o sentido de um texto necessita de interpretação para existir.

Seguimos conversando um bom tempo, cada um dos meus novos conhecidos buscava acrescentar mais elementos e me dar coragem para o encontro que se seguiria. Eles sabiam que eu deveria subir a montanha sozinha, me deram o alicerce, uma bagagem de sobrevivência, mas a caminhada era minha, rumo ao encontro com a Senhora que agora já nem assusta tanto. Como se deu o desfecho desta história toda? Você verá ao longo da dissertação.

3. UM DIÁLOGO REQUER OUTRAS VOZES: ALGUNS DOS QUE FALARAM SOBRE O TEMPO

A hora
São muitos os que morrem antes, outros depois; o difícil é acertar a hora.
(Mario Quintana)

O processo de dissertação é de constante descoberta. Acredito, hoje, que quando ingressamos no mestrado não temos de fato consciência do que ele exija, ou represente, ou nos faça aprender. Se tivesse hoje que definir em algumas palavras o que representa este “ser mestrando” entre elas estariam *busca* e *descoberta*. A ideia inicial do projeto de pesquisa é um ponto minúsculo perto do que virá em seguida, como aquela imagem do fio que você começa a puxar e cada vez ele fica mais comprido, e no final você tem um grande emaranhado nas mãos.

De maneira bem despretensiosa, certa vez, em uma conversa com a Valeska, tivemos a ideia de que minha dissertação poderia tratar de questões relativas ao Tempo, num primeiro momento, apenas partir da teoria do Imaginário Social de Cornélius Castoriadis (1982). Ao longo dos estudos iniciais, fui percebendo que as discussões sobre o Tempo, tomado por alguns como psicológico, por outros como construção social, como imaginário, e até como algo inexistente, iam muito além do que eu esperava. E assim, iniciei meu percurso pela Mitologia, Filosofia e Sociologia em busca de mais explicações.

Mas reconheço que seria uma ideia megalomaniaca querer apresentar nesta pesquisa todos os estudiosos de renome que já dissertaram sobre este assunto. Na pesquisa, assim como ao longo de toda a vida, estamos sempre fazendo opções, escolhendo parceiros, nos aproximando de uns e de outros nem tanto. Enquanto estudava o Tempo na perspectiva do Imaginário Social minha necessidade de conhecer outras filosofias, outros autores e seus pontos de vista cresceu e me levou por caminhos novos e sedutores.

Então, abandonar o amor? Não. Mas é preciso escolher. Porque o tempo foge. Não há tempo para tudo. Não poderei escutar todas as músicas que desejo, não poderei ler todos os livros que desejo, não poderei abraçar todas as pessoas que desejo. É necessário aprender a arte de “abrir mão” – a fim de nos dedicarmos àquilo que é essencial (ALVES, 2011, p. 11).

No momento em que eu quis estudar o mundo inteiro o filtro do próprio tempo – meu tempo cotidiano e o tempo que tenho para desenvolver a dissertação – me disse para fazer opções, elencar autores, enfim, delimitar. Período difícil e cercado de incertezas, mas, com o intuito de construir uma linha de raciocínio significativa para o campo da Filosofia e do Imaginário, escolhi alguns autores para visitar de maneira mais atenta.

A partir disso, neste capítulo apresentarei algumas teorias sobre o Tempo – os meus eleitos. Primeiramente o mito de Cronos, o Titã controlador, depois Aristóteles e as relações entre tempo, movimento e alma, passando por Santo Agostinho e suas proposições sobre passado, presente e futuro, além da polêmica questão da eternidade. Também, recorro a Bachelard e sua poética do instante quando este discorre sobre os tempos sobrepostos, e a Durand e o tempo nas estruturas antropológicas do imaginário. Ainda, chego em Castoriadis para dizer do tempo simbólico e cronológico no Imaginário Social.

3.1 Cronos: há um mito por trás de todas as coisas

Titã significa soberano, rei, Cronos é um Titã. Também chamado Saturno, é considerado o Deus do Tempo. Os Titãs, filhos de Úrano (Céu) e Geia (Terra) são ambiciosos, revoltados e indomáveis, simbolizam não apenas as forças brutas da natureza, mas também exprimem a oposição à espiritualização harmonizante, e tem por meta a dominação.

Segundo o mito, Cronos, ambicionando o governo do mundo, destronou seu pai Úrano e casou-se com Reia, conhecida por ter gerado os deuses dos quatro elementos. Seus pais, Úrano e Geia, possuíam conhecimento do futuro, e haviam dito que Cronos também seria destronado por um de seus filhos. Assim, o Deus do Tempo, que se converteu num déspota ao alcançar o poder e, temendo esta previsão, passou a engolir seus filhos um a um, na medida em que iam nascendo.

Deste modo foram sendo devorados Héstia, Deméter, Hera, Hades e Posídon. Até que, contrariando Cronos, Reia fugiu para a ilha de Creta enquanto gerava seu último filho, Zeus, e assim que ele nasceu o entregou aos cuidados dos Curetes e das Ninfas. No retorno, Reia deu ao seu marido uma pedra enrolada em

um manto e o mesmo a engoliu crendo ser o último filho. Ao atingir a idade adulta Zeus iniciou a luta contra seu pai e num primeiro momento, com a ajuda de Metis, fez com que Cronos vomitasse todos os filhos que havia engolido. Deste modo iniciou a luta pelo governo do mundo entre os deuses comandados por Zeus e os Titãs comandados por Saturno.

Enfim, Zeus e seus irmãos venceram a batalha com a ajuda dos Ciclopes e dividiram com um sorteio quem governaria qual parte do universo. Desta forma, Héstitia tornou-se Deusa-virgem da lareira e do fogo central da terra; Deméter, Deusa-mãe da terra da agricultura e da colheita; Hades, Deus da morte e das forças do Mundo Subterrâneo; Posídon, Deus do mar, das fontes e lagos; Zeus, Rei dos deuses, Deus do céu; e Hera, Rainha dos deuses, esposa de Zeus.⁵

Mitos são narrativas criadas pelas sociedades, que transitam entre as gerações a fim de apresentar uma maneira de explicar determinados fenômenos, acontecimentos ou costumes. Brandão (2010, p.40) diz que “Em síntese, os mitos são a linguagem imagística dos princípios. ‘Traduzem’ a origem de uma instituição, de um hábito, a lógica de uma gesta, a economia de um encontro.” Frente a isso, é perceptível que uma consciência mítica permeia nosso imaginário e nossas ações cotidianas. No mito de Cronos, ele destrói tudo o que cria e, atualmente, associações a este fato são bastante recorrentes em nossa sociedade, a queixa sobre esta entidade que vem consumindo o cotidiano e as pessoas.

Todas as sociedades têm a sua mitologia, um conjunto de histórias sagradas sobre os deuses que versam sobre o significado cósmico, desde a criação até o que ocorre após a morte. As pessoas repetem essas histórias há milhares de anos para melhor compreender o mundo e suas próprias vidas (WILKINSON, 2010, p. 10).

Para compor esta dissertação sobre o Tempo, um estudo sobre o mito faz-se fundamental por vários motivos. Entre eles, porque existe um mito sobre o Deus do Tempo, ou seja, Cronos; ainda porque, a Mitologia considera o tempo numa outra perspectiva, a do sagrado, circular, aquele que volta sobre si mesmo; também porque, alguns dos filósofos que trago nesta pesquisa, baseiam-se no mito e consideram-no fundamental para a criação e manutenção de imaginários.

O mito é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre

⁵ Para (re)escrever este mito, utilizei as seguintes obras: Vasconcellos (1998); Wilkinson (2010); Brandão (2010).

incessantemente; não é, absolutamente, uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática (Ibid., p. 44).

A narrativa do mito de Cronos que apresentei, pode ser entendida como uma versão, isso porque, em se tratando de mito não há uma única verdade, ou a história de maneira exata, eles são narrativas flexíveis que se adaptam a mudanças e novos conhecimentos.

O mito é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schèmes que tende a se compor em relato, ou seja, que se apresenta sob forma de história. Por esse motivo, já apresenta um início de racionalização. (...) É ainda função do mito fornecer modelos de comportamento, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade (PITTA, 2005, p.18).

Pensar o Tempo a partir do seu mito originário, nos leva a considerar que somos filhos do mesmo e por ele também somos devorados, consumidos. Passamos toda uma vida lutando contra aquele que nos criou, envolto em sua instituição, vivemos governados por este *soberano Rei*. Assim o tempo pode ser entendido como controlador do universo desde seus primórdios, fato que é retratado na teoria agostiniana, em Bachelard e em Durand.

Entretanto, este Tempo no sentido mitológico é circular, porque os homens primitivos não aceitavam o tempo como algo irreversível. Neste contexto, valorizar o tempo sagrado do mito tornou-se indispensável, numa tentativa de burlar o tempo linear. Para a mitologia o tempo da vida é um tempo profano.

3.2 Aristóteles: a relação entre tempo, alma e movimento

No momento em que a sociedade buscava outras formas de explicar seu entorno aparece a Filosofia. Nesta tentativa de racionalizar a origem das coisas e os fenômenos do universo surgem grandes pensadores que, assim como os mitos, possuem significativa influência em nosso imaginário contemporâneo. Dentre eles, tratarei aqui da questão do Tempo na perspectiva de Aristóteles (384 - 322 A.C.).

Para explicar o Tempo, Aristóteles utiliza-se das concepções de alma, natureza e movimento, tentando entender como esta relação acontecia. Inicialmente,

para ele os movimentos eram derivados da natureza a partir da existência de um primeiro motor. Sobre isso, Rafael (2005, p. 3) traz que

O Primeiro Motor ou Motor Imóvel é responsável pelo princípio do movimento dado na causa eficiente ou final. O Motor é o que move sem ser movido. Segundo Aristóteles, o Primeiro Motor é a causa do movimento das estrelas e das esferas celestes. Ele é necessário; existe de um único modo e não pode ser de outro; é eterno, incorruptível e imóvel. Necessário, porque os seres movidos necessitam de um movente que os mova. Eterno, pois não foi criado e se encontra dentro da eternidade de movimento e tempo que são eternos. Imóvel, devido ao fato de o movimento exigir uma força infinita que não possa provir dos entes, mas é causa última do movimento dos entes. Incorruptível, pois não possui a matéria que é passível de corrupção.

Este ser perfeito, este Primeiro Motor, foi o que Aristóteles chamou de Deus, pois é ele o ser imutável que movimenta o universo. Entretanto, atrelado à questão do movimento natural, o filósofo apresenta o estudo da alma e aponta que percebemos o Tempo através desta. Para ele, os seres dividem-se em animados e inanimados, ou seja, os que possuem ou não o princípio da vida, o que ele chama de alma.

Retomando o princípio da investigação, digamos então que o animado se distingue do inanimado pelo viver. E de muitos modos diz-se o viver, pois dizemos que algo vive se nele subsiste pelo menos um destes – intelecto, percepção sensível, movimento local e repouso, e ainda o movimento seguindo a nutrição, o decaimento e o crescimento (ARISTÓTELES, 2006, 413a20, p. 74).

Na visão aristotélica sobre a alma, ele aponta que a mesma possui distintas faculdades, entre elas a nutritiva, a sensitiva e a intelectiva. Destas, duas possuem relação direta com o Tempo, a que trata da percepção sensível e a do intelecto. Neste cenário o Tempo só pode ser percebido pela alma, por se tratar de algo abstrato.

Para Aristóteles, Tempo é algo que não pode ser compreendido sem estar unido ao movimento. Ainda, para que haja a noção de tempo que temos, é indispensável a existência de seres animados, pois nossa concepção de tempo se dá a partir da relação entre passado, presente e futuro. E para que, neste sentido, o tempo exista é necessário que a alma recorde um passado e espere o futuro (PUENTE, 2001).

Assim, no que se refere à relação Tempo, alma e movimento, todo o movimento tem relação com o Tempo, pois ele se dá num determinado tempo e

aquele é o que nos permite perceber este. Ou seja, a partir do momento em que o Primeiro Motor colocou o mundo em movimento, a temporalidade foi instituída. Deste modo, esta linha de raciocínio influenciará o que mais tarde Santo Agostinho escreverá sobre esta mesma questão, no sentido de que antes da criação não existia Tempo.

3.3 Santo Agostinho: da eternidade às relações entre presente passado e futuro

Quando me propus dissertar sobre o Tempo, um filósofo medieval surgiu como indispensável ao trabalho, visto que ele pode ser apontado como uma das referências dos que virão a seguir, para concordar com sua teoria, ou criticá-la. Santo Agostinho, em uma de suas obras mais relevantes, discorre sobre Tempo buscando responder as questões levantadas na época sobre a criação do mundo e a eternidade das coisas.

O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não o sei (AGOSTINHO, 2011, p. 273).

Dentro da obra de Agostinho, em um dos treze livros que compõem *Confissões* (2011), o filósofo discorre sobre a complexidade do Tempo, e afirma sua dificuldade em expor o assunto. Falar em Tempo, na sua filosofia, surge através da necessidade de discorrer sobre a eternidade, pois ao problematizar a criação do mundo, ele a associa diretamente com a criação do Tempo partindo de um pressuposto atemporal.

Agostinho, ao ser questionado sobre porque Deus levou tantos séculos para criar o mundo, sobre o que Deus fazia antes desta criação, defende sua posição dizendo que antes da criação do céu e da terra não havia tempo. Nas palavras do próprio “Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazíeis o próprio tempo” (Ibid. p. 274).

Deste modo, ao falar em criação ele traz o conceito de *criação ex nihilo*, ou seja, a partir do nada, sem pré-existência. O filósofo afirma que, tudo é criação divina, por isso, coisa alguma pode decorrer de Deus, isso porque, se algo fosse

gerado a partir Dele, seria tão eterno quanto. Como tudo é mutável e perecível, Deus criou o mundo e as coisas a partir do nada. Contudo, não existe nada semelhante à Deus e sua eternidade.

Abrindo parênteses no texto, ao escrever a última frase me recordo uma frase do Mario Quintana (1973, p. 181) que diz, “Mas só Deus - que é único, que não tem par - poderia dizer o que é solidão”.

Retomando, outro ponto da filosofia agostiniana que possui estreita ligação com o Tempo, é o que se refere à felicidade ou a beatitude. Para iniciar, trago Vaz (2009, p. 15).

Mas, enfim, o que é a felicidade ou beatitude? É aqui, pois, que o tema da felicidade toca à problemática do tempo, que é o que nos interessa diretamente neste trabalho. Sem embargo, não nos cabe desenvolver toda a engenhosa dialética agostiniana, sobre o que seja a felicidade, mas cumpre ao menos estabelecer que um dos caracteres irrecusáveis dela, em Agostinho, é a imutabilidade, isto é, para se obter a felicidade é “(...) necessário que se procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida”⁶.

Deste modo, tudo o que foi criado pelo Senhor não é coeterno como o mesmo, então, a felicidade duraria apenas o tempo de existência do objeto amado. Assim, só se é feliz ao amar Deus, o único que não perece com o tempo. Fora Ele, nenhum bem pode trazer felicidade ao homem visto que tudo está sujeito à mutabilidade e fim. Com isso, ao filosofar sobre a duração limitada de tudo o que foi criado por Deus, Agostinho traz à baila outro ponto importante de sua teoria, a existência fragmentária do Tempo.

Para ele, o Tempo pode ser pensado sob três perspectivas, o passado, o presente e o futuro. Ao passo que, o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou e o presente torna-se pretérito a cada instante. E o que colocamos nas relações temporais são impressões mentais de tempo passado (memória); tempo futuro (expectativa); tempo presente (passado presente e futuro presente).

Neste ponto, a título ilustrativo desta teoria trago uma poesia da polonesa Wislawa Szymborska (2006, p. 46).

As três palavras mais estranhas

Quando pronuncio a palavra Futuro

⁶ AGOSTINHO. **A Vida Feliz**. II, 11. Trad. Nair Assis de Oliveira. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

a primeira sílaba já pertence ao passado.

Quando pronuncio a palavra Silêncio,
destruo-o.

Quando pronuncio a palavra Nada,
crio algo que não cabe em nenhum não-ser.

O que Szymborska escreve na primeira estrofe da poesia é a tradução da noção de temporalidade de Agostinho. O “não ser” como característica congênita do Tempo. Como aponta o próprio filósofo

Uma hora compõe-se de fugitivos instantes. Tudo o que dela já debandou é passado. Tudo o que ainda resta é futuro. Se pudéssemos conceber um espaço de tempo que não seja susceptível de ser subdividido em tais partes, por mais pequeninas que sejam, só a este podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado que não tem nenhuma duração. Se tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo, o tempo presente não tem nenhum espaço (AGOSTINHO, 2011, p. 276).

Enfim, na concepção agostiniana, somos levados a pensar o Tempo como algo criado por Deus, no mesmo instante da criação do céu e da terra. Ainda, que o mesmo, por ser aquele que torna tudo mutável e passageiro, é o que rege os movimentos de todas as coisas, exceto o Senhor. Esta perspectiva metafísica do tempo relaciona eternidade e temporalidade de maneira que este modo de pensar ainda repercute na filosofia atual. Ao, por ora, fechar a dissertação sobre a obra de Santo Agostinho, trago outro fragmento de suas *Confissões* (Ibid., p. 282).

Falamos do tempo e mais do tempo, dos tempos e ainda dos tempos. Andamos constantemente com o “tempo” na boca: “Por quanto *tempo* falou este homem?” “Quanto *tempo* não vi aquilo?” “Esta sílaba longa tem o dobro de tempo daquela sílaba breve”. Dizemos e ouvimos semelhantes expressões. Os outros nos compreendem e nós os compreendemos.

3.4 Gaston Bachelard: sobre a descontinuidade do tempo

Entre as inspirações para a dissertação que ora escrevo, Gaston Bachelard (1884-1962), além de ser um autor do imaginário que utiliza-se da literatura em suas teorias, traz alguns conceitos sobre o Tempo, os quais apresentarei neste instante.

A propósito, instante é uma palavra muito utilizada pelo mesmo ao abordar a referida temática.

Um dos aspectos interessantes da teoria bachelardiana, se dá pelo filósofo explora duas vertentes do psiquismo humano, a conceitualização e o devaneio, que culminam respectivamente na ciência e na poesia. Pitta (2005, p. 16), ao falar sobre o ele, diz que,

Pode-se considerar que com Bachelard, definitivamente, em relação às ciências humanas, a visão do homem como se fosse um objeto deixa de ser a mais importante. Segundo o filósofo, a validade do conhecimento é a mesma, seja ele adquirido pela experimentação ou pela poesia.

Bachelard, na tentativa de contrapor a tese proposta por Bergson sobre a continuidade, elabora toda uma teoria sobre as lacunas na duração. Seus estudos sobre Tempo podem ser encontrados nas obras *A instituição do instante* (2010) e *A dialética da duração* (1988a). Nelas o autor discorre sobre, ritmanálise, instante, dualidade da duração, alternância temporal, densidade e extensão, trazendo o Tempo, pensado sob outra perspectiva, a de que a única realidade temporal é a do instante, o que torna o tempo fundamentalmente descontínuo.

Ora, a partir do momento em que nos havíamos exercitado um pouco, pela meditação, na tarefa de esvaziar o tempo vivido daquilo que ele tem de excessivo, na tarefa de seriar diversos planos de fenômenos temporais, percebemos que estes fenômenos não *duravam* todos do mesmo modo e que a concepção de um tempo único, levando embora nossa alma e as coisas para sempre, só poderia corresponder a uma visão de conjunto que resume de forma muito imperfeita a diversidade temporal dos fenômenos (BACHELARD, 1988a, p. 6).

Critica o bergsonismo, porque, nesta concepção, estaríamos todos entregues a uma continuidade imediata e profunda, sem rupturas. Ao contrário disso, em sua teoria, o interior da duração é heterogêneo, visto que ativa o ritmo da criação e da destruição, da obra e do repouso. Nas palavras de Bachelard “Há, portanto, acima do tempo vivido, o tempo pensado. Esse tempo pensado é mais aéreo, mais livre, mais facilmente rompido e retomado. É nesse tempo matematizado que estão as invenções do Ser.” (Ibid., p.24).

Deste modo Bachelard tenta instituir a ideia de que é preciso admitir a alternância temporal, uma dualidade temporal. Assim, os fenômenos podem ser sobrepostos e criados psicologicamente. Ele diz que para termos impressões de

duração, devemos substituir as recordações fazendo delas momentos reais, e nesta dialética revivemos os tempos inativos.

É necessário observar, ademais, que a primeira característica encontrada por um psicólogo cuidadoso no exame dos fenômenos temporais, traz o signo da dualidade fundamental da duração. (...) O ser alternativamente perde e ganha no tempo; a consciência se realiza nele ou nele se dissolve. É impossível, portanto, vivenciar o tempo totalmente no presente, ensinar o tempo numa só intuição imediata (Ibid., p. 37).

Ao definir o Tempo como uma série de rupturas, como algo que não pode ser pensado apenas no presente, nos diz que não podemos o pensar como algo contínuo e uniforme, como fez a física até nossos dias. Isso porque sobrepomos temporalidades de acordo com nossas vivências, sensações e lembranças, o que traz à baila, juntamente com a teoria da relatividade, a ideia de o pluralismo temporal, de duração relativa.

E nesse tempo dinâmico, plural, composto por lembranças, rupturas e instantes que se entrelaçam, é que vamos nos constituindo. Assim, ao longo da vida, vamos encontrando metáforas para ilustrar o tempo e, segundo Bachelard, fazemos dele o único fator das ligações nos domínios mais variados: vida, música, pensamento, sentimentos, história.

3.5. Gilbert Durand: o desejo humano de dominar Cronos

Outro filósofo que não poderia deixar de compor este estudo é Gilbert Durand, este que atribuiu um valor especial ao *homo simbólicus*, considerando o imaginário o elemento instaurador do comportamento do *homo sapiens* (TEIXEIRA; ARAÚJO, 2011). Para ele, o imaginário

[...] pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe (PITTA, 2005, p. 15).

Na perspectiva durandiana imaginar é criar o mundo, utilizando-se de diversos meios, tais como as artes, as ciências, ou os atos cotidianos, enfim, tudo é significativo quando se trata de imaginário. Neste sentido é possível pensar que o

imaginário é o que impulsiona o ser humano e suas relações entre os pares e com o mundo.

Durand tem importância particular dentro do texto que ora escrevo por que a temática do Tempo pode ser entendida como central em sua obra *As estruturas antropológicas do imaginário* (2002, p. 282), nela, o autor aponta que os homens, em todas as civilizações, aspiram a repetição do tempo, simbólica esta que institui o recomeço. Para ele os homens buscam dominar Cronos, operar sobre o tempo a fim de domesticar o devir. Nas palavras do próprio filósofo,

O ano marca o ponto preciso onde a imaginação domina a contingente fluidez do tempo por uma figura espacial. A palavra *annus* é parente próxima da palavra *annulus*; pelo ano, o tempo toma uma figura espacial circular. (...) O que é interessante para o nosso propósito, neste ritual do calendário, não é o seu conteúdo, ou seja, o comprimento maior ou menor das horas, dos meses, das semanas, mas a faculdade de determinação e de recomeço dos períodos temporais (DURAND, 2002, p. 283-284).

Nesta perspectiva, a distinção entre Tempo e espaço deixa de existir, isso porque o tempo é espacializado pelo surgimento do ciclo. Entretanto, a tradução de sua teoria pode ser vista em inúmeras imagens literárias, e também nos discursos das pessoas quando o ano está prestes a ser “encerrado”, ou seja, quando estamos prestes a (re)começar o ciclo. Uma poesia que poderia ilustrar estas ideias chama-se *Poema do fim do ano*, e foi escrita por Mario Quintana (2005b, p. 37).

Lá bem no alto do décimo segundo andar do ano
 Vive uma louca chamada Esperança
 E ela pensa que quando todas buzinas
 Todos os tambores
 Todos os reco-recos tocarem:
 - Ó delicioso vôo!
 Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada – outra vez
 criança
 E em torno dela indagará o povo:
 - Como é o teu nome, meninazinha dos olhos verdes?
 E ela lhes dirá
 (É preciso dizer-lhes tudo de novo)
 Ela lhes dirá bem alto, para que não se esqueçam:
 - O meu nome é ES – PE – RAN – ÇA...

Além de Quintana, outros poetas e romancistas escreveram o tempo em sua perspectiva cíclica e, entre tantos, a fim de exemplificar tal questão, cito Carlos Drummond de Andrade.

Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias,
 a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial.

Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão.

Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos.
Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez,
com outro número e outra vontade de acreditar
que daqui para diante vai ser diferente.

Ao falarmos em contagem cíclica do tempo, pelo viés desta teoria, é necessário chamar a atenção para o que ele aponta como um astro símbolo da passagem do mesmo desde o início, a lua. Para Durand (2002, p. 286) “o homem pré-histórico teve de contar o tempo unicamente por lunações, como o fizeram os celtas, os chineses, os primitivos hodiernos e os árabes, que só conhecem o ano lunar”. Ela também possui forte influência sobre os mitos e divindades mitológicas, sugerindo processos de repetição, isso porque morre em suas fases com a promessa do eterno retorno.

A filosofia que se destaca de todos os temas lunares é uma visão rítmica do mundo, ritmo realizado pela sucessão dos contrários, pela alternância das modalidades antitéticas: vida e morte, forma e latência, ser e não ser, ferida e consolação. A lição dialética do simbolismo lunar já não é polêmica e diairética como a que se inspira no simbolismo uraniano e solar, mas, pelo contrário, sintética, uma vez que a lua é ao mesmo tempo morte e renovação, obscuridade e clareza, promessa através e pelas trevas e já não procura ascética da purificação, da separação. Todavia, a lua não é simples modelo de confusão mística, mas escansão dramática do tempo. (DURAND, 2002, p. 295)

Outro fator determinante do imaginário cíclico de Tempo sobre o qual Durand disserta em sua teoria é o ciclo natural da frutificação, ou seja, as estações. Para o filósofo “O simbolismo vegetal contamina toda a meditação sobre a duração e o envelhecimento, como o testemunham os poetas de todos os tempos (...)” (Ibid., p. 296). Nesta subdivisão quaternária do ano, também está inscrita uma significação dramática, como pode ser vista em Bachelard (2008, p. 57) ao falar sobre o inverno, “De todas as estações, o inverno é a mais velha. Envelhece lembranças. Remete a um passado longínquo.”.

Assim, a influência da lua e das estações no imaginário instituído de um “ritmo cósmico” é muito presente nas produções agrícolas e outros costumes das sociedades. Os ciclos, a fecundidade lunar, a maternidade da terra, a questão da geração e do crescimento, tudo isso são elementos que pautam tradições seculares e que têm suas raízes nos mitos.

Frente às elaborações até então apresentadas é possível perceber que a teoria durandiana vai além da simples percepção do tempo cotidiano e, para compreendê-la, é preciso adentrar no imaginário mítico e antropológico. Para o filósofo, o desejo fundamental do homem é dominar o Tempo, afim de poder repeti-lo ou acelerá-lo na história. Ou seja, o grande desejo do homem é domesticar Cronos.

3.6. Cornelius Castoriadis: tempo real e tempo imaginário

Vivemos correndo com o tempo, ou contra ele? Em que momento paramos para cuidar de nós mesmos? Quais atividades e costumes caracterizam a maneira com que nos relacionamos conosco e influenciam em nossa relação com os outros? Que ritmo de tempo tem marcado nossa sociedade? Trago questões como estas, a partir do desânimo e da queixa dos professores sobre o tempo para si, o amontoado de tarefas e os poucos momentos que sobram para o lazer, para a família e para sua formação.

“Estou com pouco tempo!/Preciso de mais tempo!/Não tenho tempo para isso!/Gostaria que meu dia tivesse umas trinta horas!/Em que tempo vou fazer isso?”. Disserto sobre o Tempo, pois ele nos movimenta, nos dá ritmo, sobre ele falamos, com ele brigamos. Este amigo/inimigo, que algumas vezes aproveitamos alegremente e em outras detestamos tanto, este que encurtamos, espichamos, cuidamos, adoramos e matamos.

Alice suspirou cansada. "Acho que você devia aproveitar melhor o seu tempo", disse, "em vez de desperdiçá-lo propondo charadas que não têm resposta."

"Se você conhecesse o Tempo como eu conheço", disse o Chapeleiro, "não falaria em desperdiçá-lo, como se fosse uma coisa. Ele é um senhor."

"Não entendo o que você quer dizer", disse Alice.

"Claro que não entende!", disse o Chapeleiro, atirando a cabeça desdenhosamente para trás. "Acho que você nunca sequer falou com o Tempo!" (CARROLL, 2010, p. 94)

Assim, a partir deste diálogo entre Alice e o Chapeleiro, é possível pensar a temática do Tempo na Formação Docente, os sentidos e os significados que podem ser investigados a partir de diferentes noções de temporalidade. Isso porque,

acredito na educação como um trabalho envolto nas dimensões temporais que movimentam, fortalecem, produzem ou adoecem a formação e os indivíduos. Corroborando, em um estudo sobre os enredos do tempo na vida de professores, Teixeira (2006, p. 17) traz que

Entrelaçados às temporalidades da infância, da juventude e da idade adulta, aos ritmos da construção do conhecimento, à transmissão da memória cultural às novas gerações; inscritos nas rítmicas da escola – presentes nos calendários, horários, agendas, nos currículos e em outras dimensões das temporalidades escolares e de seus sujeitos –, a experiência do tempo na condição professor é uma complexa e plural arquitetura.

Com isso, é possível pensar as dimensões do Tempo no cotidiano escolar, como as que dão ritmo ao trabalho de formação, contam a história passada ao passo em que vislumbram o futuro, e ainda, moldam-se aos sentidos que atribuímos pelos que vivenciam o espaço escolar.

Neste momento, falo em tempo a partir da teoria do Imaginário Social proposta por Cornelius Castoriadis. Em seu livro *A instituição imaginária da sociedade* (1982) ele escreve que é preciso aprender a pensar de uma maneira nova, a partir da imaginação e do imaginário. Nas palavras do próprio autor

A história é impossível e inconcebível fora da imaginação produtiva ou criadora, do que nós chamamos o imaginário radical tal como se manifesta ao mesmo tempo e indissolúvelmente no fazer histórico, e na constituição, antes de qualquer racionalidade explícita, de um universo de significações. (Ibid., p. 176)

Pensar as pessoas, a sociedade e suas relações a partir da dimensão imaginária é captar o simbolismo, as significações que estas carregam, é um processo que ultrapassa as considerações formais, determinadas. O imaginário, sugere que agucemos nosso olhar às dinâmicas que nem sempre estão facilmente visíveis num primeiro momento, ele aponta que somos movidos por correntes instituídas e instituintes de significações imaginárias. Assim,

O mundo social é cada vez constituído e articulado em função de um sistema de tais significações, e essas significações existem, uma vez constituídas, na forma do que chamamos o imaginário efetivo (ou o imaginado). É só relativamente a essas significações que podemos compreender, tanto a “escolha” que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a “funcionalidade”. (Ibid. p. 177)

Como pode ser percebido nas ideias de Castoriadis, explicitadas acima, falar em imaginário é buscar compreender os sentidos construídos por uma sociedade, estes sentidos que, além de comporem as ideias dos indivíduos de maneira singular e coletiva, impulsionam os mesmos à ação. Nesta mesma obra, o autor apresenta a ideia de instituição, mais precisamente a instituição filosófica do tempo, e sobre esta temática ele também aborda a questão dos sentidos.

Toda sociedade existe instituindo o mundo como seu mundo, ou seu mundo como o mundo, e instituindo-se como parte deste mundo. Desta instituição, do mundo e da sociedade, pela sociedade, a instituição do tempo é sempre essencial. (Ibid. p. 222)

Para ele, os homens são tão responsáveis pela instituição de sua sociedade, como pela instituição do tempo nela, e assim, não há como vivermos fora de uma temporalidade instituída. E, sob sua ótica, existem dois tempos: *identitário* e de *significação*. O primeiro é o tempo de referência, o tempo do relógio, cronológico, tempo real, de demarcação, todos vivemos indispensavelmente envolvidos neste tempo que, em sua maioria, se apóia em fenômenos naturais (hora, dia, mês, estações, luas).

O outro é o tempo imaginário, permeado de símbolos e significações, uma temporalidade instituída pelos sentidos, afetos, valores, tempo medido pelo significado, pelo querer, independente da demarcação do relógio. A fim de exemplificar esta teoria, trago novamente o diálogo entre Alice e o Chapeleiro:

[...] "Acho que você nunca sequer falou com o Tempo!"
 "Talvez não", respondeu Alice cautelosamente, "mas sei que tenho de bater o tempo quando estudo música."
 "Ah! Isso explica tudo!", disse o Chapeleiro. "Ele não suporta ser batido. Agora, se você mantivesse boas relações com o Tempo, ele faria quase tudo que você quisesse com o relógio. Por exemplo, vamos supor que fossem nove da manhã, bem na hora de começar as aulas. Você só teria de sussurrar uma dica para o Tempo, e o ponteiro giraria num piscar de olhos! Uma e meia, hora do almoço!" (CARROLL, 2010, p. 94-95)

A partir deste fragmento do livro, podemos visualizar as duas perspectivas de tempo das quais falamos. Quando o Chapeleiro diz à Alice que ela poderia fazer o que quisesse com o relógio, com que o tempo passasse das nove da manhã para a uma e meia apenas com uma "dica", fica clara a relação entre o tempo real, o do relógio, e o tempo simbólico, aquele que passa sem que percebamos ou de maneira mais demorada. Sobre esta relação entre tempo identitário e imaginário, Castoriadis diz que estes possuem uma estreita relação,

O tempo instituído como tempo da significação, tempo significativo ou tempo imaginário (social) mantém com o tempo identitário a relação de inerência recíproca ou de implicação circular que sempre existe entre as duas dimensões de toda instituição social: a dimensão conjuntista-identitária e a dimensão da significação. O tempo identitário só é “tempo” porque é referido ao tempo imaginário que lhe confere a sua significação de “tempo”; e o tempo imaginário seria indefinível, irreferível, inapreensível – não seria *nada* fora do tempo identitário. (1982, p. 247)

Assim, os tempos, identitário e imaginário, instituem o fluxo de vida das sociedades, os modos de fazer e os modos de ser das pessoas, e a partir deste fluxo, podemos fazer uma ligação entre o Tempo, a cultura, o cuidado de si, e a Formação Docente.

3.7 Nas redes do imaginário caminho até a Lua

Houve um tempo, segundo sir George H. Darwin, em que a Lua esteve muito próxima da Terra. Foram as marés que pouco a pouco a impeliram para longe: as marés que a própria Lua provoca nas águas terrestres e com as quais a Terra vai perdendo lentamente a energia. (Ítalo Calvino)

Na tentativa de reunir as teorias apresentadas neste capítulo recorro a uma “história cósmica” escrita por Ítalo Calvino (2007), chamada *A distância da lua*. Na história contada por *Qfwfq* houve um tempo em que na lua cheia as noites eram claras como o dia, na lua nova a mesma parecia um negro guarda-chuva, e no período crescente mais parecia um chifre prestes a ancorar.

A órbita? Elíptica, é claro, elíptica: achatava-se um pouco sobre nós, depois erguia o voo. As marés, se levantavam de tal forma que era impossível detê-las. Havia noites de plenilúnio em que estava tão baixa e as marés tão altas, que para a Lua banhar-se no mar faltava um fio; digamos: poucos metros. Se nunca tentamos subir nela? Claro que sim. Bastava ir até embaixo da Lua, de barco, nela apoiar uma escada portátil e subir (Ibid., p. 11-12).

Nesta época alguns homens subiam a Lua, eles utilizavam-se de uma escada no início da subida e depois a Lua mesmo os atraía, arrancando-os da órbita terrestre. Subiam na Lua para extrair dela o leite lunar, denso como ricota, o qual depois de colhido era arremessado para Terra, desnatado e coado. Nesta operação de subir à Lua, *Qfwfq* conta que seu primo, surdo, era exímio, que ele o fazia como

se brincasse com o satélite, era o primeiro a subir e o último a descer depois de perder-se pelos esconderijos lunares mais escuros.

Ainda, na história, há um emaranhado de sentimentos amorosos entre o surdo, a Lua, a esposa do capitão do barco e o narrador.

Foi assim que começou a história de meu enamoramento pela mulher do capitão, e a de meus sofrimentos. Porque não demorei a perceber o que significavam os olhares mais obstinados daquela senhora: quando as mãos de meu primo pousavam seguras sobre o satélite, eu olhava fixo para ela e no seu olhar lia os pensamentos que aquela intimidade entre o surdo e a Lua nela suscitava, e, quando ele desaparecia em suas misteriosas explorações lunares, via-a mostrar-se inquieta, como se estivesse pisando em brasas, e logo tudo me pareceu claro, que a *Sr. Vhd Vhd* estava ficando com ciúmes da Lua e eu com ciúmes de meu primo. (Ibid., p. 17-18)

Certa vez foram-se à Lua a senhora e o surdo, sem perceber que aquela seria a última noite. Em seguida, observou-se que a Lua estava afastando-se da Terra e no mesmo instante em que a tripulação do barco gritou o surdo estava pulando de volta à Terra, sem olhar para trás. A esposa do Capitão ficou flutuando entre a Lua e a Terra e para ajudá-la *Qfwfq* atirou-se ao encontro dela, o que ocasionou o retorno dos dois à órbita lunar.

No mês que transcorreu até a Lua e a Terra se aproximarem novamente no ponto em que os homens esperavam com o barco, *Qfwfq* esteve na Lua com a *Sr. Vhdd Vhd* vendo-a andar triste e pálida, acariciando levemente sua harpa. E com isso percebeu que a mulher desejava transformar-se em Lua para que também fosse amada pelo surdo. Até que avistaram os homens tentando resgatá-los e *Qfwfq* agarrou-se a enorme vara de bambu que seu primo surdo segurava e caiu de encontro ao mar, deixando a senhora com a Lua para sempre.

Era o doce retorno, a volta à pátria, entretanto meu pensamento era só de dor por aquela que perdera, e meus olhos se dirigiam para a Lua, para sempre inalcançável, procurando-a. E a vi. (...) Distinguia-se bem a forma do peito, dos braços, dos flancos, assim como agora a recordo, agora que a Lua se tornou aquele círculo achatado e distante, e eu continuo sempre a buscá-la com o olhar mal se mostra no céu o primeiro crescente, e quanto mais vai crescendo, mais imagino vê-la, ela ou qualquer coisa dela, porém nada mais que ela, em cem em mil visões distintas, ela que faz da Lua a Lua e que faz a cada plenilúnio os cães ladrarem a noite inteira e eu com eles (Ibid., p. 25).

A escolha de Calvino como ilustração de um ponto comum entre as teorias que apresentei até agora não se deu por acaso. O autor, apresenta em sua obra, através da figura de *Qfwfq*, o olhar de um cronista do universo, desde sua criação,

antes de haver qualquer coisa, um início cheio de mitos e escuridão. Como citado na contracapa do livro, através das “histórias cosmicômicas” o autor, em descompasso com o tempo, fala com humor dos tempos modernos.

Em *A distância da lua* podemos perceber o que Bachelard aponta como o tempo pensado, aquele que acima do tempo vivido pode ser facilmente rompido e retomado, através da narrativa. Além disso, vê-se Durand e os comentários acerca da influência da Lua e dos mitos no cotidiano, no momento em que ela é tida como corpo em movimento que institui o ritmo do universo, símbolo da fecundidade e da produção, satélite que inspira paixões, dramas e devaneios. Ainda, trazendo Castoriadis, nesta história o tempo é narrado nas duas perspectivas apontadas pelo autor, do tempo simbólico, e do cronológico.

Indo mais além, Calvino utiliza-se de um ponto comum entre o imaginário de Bachelard, Durand e Castoriadis, que é pensar as coisas a partir de uma terceira maneira. No campo do imaginário as coisas não precisam ser “isso”, ou “aquilo”, o que abre espaço para “aquele outro”, e é desta forma que o autor apresenta a Lua em sua narrativa. Com um potencial diferente do instituído, do comum, num exercício de associações novas, de criação.

Enfim, retomando autores e associando suas teorias às imagens literárias o que apresentei aqui foram breves elaborações sobre obras gigantescas da filosofia, por isso peço perdão ao leitor se pareci pouco clara ou superficial. Agora, sigo na busca por entrelaçar tais ideias à formação docente, à estética da existência, e a docência.

4. DOCÊNCIA: ENTRE O TEMPO IDENTITÁRIO E O TEMPO IMAGINÁRIO

Poética

De manhã escureço
De dia tarde
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem

Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
– Meu tempo é quando.
(Vinícius de Moraes)

Imaginário social pode ser entendido como os sentidos construídos por uma sociedade, estes sentidos que, além de comporem as ideias dos indivíduos de maneira singular e coletiva, impulsionam os mesmos à ação. Esta teoria, elaborada por Cornélius Castoriadis, propõe que a história da humanidade é a história do imaginário humano e de suas obras, isso porque “a linguagem, os costumes, as normas, a técnica não podem ‘ser explicados’ através de fatores exteriores às coletividades humanas” (CASTORIADIS, 2004, p. 129).

A partir desta ideia inicial, o que apresentarei agora deve ser visto como a grande base da dissertação que ora componho. Venho trabalhando sob esta perspectiva há cerca de cinco anos e, na hora em que o já mencionado “filtro da dissertação” me levou a fazer escolhas, Castoriadis foi o autor mais pertinente para as reflexões que pretendo desenvolver. Por isso, inicialmente apresentarei seu modo de pensar a sociedade e suas instituições imaginárias, para que o leitor compreenda os movimentos e análises que se seguirão.

De início faz-se necessário compreender o que Castoriadis entende por Imaginário Social e suas duas dimensões, iniciando pelo *imaginário social instituído*.

Esta primeira dimensão corresponde ao conjunto de significações, as instituições e seus símbolos em seu modo vigente, “(...) numa sociedade dada, é o que torna possíveis para os indivíduos as “coisas percebidas” ou representações perceptivas e que define cada vez *quais* são as “coisas” e o que elas são” (CASTORIADIS, 1982, p. 410). Ou seja, o instituído é a sociedade como está, o que está posto e influencia nosso modo de agir e pensar.

A segunda dimensão é o *imaginário social instituinte*, isto é, ele defende que a sociedade não pode ser explicada apenas através de fatores naturais e biológicos, ou seja, fundamentalmente através de uma atividade racional de um ser racional, isso porque devemos admitir que existe nestas sociedades, que ele chama de coletividades humanas, uma potência de criação, o que chama de imaginário social instituinte.

Na explicação dada pelo próprio autor, considerar tal potência de criação humana é o que fez com que a filosofia excluísse a teoria do imaginário social de sua “casa”, isso porque esta ciência, com base na teologia, reserva a criação, apenas à Deus. Já Castoriadis diz que os homens possuem a capacidade de criar, “criação *ex nihilo*, o fazer-ser de uma forma que não estava lá, a criação de novas formas de ser” (Ibid., p. 129).

Sua obra trata de fatores como símbolos, instituições, imaginário instituído, imaginário instituinte e significações imaginárias. Tentarei aqui falar sobre todos, e relacioná-los, mas, devido a amplitude e complexidade de sua teoria, peço perdão ao leitor caso algo fique confuso. Está aí uma questão importante do processo de escrever, só sabemos se fomos compreensíveis, ou não, após as palavras lançadas. Mesmo assim, vale a tentativa, sabendo que sempre será possível retornar, reescrever, conversar. Como ele mesmo escreve no prefácio de uma de suas principais obras “a sinfonia, se existe sinfonia, deve o leitor criá-la em seus próprios ouvidos” (CASTORIADIS, 1982, p. 12).

Apresentações feitas, agora seguimos o caminho. Na teoria do imaginário social

Uma sociedade só pode existir se uma série de funções são constantemente preenchidas (produção, gestação e educação, gestão da coletividade, resolução dos litígios, etc.), mas ela não se reduz só a isso, nem suas maneiras de encarar seus problemas são ditadas uma vez por todas por sua “natureza”; ela inventa e define para si mesma tanto novas maneiras de responder às suas necessidades, como novas necessidades (Ibid., p. 141).

Em geral, as sociedades criam as *instituições* como maneiras de responder às suas necessidades, instituições essas que, não se reduzem ao simbólico, mas só podem existir num. Ou seja, desde a linguagem, até uma organização econômica, religião, sistema de direito ou educação, todos são instituições gestadas, primeiramente no plano simbólico. Deste modo, “a *instituição* é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário” (Ibid., p. 159).

Vejamos o exemplo da instituição do tempo – aparte as questões da física, as quais não tenho conhecimento para entrar. Um ano é composto por 365 dias, divididos em 12 meses, quatro estações. Cada um desses dias possui 24 horas, cada hora possui 60 minutos, e cada minuto 60 segundos. Em geral, as pessoas vivem neste tempo instituído, e utilizam-se de uma invenção moderna chamada relógio para estarem sempre ciente deste tempo.

O relógio mecânico possibilitou a subdivisão exata da hora em subunidades, os minutos e os segundos, o que ocasionou a regulação dos fenômenos naturais e das atividades humanas. Os relógios receberam ponteiros de minutos e de segundos, ganhando confiança, o que ajudou a sedimentar a imagem de homogeneidade, universalidade e unicidade que se passou a emprestar ao tempo (OLIVEIRA, MARQUES e MONTEIRO, 2012, p. 27).

Atualmente, o ritmo de vida que a sociedade criou para si, faz com que, muitas vezes, deixemos de lado o tempo instituído, que Castoriadis vai chamar de *identitário*, e pautamos nossas ações pelo tempo *imaginário*. Ou seja, apressamos ou retardamos demais nossas vidas em função das exigências sociais. Um exemplo do que falo, pode ser o texto citado nas páginas 31 e 32, que foi enviado para as professoras que estiveram comigo na construção de dados da pesquisa que mobiliza esta escrita. O mesmo exemplo pode ser pensado a partir da seguinte imagem, pois esta quem me levou até o referido texto



Imagem 2 – Aqui o tempo parou

O relógio hoje pode ser percebido com um dos maiores *símbolos* do tempo e sua medição, deste modo, a sociedade utiliza-se deste símbolo para fazer movimentos instituintes, provocar novas formas de pensar e agir a partir do que está instituído. Certa vez, em uma viagem para São Paulo passei por um relógio na Avenida Paulista muito parecido com o da imagem acima, na ocasião fiquei muito provocada com a cena, mas não possuía câmera fotográfica para fazer o registro, fato que me fez, assim que cheguei em casa, procurar uma imagem na internet, já pensando na utilização da mesma nesta produção. Junto à imagem encontrei a seguinte notícia

Relógios de São Paulo dizem: “aqui o tempo parou”

Intervenção urbana faz as pessoas repararem mais em 200 relógios da capital.

Os relógios da cidade – aqueles grandes retângulos que dizem as horas e a temperatura – estão tão inseridos no cotidiano dos paulistanos que é raro alguém reparar em um deles por mais de uma fração de segundo. Mas na segunda-feira, 5, os mais atentos puderam perceber a frase “aqui o tempo parou” colada em mais de 200 unidades espalhadas por São Paulo.

A frase vem do livro “Os sonhos de Einstein”, de Alan Lightman, que promove uma reflexão sobre tempo e existência. A intenção da intervenção, iniciativa do coletivo Aqui Bate um Coração, é fazer com que as pessoas parem e reflitam sobre como as batidas do coração foram trocadas pelas batidas metálicas dos relógios.

A maioria dos relógios da cidade foi parcialmente abandonada desde que a Lei Cidade Limpa proibiu o uso de publicidade nos aparelhos. Não faltam exemplos de unidades que não funcionam, ou que adulteram temperaturas.⁷

Voltando a teoria de Castoriadis, ao falar na relação entre o simbólico e o imaginário, ele diz que o imaginário utiliza-se do simbólico não somente para exprimir-se, mas, também, para existir, para passar do virtual para qualquer coisa além dele. Frente ao exposto, é fundamental compreender que as instituições são mais que funcionais, que arranjos destinados à satisfação das necessidades sociais, também que elas não são puramente simbólicas. Tais instituições vivem envoltas em *significações imaginárias sociais* e “compreender, na medida do possível, a ‘escolha’ que a sociedade faz dos seus simbolismo, exige ultrapassar as considerações formais ou mesmo ‘estruturais’” (CASTORIADIS, 1982, p.166 – grifos do autor)

Estas instituições e significações imaginárias se solidificam socialmente, tornando-se o imaginário social instituído que, segundo o autor

assegura a continuidade da sociedade, a reprodução e a repetição das mesmas formas que a partir daí regulam a vida dos homens e que permanecem o tempo necessário para que uma mudança histórica lenta, ou uma nova criação maciça venha transformá-la ou substituí-las radicalmente por outras (CASTORIADIS, 2004, p. 130).

Este movimento de transformação é o chamado *imaginário instituinte*, aquele que provoca a mudança. Por isso, podemos perceber que o imaginário social é algo que movimenta-se de acordo com as sociedades e sua história. Neste mesmo sentido, de forma bem didática Silva (2006) diz que imaginário pode ser pensado como reservatório e motor, porque, além de agregar imagens, sentimentos, experiências opera como estimulador das práticas.

O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (Ibid. p. 12).

Pensar o Tempo como um imaginário instituído socialmente traz à baila reflexões sobre os nossos movimentos na sociedade. Visto que falar em significações requer uma visão sociológica do instituído em questão. Pois, nesta

⁷ Notícia e imagem 02 retiradas do site <http://catracalivre.folha.uol.com.br/geral/cidadania/indicacao/relogios-de-sao-paulo-dizem-aqui-o-tempo-parou/> Acesso em 13/01/2013.

perspectiva, o conjunto de símbolos e mitos que a sociedade constrói e carrega ao longo dos anos são o alimento da organização da mesma. Dentre estas construções sociais, o Tempo me chamou especial atenção, mais especificamente relacionado à docência e à formação deste profissional.

Na mitologia, como apresentei anteriormente, Cronos, Deus do Tempo, é conhecido por devorar tudo aquilo que ele mesmo cria e, pensando pelo viés do Tempo, e no discurso instituído do mesmo consumir as pessoas na vida cotidiana, trago as palavras de Michael Ayrton, quando este diz que “vivemos pelo mito e o incorporamos, e ele nos incorpora. O que é estranho é como o reconstruímos” (WILKINSON, 2010, p. 17).

Pode-se dizer que estamos sempre sendo influenciados pelo Tempo, que vivemos sob o jugo de Cronos. Mas quem instituiu o tempo? Quem movimentou o mito para que ele chegasse até os dias atuais? De que modo o reconstruímos? Como foram instituídos o tempo identitário e o tempo imaginário? Estas são algumas das questões que surgem junto com a dissertação de mestrado que lhes apresento.

Na busca por responder tais questões, venho desenvolvendo leituras e discussões nesta temática há aproximadamente dois anos. E para fazê-lo pela perspectiva do imaginário social foi necessário deixar de ser “marinheiro só”. Assim, é chegado o momento de trazer para o diálogo, além dos autores que me acompanham há tanto tempo, cinco professoras que concordaram em dedicar um tempo para falar sobre o Tempo.

No livro, *O homem que roubava horas*, existe um andarilho que diz

Eu roubo as horas para lhes dar tempo. Tempo de aprender a usar o tempo. Quem tem hora não tem tempo: tempo de olhar o tempo. Será que vai chover? Será que as flores já abriram? Como será o arco-íris? Qual a cor dos olhos dos meus amados? Temos tempo para isso? Não! Isso ocupa muitas horas. E tocamos nossas vidas, olhando os relógios que marcam as horas de nossas vidas, e esquecemos de marcar nossas vidas no tempo! (MUNDURUKU, 2007, p. 25).

Assim, tomei emprestado – visto que pedi permissão – as horas de cinco professoras da rede pública do município de Santa Maria e, durante aproximadamente três meses, vivenciamos algo em comum, além da docência. Isso será contado/problematizado nos subcapítulos que se seguem. Neles trabalharei com a tal Senhora Hermenêutica, na busca pelos sentidos e significados das narrativas, a partir de seus contextos histórico-sociais.

Entretanto, é importante ter ciência de que

A compreensão que desenvolvo da narrativa de alguém inscreve-se num jogo de inter-relações que faz dessa narrativa não um objeto unânime e identicamente decodificável, mas algo que está *em jogo* entre alguém e mim, e entre mim e mim mesmo. Somente posso (re)construir o *mundo de vida* da narrativa que ouço e leio, relacionando esse mundo com os meus próprios construtos biográficos e *compreendendo-o* nas relações de ressonância e de inteligibilidade com minha própria experiência biográfica. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 59-60 – grifos da autora)

Tempo, imaginário social, formação de professores, docência, memória, minhas vivências, as narrativas (auto)biográficas das professoras, etc. É chegada a hora de tecer com todos fios!

4.1 “Pra mim o diário foi uma volta no tempo, eu voltei no tempo quando comecei a falar de mim mesma, foi lembrança”⁸

Sempre gostei de escrever. Quando criança mantinha aqueles diários fechados com um cadeado, símbolo de sigilo e segurança, com capa fofinha cor-de-rosa. Muitas angústias e alegrias escrevi naqueles diários, também os escondi em inúmeros lugares – entre o colchão e os estrados da cama, a meu ver, era impossível ser encontrado. Coisa engraçada esta de esconder, no momento em que escrevemos estamos, de certa forma, contando aquilo para alguém. Ou não? Será que eu tinha tantos segredos assim?

Depois ganhei um computador, aos onze anos, que tinha que dividir com o meu irmão. Lembro-me de, na época, ter começado a escrever um livro, a história iniciava com uma mulher que acordava e se olhava no espelho, alguma coisa havia mudado na vida dela, e por aí termina minha lembrança do livro. Termina o livro também, visto que nunca conclui sua escrita e o computador antigo já não existe mais. Viram só? Eu poderia ter escrito um best-seller aos onze anos de idade. Nunca vou saber.

Quando vim embora para Santa Maria retomei esta antiga prática, todos os dias muitas poesias, trechos de livros, colagens, letras de músicas, e dores de

⁸ Sira Quiroga falando, durante o encontro, sobre a experiência com o diário durante a construção de dados.

cotovelo contadas como tragédias gregas – esses diários eu ainda guardo, as vezes dou uma folheada e penso, nem era para tanto. Também escrevia os desafios de uma iniciante no Curso de Pedagogia, e as vivências de alguém que sai de um município de quarenta, para um de duzentos mil habitantes, “aqui tem até Mac Donalds!”. Fiz isso durante os três primeiros anos, depois passou, não sei o porquê, mas passou.

Ao falar sobre a vida, e o escrever, lembro-me de Alberto Caeiro (PESSOA, 2001, p. 217),

O essencial é saber ver –
Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender...

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu...

Hoje, meu grande diário é minha dissertação! Há dois anos a mantenho, fases produtivas, outras mais lentas, tem dias que não sai nada, coloco um trecho de livro. Quando sinto que esta pesada, copio uma poesia. Aqui escrevo o que tenho vivido, estudado, sentido. Não sei se o “País dos saberes” (ALVES, 2011) achará isso científico, mesmo assim arrisco. Sou assim desde criança, não sei escrever de outra forma, e, na verdade, acho que nem quero.

Quando pensei a construção dos dados, a primeira coisa que veio em mente foram os diários. Conversei com a Valeska, achamos um pouco arriscado, mas até a não escrita já seria suficiente. Porque, na abordagem (auto)biográfica,

Cuidados metodológicos são exigidos para a recolha das fontes, especificamente por considerar as condições de produção. Isso significa dizer que não deve existir controle por parte do pesquisador, porque parte da compreensão dos sentidos e das experiências vividas pelo sujeito-narrador, a partir de suas vivências individual e coletiva (SOUZA, 2006, p. 140).

Assim, entramos na ideia de coração aberto. Os diários foram enviados e o que veio depois foi muito mais que poderíamos ter imaginado.



Imagem 3 – O diário
(Página de Alice no Facebook)

“Pra mim o diário foi uma surpresa, porque eu recebi e disse “ah um bloquinho do colégio”, daí eu comecei a ler e vi que era um diário e disse “ah que legal” daí eu pensei em começar cada dia escrevendo, escrevendo...” (Indira Gandhi)

“O diário pra mim assim, foi uma redescoberta, uma avaliação de tudo o que eu já vivi, porque eu comecei a vida de família muito cedo, eu casei com dezessete anos, fui casada vinte e três anos, me separei há quatro anos, mas eu sou família sabe, eu até comentei com a Alice que os natais, os finais de ano não são mais a mesma coisa. Chega um dia que tu para pra pensar, e em primeiro lugar tu tem que pensar em ti, pensar que fechou um ciclo.” (Poliana)

Escritas narrativas e suas implicações como prática de formação atuam diretamente relacionadas com a memória, fato que traz a essa abordagem metodológica um diferencial, a possibilidade de o leitor captar a singularidade dos sujeitos de se narram. As professoras, ao falarem sobre suas impressões ao receberem os diários, contam cada uma ao seu modo, de início já revelando características particulares.

Alice utiliza-se da rede social para isso, dizendo que irá “registrar seu tempo a cada tempo”. Conectada com as tecnologias, esta professora/gestora está sempre envolvida com a promoção de cursos de formação continuada na escola, mantém uma página na mesma rede social com o nome da instituição que trabalha alimentando-a com o dia a dia da mesma.

Já Indira Gandhi, sempre muito organizada, num primeiro momento pensa escrever no diário todos os dias. E Poliana ao associar o diário à escrita de lembranças, de início apresenta indícios do caráter formativo das narrativas (auto)biográficas.

Enquanto conjunto de representações que o indivíduo constrói da própria vida e de sua história, a *biografia* tornou-se um componente e um horizonte do campo educativo. A maneira como os indivíduos *biografam* suas experiências e, em primeiro lugar, a maneira com que integram em suas construções biográficas o que *fazem* e o que são na família, na escola, na sua profissão e na formação continuada são parte integrante do processo de aprendizagem e de formação (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 30 – grifos da autora).

Trabalhar com (auto)biografia faz com que nos deparemos com componentes para além da profissão. Ao contar/narrar sobre si, a pessoa despe-se do profissional, traz para a narrativa toda a personalidade que muitas vezes o docente tenta deixar de lado, enganando a si mesmo e aos outros. Interessante observar tais movimentos e a maneira com que, cada uma ao seu modo, as professoras compuseram suas escritas.

Tanto na sua linguagem mais coloquial quanto nas criações mais elaboradas, os homens recorrem a palavras e imagens que transpõem para uma representação espacial o desenvolvimento temporal de sua existência: *linha, fio, caminho, trajeto, estrada, percurso, círculo, carreira, ciclo* da vida. O homem *escreve* no espaço a figura de sua vida. (Ibid., p. 35 – grifos da autora)

Em cada diário é possível visualizar nitidamente a pessoa que o escreveu, desde a escolha do que foi narrado, até o modo. Na primeira carta, contei às professoras sobre minha história de vida, e pedi que se apresentassem também, iniciando o trabalho de recompor as lembranças e fases da vida.

Nasci e me chamaram Clarissa, nome da minha mãe e Veríssima, nome da tia, irmã da mãe e também madrinha. Era inverno, 14 de julho de 1952. Para os franceses, um dia histórico: queda da Bastilha (prisão símbolo do absolutismo real) e início da Revolução Francesa. Meu pai, Umberto, descendente dos primeiros imigrantes chegados a São Leopoldo, na Real feitoria de Linha Cânhamo em 1824, me aguardava ansiosamente, pois queria muito uma filha mulher, já que tinha dois meninos. Os meninos me receberam muito bem, o que se pode ver num anúncio do jornal do povo da cidade de Cachoeira do Sul, no dia 15 de julho de 1952: “José e Josué participa aos parentes e amigos de seus pais Umberto e Clarissa o nascimento de sua irmãzinha Clarissa.” Aí começou o meu tempo. Vagaroso no início e rápido ultimamente. (Clarissa)

Olá, meu nome é Sira Quiroga. Sou filha de João e Maria. Nasci no dia 15 de março de 1976. Era uma 2ª feira, entre 4h e 4h10 da madrugada. (...) Tive uma infância tranquila, brincava com meus primos e tinha boas notas na escola. **Desde criança, sempre gostei de inglês, mesmo antes de começar a aprender na escola. Quando eu estava na 7ª série eu comecei a estudar inglês, isso aconteceu em 1988. De lá para cá, não perdi mais o contato com o idioma.** (Sira Quiroga)

Sou Poliana, natural de Tupanciretã, nasci em 29 de novembro de 1968, atualmente resido em Santa Maria, trabalho em escola estadual como secretária. **O tempo me fascina e me faz reviver momentos inesquecíveis da minha vida.** E voltando no tempo, lembro minha infância, meu tempo de escola. Fui uma menina muito arteira, adorava subir em árvores, correr, pular, andar de bicicleta jogar bola na rua, enfim, posso dizer que o tempo passou, mas até hoje sou sapeca e adoro brincar com as crianças. (Poliana)

E eu sou do tempo do respeito, dos valores, eu até coloquei no meu face [Rede Social], eu sou do tempo em que o olhar dos pais dizia um monte de coisa. E hoje a gente olha, não é o caso do meu filho porque ele está com mais idade, mas a gente olha para os menores e “o que está me olhando”, então como isso é importante, e isso marcou o meu tempo. (Indira Gandhi)

Clarissa é professora de História e Estudos Sociais, que outro profissional falaria tão bem do contexto histórico de seu nascimento? Cada pessoa conta sobre si a partir de seu olhar, Sira Quiroga leciona Inglês se detém bastante em datas e anos em sua escrita. Poliana como comentou sobre o diário, em sua primeira escrita já traz o tom de reflexão sobre sua trajetória e personalidade, sempre enfatizando o passar do tempo. Ainda, Indira Gandhi não narra suas memórias de infância, mas ao falar sobre o “seu tempo”, o tempo do sentimento de pertencimento, trabalha com a memória no mesmo sentido das demais.

Ao refletir sobre a singularidade da narrativa de cada professora, e a forte presença de traços de sua atuação profissional, trago Delory-Momberger (2008, p.38-39) quando esta escreve sobre a individualidade de quem escreve.

Cada um representa sua existência segundo trajetórias e construções diferentes que integram as restrições, os valores, as dinâmicas ou o peso de seu meio socioprofissional. Se as determinações sociais, econômicas e profissionais não esgotam as construções biográficas individuais, elas se inscrevem, entretanto, nos sistemas de representações e linguagens simbólicas dos mundos de pertencimento.

A infância também aparece nas escritas e, com ela, o imaginário instituído da “passagem do tempo”, o tempo passado “parecia” mais lento, feliz, ou tranquilo. Com ele também, ainda no tocante à memória é a vida e detalhes atribuídos aos espaços não mais habitados, como a casa dos pais, as cidades, as escolas, etc.

Isso pode ser visualizado em duas passagens do diário de Clarissa, a mais velha das professoras, que descreveu com maior riqueza de detalhes a narrativa de sua vida.

O tempo da infância foi doce, tranquilo. Os cuidados da mãe, dos avós (paternos), os maternos não conheci. (...) O maior companheirismo com o pai. O tempo da escola, o jardim de infância na Escola Normal Dr. João Neves da Fontoura. Um prédio imponente, cheio de escadas e de salas. Uma escada onde só subiam os professores. Muitos corredores, um auditório e um piano, que era uma atração e que eu arriscava dedilhar sorrateiramente quando não havia ninguém. Um laboratório onde ficavam as tradicionais caveiras que nos metiam medo. Ainda havia uma sala de artes, com mesas reclináveis para facilitar a arte de desenhar. O mais aterrador para nós, crianças, isso na época do jardim e 1ª série, era no fim do corredor, no subsolo onde ficava o jardim de infância, um jacaré empalhado, enorme, que nos causava temor.

Ainda no tempo de criança as matinés do domingo a tarde no Cine Coliseu, ou no Astrep. Eram barulhentas e praticamente enchiam a sala enorme. Pipocas e papéis de bala espalhadas pelo chão no final de toda a sessão. O tempo das férias, das pescarias, das viagens de “gasolina” pelo Rio Jacuí, de Cachoeira a Porto Alegre. A parada obrigatória no entardecer para dormir e a retomada da viagem ao clarear do dia. Tempo bom aquele! E era um tempo que parecia ser lento na sua caminhada, porque a gente queria chegar logo aos 18 anos.

Gaston Bachelard (2008a) compõe – visto que o livro é uma bela obra prima – um livro sobre o valor humano dos espaços, nele discorre sobre a memória e as imagens que habitam nossa história de vida e imaginário. Utilizando esta obra, podemos fazer uma leitura das narrativas de Clarissa sobre as lembranças dos espaços da infância, em especial a escola. Nas palavras do autor “é exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós” (p.26).

Para aquele que (re)vive o passado, tornando-o, novamente, tempo presente, as lembranças tem cheiro, cor, textura, som. A memória é o que nos possibilita resgatar momentos vividos e transformá-los em lembranças. Mas estas lembranças, por serem vividas pela segunda vez, num outro tempo, podem ser moldadas de acordo com nossas capacidades imaginativas. Segundo Paul Ricoeur, “se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar” (2007, p. 40).

Com isso, não quero por em questão a veracidade das lembranças, mas atentar para seu caráter de narrativa, algumas vezes, “temperada” por imagens e

símbolos para além do realmente vivido. “Colorida” pelo desejo das boas lembranças, sustentação do seguir em frente. Neste sentido, Poliana, ao iniciar seu diário cita a seguinte frase de Mario Quintana, “O tempo não para! Só a saudade faz as coisas pararem no tempo!” (1973, p. 79).

Ao relembrar a adolescência, já apresentando a tendência à profissão, as professoras também revelam seus tempos e sensibilidades, em especial no diário de Clarissa que descreve todas as fases da sua vida com riqueza de detalhes e sentimento, retratando uma época, os costumes do tempo em que sua história de vida foi impressa.

Então veio o tempo da adolescência, tornei-me leitora de poesias e poemas, era tímida, tinha poucas amigas. Comecei a tricotar e a fazer crochê. Pescar com meu pai para pegar isca que ele usava no espinhel para pegar dourado. No mais, o tempo da adolescência foi para o estudo. Terminado o ginásio no colégio Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, a opção era fazer Clássico, Científico, ou curso Normal. E como meu pai dizia “filha minha não estuda a noite” (Clássico e Científico eram a noite) tive que cursar a Escola Normal Dr. João Neves da Fontoura (era escola modelo do estado daquele tempo). (Clarissa)

A estrutura organizacional do ensino dividido em Clássico, Científico ou Normal, influenciou toda uma geração, influenciando o magistério a configurar-se com profissão feminina. Fato que ainda repercute no imaginário social da profissão, tanto no tocante a desvalorização salarial, quanto na opção profissional de inúmeros jovens. Oliveira (2004), em um estudo sobre a questão de gênero na docência, através de uma retrospectiva histórica da profissão, conclui que ao longo dos anos o magistério passou a ser associado “a características ‘tipicamente femininas’ como paciência, minuciosidade, afetividade e doação” (p. 171 – grifo da autora).

Deste modo, muitas normalistas foram atraídas para o magistério devido ao caráter feminino da profissão, sendo praticamente a única opção para o prosseguimento dos estudos. Tal feminização da profissão, entre outros fatores, fez com que

A identidade vinculada à profissão docente trazia a imagem das professoras como “trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras”, o que mais tarde surge como forma de justificativa para os baixos salários, dificultando as discussões a respeito da carreira, condições de trabalho, etc. (Ibid. p. 171 – grifos da autora)

Assim, na medida em que o magistério transforma-se em uma profissão essencialmente feminina, ocorrem também mudanças na constituição do trabalho

marcando o imaginário social instituído da profissão docente, imaginário este que ultrapassou várias décadas e ainda habita a contemporaneidade.

Ainda, interessante perceber os movimentos de Clarissa em sua adolescência, a forte presença da música e da literatura, que pode ser vista, também, no trecho que segue

Tempo do tempo que é tempo
daquele tempo que eu chorava
não sei o porquê nem o que
só sei que chorava e lembrava
do tempo, do tempo, do meu tempo.
Das noites não dormidas, esquecidas
nas velhas que são velhas
lembranças do tempo
do meu tempo... (e por aí continua)

Começo assim, com uma poesia escrita por mim na adolescência, por volta dos anos 67, 68, não lembro exatamente. Pano de fundo, músicas do Carpenters, Bee Gees, Abba, para inspirar. Achei esses escritos nos guardados dos cadernos, livros e fotos do passado. Naquele tempo eu arriscava escrever alguma coisa, crônicas, pequenas histórias. Era muito boa em redação, ia escrever até um livro que já tinha título: "Sorriso Colorido". Com o tempo, a imaginação e a inspiração se foi. (Clarissa)

Admito que o diário de Clarissa me encantou especialmente, de certa forma me identifiquei com a senhora/menina que escreve poesia, lê literatura, ouve as mesmas antigas músicas e possui livros não terminados. Nosso cúmplice, Bachelard escreve que "ninguém sabe que na leitura revivemos nossas tentações de ser poeta. Todo leitor um pouco apaixonado pela leitura alimenta e recalca, pela leitura, um desejo de ser escritor." (2008b, p. 10).

Entre tanta beleza narrada, uma frase chama especial atenção pelo forte impacto que causa na sequência da escrita "Com o tempo, a imaginação e a inspiração se foi". E aí surgem algumas questões: em que canto deixamos nossa sensibilidade? Esquecida atrás de alguma porta? As poesias não escritas estão abandonadas nos fundos das gavetas? Eduardo Galeano, possui uma pequena história muito bela chamada *Celebração de bodas da razão com o coração*, a partir da qual estas mesmas questões podem encontrar ressonância.

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração. Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra *sentipensador* para definir a linguagem que diz a verdade (GALEANO, 2010, p. 119).

Sinto-me extremamente provocada pela questão posta, e me questiono se algumas das professoras, mesmo com a disposição à escrita no diário, não encontraram o caminho para juntar seus pedaços. Eu também enfrento dificuldade para isso. A escola, a academia, nos leva, muitas vezes, a separarmos tanto a razão do coração que esta relação acaba por tornar-se atrofiada, e aí inicia o grande problema da falta de humanidade nas ciências humanas.

Sobre esta questão Rubem Alves (2011) escreve um delicioso livro – não encontro adjetivo mais condizente – chamado *Variações sobre o prazer*. A obra inicia com duas confissões, primeiramente ele diz que não deveria ter tentado escrever aquele livro, e em seguida que o livro não terá fim, é um livro eternamente inacabado. Nela discorre sobre o “demônio da gravidade, vestido com vestes acadêmicas” que nos paralisa a escrita e enfatiza a importância do cultivo dos prazeres, da sensibilidade, e do cuidado de si – tema que abordarei mais adiante – para um bem viver e bem fazer educação.

Trabalhar com narrativas (auto)biográficas permite este resgate da sensibilidade e tornam – caso o pesquisador queira – as pesquisas na academia mais vivas, com gente trabalhando sobre gente. Podemos sentir o vento entrar pelas janelas que abrimos à cada diálogo, à cada narrativa lida, à cada lembrança contada, considerando ainda a singularidade dos seres.

O espaço-tempo segundo o qual figuramos os limites de nossa existência é de fato aquele no qual nascem nossas histórias, ou seja, construções segundo as quais apreendemos nossa vida. Jamais atingimos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso à nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da *escrita* de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias): de certo modo, só *vivemos* nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.36).

Aliado às lembranças narradas, encaminhamo-nos para a memória da formação, seja ela inicial ou continuada, todas as professoras escrevem sobre este período de suas vidas que não se finda, sobre a capacidade humana, e exigência da profissão, de estar sempre em formação.

4.2 “Mesmo com o tempo correndo, o relógio voa, precisamos parar e planejar o tempo para buscar um ‘alimento’”⁹

A opção pela carreira docente requer consciência das exigências da profissão. Ser professor é estar em constante processo de formação, que, para alguns, inicia desde a escolarização. Já outros percebem o despertar da docência ao longo da formação inicial, ou quando estão atuando. De início trago as palavras de Alice em seu diário “toda menina antigamente, há um tempo atrás, sempre sonhava em ser professora. Eu não lembro disso, sempre sonhei em ser independente, ter uma profissão estável e rentável.”

Para discutirmos esta questão, entrelaçando conceitos às narrativas das professoras que me acompanham nesta caminhada. Sempre que falar em formação utilizarei como base o conceito elaborado por Gilles Ferry, em seu livro *Pedagogía de la formación* (2004). Em sua perspectiva a formação é um “*trabajo sobre si mismo*”, para ele, existem três condições requeridas para que ocorra a formação: *lugar, tempo e relação com a realidade*. Só há formação no momento em que há reflexão, e esta reflexão caracteriza-se como um trabalho sobre si mesmo

Reflexionar es al mismo tiempo reflejar y tratar de comprender, y en ese momento si hay formación.

Entonces sólo hay formación cuando uno puede tener un tiempo y un espacio para este trabajo sobre sí mismo. (...) Tiempo y lugar para la formación, tiempo y lugar para el trabajo sobre sí mismo, que no puede confundirse con el trabajo profesional que es un trabajo para otros (Ibid. p. 56).

Refletir sobre o trabalho, a prática, as relações e o viver em sociedade, é parte primordial da formação docente, no sentido que, ao fazer este movimento de retorno ao vivido, com o auxílio da memória, podemos criar outras maneiras de agir, encontrar os motivos de nossas atitudes presentes, e reestruturar desejos e ações futuras. Como é possível identificar na seguinte narrativa:

Concluí o ensino médio e fiz vestibular, duas vezes, para Farmácia. Não entrei, no terceiro ano fiz para pedagogia para acompanhar uma amiga e entrei. Ela não. Em agosto de 1995 iniciei o curso. Sempre fui muito quieta, poucos amigos, na minha. No curso encontrei grandes amigos, pessoas que sempre mexiam comigo em relação ao tempo. Convidando a participar de projetos, atividades fora da faculdade, organizar festas. E eu ia. Não sei se

⁹ Trecho do diário de Indira Gandhi.

era algo que estava adormecido, ou me tornei a pessoa que sou hoje, não consigo ficar parada, estou sempre procurando algo novo, alguma coisa diferente para fazer. (Alice)

Alice, atualmente é uma professora/gestora extremamente proativa e desinibida, e surpreendeu-me a reflexão que ela apresenta sobre a ruptura com a timidez. Assim, formar-se a partir da reflexão de nossas formas de ver, pensar, saber, viver, ensinar e aprender, também pode ser pensado sob a perspectiva de Foucault (2010, p. 6) do cuidado de si, “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo”.

Mesmo com o tempo correndo, o relógio voa, precisamos parar e planejar o tempo para buscar um “alimento” substancial que nos sustente, nos de segurança no nosso fazer pedagógico. Por isso, pensar a formação para professores requer responsabilidade e antes de tudo que os profissionais estejam abertos, receptivos para ampliar conhecimentos que além de proporcionar aprendizagem também traga satisfação pessoal para contribuir na vida de cada um de maneira melhor. (Indira Gandhi)

São diversas as dimensões que envolvem o processo de formação/autoformação docente, considerar o modo de ser e existir do sujeito é pensar a produção de si deste profissional. Afim de melhor embasar esta ideia de pensar a formação pelo viés do cuidado de si, trago as palavras de Oliveira (2007), que também trabalhou sobre estes conceitos:

A produção de si do sujeito professor tem a possibilidade de ser pensada a partir do conceito de cuidado de si desenvolvido por Michel Foucault em suas investigações sobre a ética grega. Este conceito se apresenta como forma de entender a cultura dos professores como cultura de si. O cuidar de si para cuidar dos outros. (p. 39)

Quando a pesquisadora escreve “cuidar de si para cuidar dos outros”, me remeto à discussões sobre a indissociabilidade professor-pessoa (NÓVOA, 1992). Sobre a importante influência que a história de vida, as relações dele consigo e com seus próximos, a maneira com que utiliza seu tempo, exercita seus prazeres, e os demais aspectos que compõem o cotidiano do sujeito, têm sobre seu modo de ser professor.

Com isso, relaciono a teoria proposta por Foucault ao conceito básico de formação que será tratado nesta pesquisa, pois para Ferry a formação não se recebe, ela é um processo de desenvolvimento pessoal, que estará orientado pelos objetivos da posição que aquele indivíduo ocupa profissionalmente. Nas palavras do

próprio, “la formación, su dinámica, este desarrollo personal com ciertas tareas para ejercer um ofício, una profesión, um trabajo, por ejemplo” (FERRY, 2004, p. 54).

Uma vida dedicada à educação e à formação de pessoas merece todo o reconhecimento, pois sabe-se que é na formação de indivíduo que se faz a transformação da sociedade. Acredito que estamos em formação, pois a cada dia uma nova experiência, um novo aprendizado. Aprendemos com pequenas coisas e pequenos gestos. Devemos buscar cursos de formação para que possamos renovar nossos conhecimentos e a maneira com que ensinamos, pois cada curso realizado brota uma nova semente em nós, e a vontade de ensinar e aprender juntamente com nossos alunos nos faz realizar trabalhos interativos, criativos, valorizando o ser humano como um todo. (Poliana)

Para Ferry (2004), em geral, quando se fala em formação é muito fácil confundi-la com seus dispositivos, ou seja, suportes ou condições de formação. Deste modo, currículos, conteúdos e estruturas são condições para que o indivíduo adquira as características necessárias para desenvolver-se como pessoa, ou para exercer determinado ofício. A partir desta perspectiva, ensino e aprendizagem são suportes de formação, pois ela é um processo de desenvolvimento pessoal a partir de certos dispositivos, formar-se, deste modo é *ponerse em forma*.

Ao narrarem sobre a formação inicial, mais uma vez sob a perspectiva da memória, podemos perceber o tempo em que cada uma delas vivenciou a formação. Por exemplo, Clarissa, ao escrever sobre seu ingresso no curso Normal traz consigo a riqueza do imaginário social da docência pela vocação, marca daquele contexto histórico.

O 1º semestre [do curso Normal, Magistério] foi difícil, pois as professoras diziam: “quem não está aqui por vocação, desista!”. Não desisti. O curso preparava muito bem, exigia dedicação, perfeição. Eu digo sempre, quem fazia o estágio do curso Normal de seis meses assumindo sozinha uma turma, estava preparado para qualquer estágio. Toda a semana tinha alguém na sala observando. Trabalhava-se em grupo o tempo todo durante o curso. Foi tempo da adoração pela banda marcial da escola e particularmente pelos da banda. Aqueles namoros só de olhares, que se arrastou até o fim do curso. A formatura do curso, rodas trajando o uniforme da Normal. Uma decisão tomada para igualar todo mundo, para impedir os excessos das que podiam mais. (Clarissa)

O imaginário da docência como vocação, habitou as mentalidades por um longo período da história, saída das mãos dos padres, a responsabilidade pela educação das crianças e dos jovens passou para a mulher, professora, quase mãe.

Para justificar a saída dos homens do magistério, começaram a aparecer discursos que procuravam tornar “natural” a inclinação das mulheres para docência. Afirmava-se que elas tinham aptidão para a profissão docente,

pois essa passava a ser vista como uma extensão do lar. Assim, a profissão passa a adquirir características marcadamente femininas, tais como, fragilidade, afetividade, paciência, doação, etc. (SANTOS, 2008, p. 1).

Ao relacionar as lembranças de Clarissa, ao imaginário social de uma profissão o trabalho com a memória justifica-se. Pois, esta escrita sobre a vida, que chamamos narrativa (auto)biográfica, inscreve e identifica o sujeito na história e na cultura, como aponta Delory-Momberger (2008, p. 38)

A imersão do fato biográfico na linguagem da narrativa remete à historicidade das linguagens da narrativa: as histórias que contamos da nossa vida *se escrevem* sob as condições sócio-históricas da época e da cultura (das culturas) à quais pertencemos. Há uma história (uma historicidade) do “narrar a vida”, como há uma história (uma historicidade) do “indivíduo”, da “consciência de si”, do “sujeito”. As formas que toma a linguagem da narrativa em tal estado da sociedade, em tal relação do indivíduo com o político e o social, imprimem sua marca em nossas representações biográficas. Os escritos que fazem a narrativas da vida, em suas múltiplas formas (biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias etc.), constituem, desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens de uma época, de uma cultura, de um grupo social, *biografam* sua vida.

Formação não é algo que se recebe, ninguém, ou coisa alguma, pode formar o outro. O que acontece é a formação do indivíduo sozinho, seu desenvolvimento particular, numa relação entre ele e os mediadores, os dispositivos. Neste cenário, os professores, as leituras, as vivências, as relações com os demais, entre outros elementos que atravessam o indivíduo, tornam-se dispositivos de formação.

Neste momento é possível relacionar a teoria que ora apresento com outra pequena história contada por Eduardo Galeano, nela podemos pensar acerca da matéria a qual somos constituídos, dos vários momentos, pessoas e aprendizagens que compõem nossa formação,

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de peçonhas (GALEANO, 2010, p. 18).

Sobre isso, também encontramos respaldo nas narrativas das professoras

Na metade de 95, conclui o Ensino Médio e em 97 entrei para a UFSM, para cursar letras. Meu objetivo principal era o Inglês. Na faculdade tive algumas dificuldades e, por causa de um ponto perdi um ano do curso. Ou não, pois aprendi bastante com esse “atraso” na formatura. A partir desse acontecimento, comecei a participar de vários projetos dentro do curso e por consequência, meu aprendizado foi melhor. Também em decorrência das

greves, minha formatura foi no dia 18 de maio de 2002. Lembro-me que no momento da colação estava chovendo muito (Sira Quiroga).

Ainda, para Ferry (2004) a formação só pode ser feita em lugares destinados para tal. Numa escola, o professor passa grande parte do seu tempo, ou todo, trabalhando para os alunos, sendo um dispositivo de formação para outro e assim ele não se forma. Algumas pessoas podem até argumentar que a experiência forma este profissional, mas Ferry vem apontar o contrário dizendo que a experiência, se não for refletida em um tempo e lugar reservado para isso, não será formativa.

Ainda, é preciso ter em mente que nas ações de formação, trabalha-se com representações, e não com a realidade, por isso a necessidade de haver uma relação com. Por exemplo, ao contar de uma aula, as relações com os alunos, as dúvidas da prática, estamos nos utilizando de imagens, porque a sala de aula mesmo não está ali. Deste modo “representar quiere decir trabajar con imágenes, con símbolos, con una realidad mental, pero no con una realidad, yo diría, real (Ibid., p. 56).

No encontro que tive com as professoras como finalização da construção de dados, umas das temáticas que colocamos em discussão foi a formação de professores, assunto que mais gerou discussão, e por se tratar de uma sequência de diálogo optei por transcrever na íntegra:

- Bom, quando eu estava na faculdade a formação pra mim foi essencial na minha vida, **eu estava no mundo do conhecimento**, e quando eu sai de lá parece o aquilo se fechou sabe, é porque quando eu estava lá, eu estava dentro do conhecimento, eu buscava conhecimento. Depois eu já me senti mais retraída, porque agora quem passava conhecimento era eu, daí já não era mais eu buscando, mas os alunos buscando em mim. (Sira Quiroga)

- Eu acho assim tão profunda, pra mim toca muito esta questão da formação na vida do professor. Não sei se as gurias lembram, mas eu sou do tempo em que se usava a reciclagem do professor, eu achava aquilo ali tão pejorativo, reciclar se recicla lixo, e o professor não é lixo, pelo contrário, eu acho que é um bem tão precioso, por isso a gente tem que buscar esta formação. **E a formação, além de ser uma responsabilidade muito grande pra quem organiza uma formação porque ela vai pra toda a nossa vida, ela não vale só para a vida profissional**, são tantas coisas, como a nossa formação de literatura [as docentes participaram de um projeto de oficinas de poesia e publicaram um livro] foi uma coisa boa que ajudou a nossa vida profissional, e para nossa vida pessoal, os momentos que a gente conviveu, aquela descontração, o que a gente construiu, da escrita que pra mim deu vontade de continuar, e que no ano que vem tenha outra. (Indira Gandhi)

- Mas eu acho que **esta formação, a formação que a gente tem, que a gente faz é muito distante da nossa realidade escolar**, ela fica muito na teoria, mas na prática não ajuda... (Alice)

- *Mas ela serve muito para a nossa vida Alice, e tudo é aprendizado. (Indira Gandhi)*
- *Eu sei, mas a gente percebe, o que passa é que os professores não estão participando por causa disso, desta dicotomia. Porque muitas vezes tu tem as angústias de sala de aula, tu quer solucionar e tu vai pros cursos, e muitas vezes os cursos acabam não te dando um auxílio direto na prática. (Alice)*
- *Mas isso é uma coisa que a gente tem que mudar, e esta última formação nossa, o curso de cinema [projeto organizado pelo GEPEIS, mencionado anteriormente], me levou a pensar de outra maneira, foi isso que eu coloquei pra Valeska e pro grupo na avaliação. Que a gente vai com uma perspectiva. (Indira Gandhi)*
- *Mas a forma como o curso é organizado influencia. É uma responsabilidade muito grande. (Indira Gandhi)*
- *Mas tem cursos que tu faz que não são organizados para te ajudar numa prática diferenciada. (Alice)*
- *A maioria dos professores... Eu vejo assim, nós vamos em busca de formação que nos auxilie em práticas concretas em sala de aula, só que eu estou vendo agora, estou percebendo, que formação é o que te dá o diferente, o que te dá o norte numa situação diferenciada. (Indira Gandhi)*
- *A do cinema, por exemplo, elas não deram receita mas tu consegue pegar algo na linha do que fazer em sala de aula, e como fazer. A proposta de como a formação é organizada que é diferente. É uma sutileza, uma coisinha que tu percebe que dê um puxão. (Alice)*
- ***Mas aí o professor tem que estar aberto. (Indira Gandhi)***
- *Sim, mas tem cursos que pra mim não ajudou em nada, é muita teoria que não me resolve. (Alice)*
- *Tem a questão de estar aberto, ou não, porque tu vai receber um monte de informação e daí talvez colocar aquilo em prática, ou não. (Sira Quiroga)*
- *A própria formação inicial, olha quando a gente sai do curso de Pedagogia, ou de alguma graduação, tu vai pra uma escola e é muito difícil tu fazer a relação, porque tu aprende é na escola, daí tu vê o quanto a formação é separada a teoria da prática. (Alice)*

Para a melhor compreensão da análise do diálogo entre as professoras, negritei o que considere pontos importantes. Iniciando pela forte presença da dicotomia entre teoria e prática; formação inicial, trabalho docente e formação continuada. Em nossa sociedade ainda é muito forte o imaginário instituído da universidade como centro de saber, símbolo do conhecimento. Tal presença dificulta a aproximação desta instituição com a escola, pelo pré conceito desta dicotomia entre as duas.

Apesar da relação universidade-escola ter se estreitado nos últimos tempos, mais projetos de formação continuada e professores da educação básica seguindo seus estudos na pós-graduação, temos ciência que ainda há um longo caminho a percorrer, como diz Oliveira (2012, p. 90).

Mas esta presença tem garantido uma relação mais próxima e produtiva entre universidade e escolas de educação básica? Se pensarmos no número expressivo de projetos de pesquisa para a formação que têm se desenvolvido junto às unidades escolares das redes municipal e estadual, podemos dizer que sim. Contudo, se observarmos o que esperam as

escolas destes professores que buscam suas pós-graduações, talvez tenhamos de reconhecer que ainda há muito que caminhar e instituir nas culturas destes dois espaços formativos – escola e universidade.

Ao refletirmos sobre formação, devemos ter em mente que o conceito que embasa esta pesquisa (FERRY, 2004) faz uma diferenciação entre formação inicial e continuada. Acredita-se que durante a formação inicial não estamos no campo profissional, e sim, num centro de formação, o máximo de contato com a prática profissional acontecem durante os estágios. Já na formação continuada, acontece o contrário, pois o professor que está totalmente envolvido no exercício profissional, volta-se em alguns instantes para os lugares de formação, através de cursos de aperfeiçoamento.

Mas é ingênuo pensar que apenas estar algumas vezes nos centros de formação funcionará como um dispositivo. É preciso ter em mente que a formação inicial será (re)significada, ou potencializada com a prática em sala de aula, e no retorno ao círculo formativo, a formação continuada só acontece quando o docente permite-se um momento de reflexão e novas vivências, que carregam também, além do imaginário educacional, toda a dimensão imaginária da profissão e singularidades dos sujeitos.

Cada vez mais, é impossível pensar na existência de relações sociais ou de relações como as que envolvem a formação de conhecimento dos professores em organizações ou estabelecimentos sem levar em conta sua dimensão simbólica, considerando apenas seus aspectos físicos e materiais, sem que as pessoas se vejam nas relações, o que inclui a imagem que possuem de si próprias e do outro (AZEVEDO, 2006, p. 06).

Há muito viemos discutindo no GEPEIS, sobre a formação a partir desta perspectiva, e podemos ver nas falas da professoras nossos projetos sendo mencionados. Trabalhamos com uma educação pautada no sensível, no imaginário, na arte, na ética e na estética. Isso porque a formação de professores está saturada desta concepção simplista que vê o docente como um técnico que necessita de novas fórmulas, de regras oriundas dos conhecimentos científicos sistematizados.

Neste sentido, Valeska Oliveira traz, ao refletir sobre formação docente em suas vivências com o GEPEIS, o seguinte apontamento

Nas parcerias que vimos construindo com as escolas para as nossas pesquisas, reapresentamos aos professores práticas que já vêm realizando, mas para as quais, muitas vezes, não conseguem reconhecer ou argumentar de forma reflexiva. Por isso, temos defendido, como outros pesquisadores da formação que a pesquisa na escola é *com os professores*

e não *sobre eles*, e que a valorização das experiências e saberes instituem neles novas formas de ser docente e ser pesquisador na universidade (2012, p. 94).

Sobre tal perspectiva, Nadja Hermann (2010) também traz várias considerações. E, através de teorias como estas, relacionando-a a ideia de que a formação é um trabalho sobre si, defendendo que este trabalho de dissertação – por também se tratar de formação docente, ou da docente que lhes escreve – seja feito com leveza, com arte, com estética. Estética esta que vai além da beleza, e por aí já acho oportuno trazer as palavras da autora ao falar sobre este assunto.

Inicialmente deve-se liberá-lo da tradição do século 18, como estudo do belo e da arte, para ampliar seu uso a toda dimensão da sensibilidade e não estritamente à beleza, como foi a marca do desenvolvimento histórico dessa categoria conceitual. A estética se relaciona com nossa capacidade de apreender a realidade pelos canais da sensibilidade e põe em movimento uma disposição lúdica para a atividade criadora (HERMANN, 2010, p. 31).

A partir disso, é oportuno lembrarmos a colocação da professora Indira Gandhi sobre os processos formativos, quando ela diz “*Mas aí o professor tem que estar aberto*”. Declaração que nos leva a pensar a formação pelo viés da experiência estética, esta que, segundo Hermann, coloca em atividade um outro lado da razão, no qual valoriza-se o sentimento, a sensibilidade e as emoções. Configurando-se numa “experiência da verdade no sentido de que aquilo que não está explicitado, que está oculto, também constituiu nossa subjetividade e nossa relação com o mundo” (Ibid., p. 45).

Ao trazer a dimensão ético-estética da educação para esta dissertação, o faço por acreditar que devemos pensar a formação docente sob outros paradigmas. A fim de superar a primazia do racionalismo quando se fala em educação, falar sobre os invisíveis, as poesias, o sentir, aquilo que também pode ser formativo, mas não necessariamente seja aprendido cognitivamente. Assim, estaremos trabalhando para a superação do reducionismo da concepção formação e para isso, trago a poesia *O apanhador de desperdícios* de Manoel de Barros (2003, s/p).

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água, pedra, sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que as dos mísseis.
 Tenho em mim esse atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz, por isso
 meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor os meus silêncios."

Hermann (2010) aponta a formação enquanto uma livre criação de si, e diz que esta é um trabalho de si mesmo, palavras que me fizeram relacioná-la com Ferry (2004). Aqui a questão do imaginário instituído do tempo volta como base para esta perspectiva de formação ética-estética, isso porque a maneira com que nos relacionamos com o Tempo e percebemos seus movimentos influencia diretamente nossa disposição ao forma-se. Nesta visão só é possível formar-se numa abertura dialética entre a experiência no mundo e um projeto de mundo, isso porque as experiências estéticas, a busca pela ética-estética da existência, liberam nossa subjetividade e cumprem um papel formativo no eu.

4.3 “Aqui o tempo se alonga na alegria e se encurta para a tristeza”¹⁰

Tempo. O tempo tem...
 Sessenta segundos em um minuto.
 Sessenta minutos em uma hora.
 O tempo é tudo. Tudo.
 (A invenção de Hugo Cabret)

Hoje, após assistir o belíssimo filme *A invenção de Hugo Cabret*, ao sentar para “dissertar” – algo que tenho feito muito nos últimos dias –, parei um instante para pensar quantas vezes o tempo, como uma temática, atravessa nosso cotidiano através de filmes, músicas, livros, poesias, comentários. Inspiração para diversas manifestações artísticas; desculpa para atrasos, esquecimentos, confusões,

¹⁰ Trecho do diário de Clarissa.

adiantamentos; causa, algumas vezes, do mal estar que se abate sobre a sociedade atual; instituição social que comanda nosso agir, pensar e fazer. Tempo. Levanta a mão aí quem tem relógio!

Foi na entrada da aldeia de Ollantaytambo, perto de Cuzco. Eu tinha me soltado de um grupo de turistas e estava sozinho, olhando de longe as ruínas de pedra, quando um menino do lugar, esquelético, esfarrapado, chegou perto para me pedir que desse a ele de presente um caneta. Eu não podia dar a caneta que tinha, porque estava usando-a para fazer sei lá que anotações, mas me ofereci para desenhar um porquinho em sua mão. Subitamente, correu a notícia.

E de repente me vi cercado por um enxame de meninos que exigiam, aos berros, que eu desenhasse em suas mãozinhas rachadas de sujeira e frio, pele de couro queimado: havia os que queriam um condor e uma serpente, outros preferiam periquitos ou corujas, e não faltava quem pedisse um fantasma ou um dragão. E então, no meio daquele alvoroço, um desamparadozinho que não chegava a mais de um metro do chão mostrou-me um relógio desenhado com tinta negra em seu pulso:

- Quem mandou o relógio foi um tio meu que mora em Lima - disse.
- E funciona direito? - perguntei.
- Atrasa um pouco - reconheceu (GALEANO, 2010, p. 39).

Eduardo Galeano, em mais uma de suas belíssimas histórias, ao contar sobre o “desamparadozinho” que possuía um relógio pintado no pulso escreve de maneira muito sutil sobre a instituição imaginária do tempo em nossa sociedade, seu peso e sua potência. A leitura que podemos fazer da cena descrita nos apresenta o imaginário instituído e seu símbolo, ambos, cada um à seu modo, agindo na produção de sentido e significado do que é vivenciado.

O relógio é símbolo do tempo, e a criança ter um em seu pulso e reconhecer que o mesmo “atrasa um pouco”, dando vida e ação para o objeto simbólico – e imaginário –, mostra que nem nos lugares mais pobres, em nenhuma fase da vida, conseguimos escapar do tempo. Neste sentido, Castoriadis (1982, p.155) diz que “o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre dois termos, de maneira que um ‘representa’ o outro”.

O tempo é medido por instrumentos, ou melhor, um instrumento, o relógio. Ele, no decorrer do dia, define nossas ações. Quando temos que acordar, comer, trabalhar, passear. O tempo é nosso dono. Me recordei do quadro de Salvador Dali, “A persistência da memória”. Sempre levava para os alunos essa imagem e fazia uma releitura, e pesquisava sobre o artista, quando ia desenvolver o conteúdo tempo (horas). (Alice)

O quadro a que Alice refere-se é *Persistence de la mémoire*, pintado por Salvador Dali em 1931. Nele, relógios derretidos formam um cenário que lembra algo se esvaindo, terminando, levando aquele que vê, e associa o nome da obra à

imagem, à pensar no tempo fazendo com que a memória vá se desmanchando com sua passagem. Na poesia, sobre o tempo, e o relógio como seu símbolo, lembro-me de Paulo Leminski (1985, p.98)

alvorada
alvorço

troco minha alma
por um almoço

relógio parado
o ouvido ouve

o tic tac passado

Ao longo da evolução da humanidade o Tempo foi percebido de diversas formas, e assim ainda o é. Neste sentido, Oliveira, Marque e Monteiro (2012, p.24) traz que, através de uma retomada histórica “podemos pensar o tempo por meio de três movimentos: o tempo na Antiguidade – cíclico; o tempo na Modernidade – linear; o tempo na Atualidade – simultâneo”. Assim, podemos pensar que a dimensão do tempo está sempre vinculada às nossas experiências de vida em sociedade.

Na Antiguidade o imaginário instituído do tempo, e a contagem do mesmo, se pautava nos ciclos naturais, entre eles as fases da lua, estações do ano, ritmo das marés, passagens de dias e noites. Neste período, devido ao modo de vida e produção dos homens, a divisão do dia em turnos ou horas não era necessário. Sobre esta primeira maneira dos homens se relacionarem com o tempo, Durand (2002) elaborou a teoria que apresentei anteriormente, em sua visão a lua aparece como a primeira medida do tempo, e o homem, com sua visão cíclica da passagem do tempo, alimenta o desejo de dominar Cronos, à medida que o espacializa instituindo o ano.

Este modo de perceber o tempo, pelas fases da lua, estações, marés, etc, são frequentemente lembradas e trazias para a escrita na literatura e na poesia, adicionando as narrativas um caráter de sensibilidade, emoção e imaginário. Por exemplo a tensão sob uma lua cheia, a alegria das primaveras, a solidão do inverno, como se cada um destes símbolos do tempo e sua passagem na Antiguidade, atualmente são símbolos para além de sua instituição inicial, o que nos apresenta a grande capacidade imaginária dos homens. Tais associações é o que Castoriadis

vai chamar de *imaginário periférico*, “ele corresponde a uma segunda ou enésima elaboração imaginária dos símbolos, a sucessivas camadas de sedimentação” (1982, p. 158).

A título ilustrativo – também porque eu não resisto a estas citações – vamos aos livros, às músicas, iniciando pela poesia *Família desencontrada* escrita por Mario Quintana, seguindo para o primeiro parágrafo de *O tempo e o vento – Continente I* celebre obra de Érico Veríssimo e, por fim, a música *Memórias do Mar* de Maria Bethânia.

O verão é um senhor gordo sentado na varanda,
suando em bicas e reclamando cerveja.

O Outono é um tio solteirão que mora lá em cima no sótão e a toda hora protesta aos gritos: "Que barulho é esse na escada?!"

O Inverno é o vovozinho trêmulo, com a boina enterrada até os olhos, a manta enrolada nos queixos e sempre resmungando: "Eu não passo deste agosto, eu não passo deste agosto..."

A Primavera, em contrapartida
_ é ela quem salva a honra da família! _
é uma menininha pulando na corda cabelos ao vento pulando e cantando
debaixo da chuva
curtindo o frescor da chuva que desce do céu
o cheiro da terra que sobe do chão
o tapa do vento na cara molhada!

Oh! a alegria do vento desgrenhando as árvores
revirando os pobres guarda-chuvas
erguendo saias!
A alegria da chuva a cantar nas vidraças
sob as vaias do vento...

Enquanto
_ desafiando o vento, a chuva, desafiando tudo _
no meio da praça a menininha canta
a alegria da vida
a alegria da vida!
(QUINTANA, 2005b, p.26)

Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. Era tanto o silêncio e tão leve o ar, que se alguém aguçasse o ouvido talvez pudesse até escutar o sereno na solidão. (VERÍSSIMO, 2004, p.21)

A água do mar na beira do cais
Vai e volta, volta e meia vem e vai
A água do mar na beira do cais
Vai e volta, volta e meia vem e vai

Quem um dia foi marinheiro audaz
Relembra histórias

Que feito ondas não voltam mais

Velhos marinheiros do mar da Bahia
O mundo é o mar
Maré de lembranças
Lembranças de tantas voltas que o mundo dá

Tempestades e ventos
Tufões violentos
E arrebentação
Hoje é calmaria
que dorme dentro do coração

Velhos marinheiros do mar da Bahia
O mundo é aqui
Maré mansa e morna
De Plataforma ou de Peri-Peri

Velhos marinheiros do mar da Bahia
O mundo é o mar
Maré de lembranças
Lembranças de tantas voltas que o mundo dá

Ainda na perspectiva de tempo da Antiguidade, aquelas sociedades que se organizavam sem o uso do relógio, no Egito o dia foi dividido em doze horas, cuja medida baseava-se segundo o comprimento da sombra de uma varinha fincada verticalmente no chão, e aí surgiu o primeiro relógio de sol. Ferramenta um tanto imprecisa, em especial nos dias encobertos, chuvosos, ou durante a noite. Os gregos também criaram um relógio de sol ao seu modo, e, ainda, em busca de maior precisão, posteriormente, um relógio de água (OLIVEIRA, MARQUES e MONTEIRO, 2012). Em seguida,

Com o aperfeiçoamento da fabricação de vidros, um novo medido temporal começou a ser usado, a ampulheta. Os sistemas de medida de duração, como o relógio de sol, a eclipsidra e a ampulheta, dificultaram a invenção do relógio mecânico, e os ciclos naturais limitavam as atividades humanas. A invenção do relógio mecânico veio mudar tudo isso, tornando o “fluir” do tempo uma sucessão de segmentos de duração fixa, metrificando-o. A hora foi fixada, passando a ser um padrão constante e universal de medida. Com isso, o relógio mecânico foi considerada uma das invenções mais notáveis dos últimos dois mil anos (Ibid., p. 26).

E aí começou aquele “tic tac” que tanto nos governa. Sobre ele, entre tantos, Mario Quintana (1873, p. 92), escreveu: “O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família!”. E Vinícius de Moraes cantou:

Passa, tempo, tic-tac
Tic-tac, passa, hora

Chega logo, tic-tac
 Tic-tac, e vai-te embora
 Passa, tempo
 Bem depressa
 Não atrasa
 Não demora
 Que já estou
 Muito cansado
 Já perdi
 Toda a alegria
 De fazer
 Meu tic-tac
 Dia e noite
 Noite e dia
 Tic-tac
 Tic-tac
 Dia e noite
 Noite e dia

A partir desta invenção, desta nova maneira de medir o tempo, iniciou-se o tempo linear da Modernidade, o tempo mecanizado. Neste cenário a teoria de Santo Agostinho (2011) é aquela que dita a maneira com que as pessoas percebem o tempo, a relação entre o passado – aquilo que era, e não é mais –, o presente – o que está neste instante –, e o futuro – o vir a ser. Deste modo o tempo passou a ser fragmentado, quantificado e passou a regular as atividades humanas, e em alguns casos, até os fenômenos naturais.

Nas narrativas das professores que me acompanham nesta dissertação a presença do tempo sob esta perspectiva é bastante forte, como podemos ler em seus diários

O que é o tempo?

É o momento presente é o passado e o futuro. São os “instantes” das nossas vidas e cada minuto que vivemos e vivenciamos com tudo o que nos cerca e fazemos acontecer ou deixamos escapar... mas que marcam cada instante, circunstância, permeado do nosso viver. (Indira Gandhi)

Desta forma os relógios instituíram, ou tornaram-se símbolo, do tempo cronológico em nossa sociedade. Não que antes deles este tempo não existisse, o tempo Cronos nos regula há mais tempo do que possamos imaginar, mas a concepção Moderna do mesmo potencializou sua ditadura. E assim, os relógios passaram a ditar a vida social e econômica das sociedades.

Vou falar um pouco do tempo cronológico instituído pela sociedade. Pois bem, desde que o homem precisou se organizar socialmente necessitou também de uma organização temporal. Acredito que assim o dia a dia das pessoas tomaram rumos cronológicos seguidos pelos ponteiros do relógio. Cada passagem passa a ser assistida pelo tic tac da criação humana, o

relógio que regula o cotidiano dos seres, até mesmo animais e vegetais. Pois também requer uma hora e momento melhor, mais adequado para o plantio, crescer, procriar e alimentar. (Indira Gandhi)

Sobre o Tempo como uma instituição imaginária, Castoriadis (1992) vai dizer que “um sujeito não é nada se não for a criação de um mundo para ele numa clausura relativa” (p.262). Ou seja, a sociedade cria, institui, suas formas de ser, agir e pensar para nelas habitar. Lembrando sempre que todas estas instituições são compostas de elementos subjetivos e objetivos – funcionais e imaginários.

Quando referimos o tempo – como, de fato, quando refletimos o que quer que seja –, é impossível evitar uma divisão insuperável:
 – tempo para nós – ou para um sujeito ou ser para si, com diversos caracteres simultaneamente evidentes e enigmáticos (por exemplo, basta pensar na sua pulverização entre todos os sujeitos efetivos e possíveis);
 – tempo no mundo – ou do mundo, como receptáculo e dimensão de tudo o que poderia aparecer, e como ordem e medida desta aparição. (Ibid., p.261)

Tal divisão do tempo, Castoriadis bem explica em suas obras, e sobre esta *instituição filosófica do tempo* já discorri anteriormente na dissertação. Entretanto, para o autor, existe um tempo “coisificado”, mensurável, identitário, e outro tempo vivido, tempo da experiência do sujeito, tempo imaginário. E nós, seres sociais que instituímos tal questão, transitamos estas duas dimensões do tempo na medida em que vamos vivendo, como podemos ver nas seguintes narrativas.

Com relação ao tempo da minha vida, não me sinto com quase 37 anos, tão pouco tempo para chegar aos 40 anos. Parece que ainda tenho 20 anos, ou menos. Não fisicamente, é claro, mas meus sentimentos, minhas emoções. Sei que já amadureci bastante e que não sou a mesma Sira Quiroga de quando tinha 20 anos, nem poderia, pois foram muitas vivências e experiências. Porém me sinto jovem. Acredito que isso seja bom para mim. Talvez isso aconteça devido a minha profissão. Convivo com crianças, adolescentes e jovens diariamente. (Sira Quiroga)

À medida que o tempo passa, todos os seres humanos marcam e acompanham os dias em calendários. Estes ficam “guardados” em lugares para que seja visível acompanhar o tempo. Junto com ele inúmeras realizações acontecem, caracterizando o tempo das procuras e dos sonhos. (Indira Gandhi)

A partir destas falas podemos perceber a ação do imaginário instituído do tempo, e suas duas dimensões, sendo percebido por aqueles que o vivenciam.

O tempo. Como o percebo. Pergunta que fez refletir e ver que muitas vezes, ou quase sempre, o tempo na vida é o tempo mecânico que domina. Tudo tem hora e dia para fazermos as coisas. E não tem como escapar. Rotina,

tenho um certo conflito com ele. Pois o tempo mecânico gera a rotina.
(Alice)

O tempo é o mesmo há muitos e muitos anos para todos, sem divisão de raça, cor... O “fazer” com o tempo muda de acordo com o que cada um quer para si. (Indira Gandhi)

As sociedades, ao criarem seu próprio mundo, e suas significações imaginárias, incorporam tal criação à sua vida, tornando-se ao mesmo tempo criador e criatura do que foi instituído. Isso porque vivemos sob o jugo do Tempo que criamos, sob o monstro que criamos. Aí passamos a pensar no modo com que nos relacionamos com ele

Eu sempre tive uma dificuldade muito grande em relação ao tempo, pois sempre fui muito lenta. Coisas que as pessoas costumam fazer em um tempo x, eu levo o dobro do tempo, por isso sempre tive que levantar com bastante tempo de antecedência dos meus compromissos para não me atrasar e, mesmo assim, muitas vezes eu ainda me atraso. (Sira Quiroga)

Então, **organizo meu tempo em função do trabalho e da família** e, dentro “desta” organização também realizo trabalho voluntário como catequista na Catedral Metropolitana de Santa Maria. Este trabalho envolve 2 horas (semanal) na quinta-feira à tarde e uma reunião geral uma vez por mês durante 2 horas. (Indira Gandhi)

Lembrei do poema do Mario Quintana, “O tempo”. **Hoje eu me sinto assim “Quando se vê já são seis horas! Quando se vê já é sexta-feira...”**
(Alice)

O tempo vai e volta e só depende de cada um viver o tempo da maneira que deseja. Sempre respeitando o tempo de cada um. “Sempre é tempo para começar e recomeçar.” (Poliana)

As docentes, provocadas a escreverem sobre como se relacionam com o tempo, refletem sobre suas vidas e cotidiano para que posteriormente estendamos tal reflexão à docência. Assim, cada uma a seu modo escreve sobre o assunto, Sira Quiroga apresenta uma característica sua, bem particular, o fato de demorar para realizar atividades cotidianas e utiliza-se disso para justificar a forma com que se dá sua relação com o tempo. Indira Gandhi, que desde o início de diz, e mostra, muito organizada diz que com organização há tempo para tudo. Já Alice salienta a questão da rapidez da passagem do tempo sem que percebamos tal fenômeno, ressaltando o quanto ocupa-se no dia-a-dia. E, por fim, Poliana fala sobre a questão do

recomeço, puramente imaginário, da possibilidade do recomeço, o que nos remete novamente ao caráter cíclico do tempo.

Castoriadis (1992) também considera tal questão, para ele o “tempo da volta” é perpetuamente recorrente, fato que dá o impulso fundamental das sociedades. Sobre esta maneira de perceber o tempo as professoras escrevem que

O ser humano nasce, cresce, se reproduz e morre. Esse é seu tempo. Mas no meio desse tempo tem a forma de viver. Temo, tempo, o ciclo, as emoções que não podem ser cronometradas, que “fogem” do tempo. (Alice)

29, 30 e 31 de dezembro de 2012.

A espera do Novo Ano ou Novo Tempo ou apenas uma Nova Repetição dos acontecimentos. O tempo do tempo do meu tempo mais perto do fim, esta é a única certeza. (Clarissa)

Também, o mesmo tempo que num momento é cíclico, em outro volta a ser linear,

O tempo e seus movimentos de suas cirandas, vida que se reflete nas cores. Tempo de preparo, de plantio, de colheita, de ressurreição. Tempo de viver. O tempo me tornou uma pessoa melhor e mais polida, assim como o joalheiro pega a pedra e transforma em uma joia. O tempo fez comigo, tornando-me uma pessoa mais justa, humana. Me fez uma mulher que ama, ama as flores, as crianças, os animais, a chuva, o vento, as pessoas, o próximo, pois amando o próximo estou amando a mim mesma. (Poliana)

A partir disso, percebemos que a ligação entre o tempo imaginário e o tempo identitário é, institui de qualquer coisa, uma representação social do mundo.



Imagem 4 – Postal Paris frente

(Acervo Pessoal)

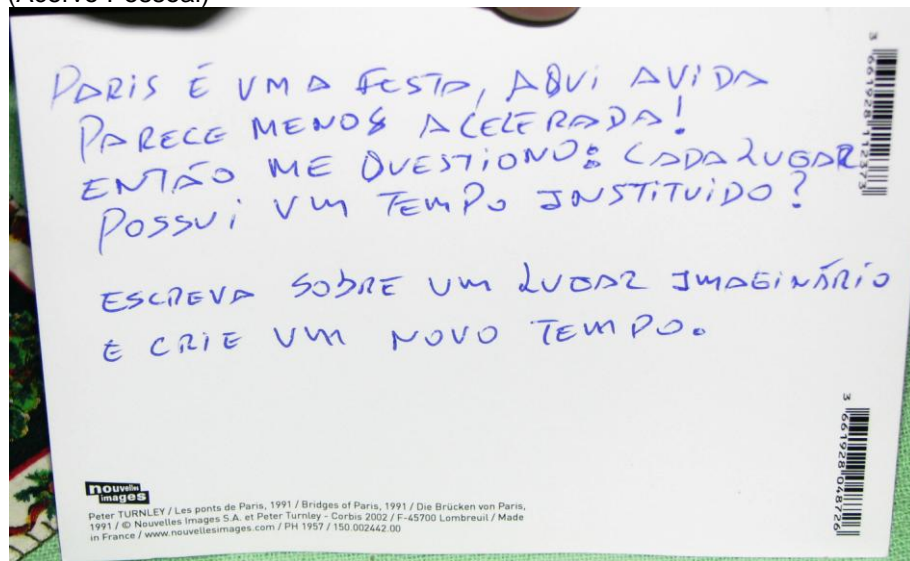


Imagem 5 – Postal Paris verso

(Acervo Pessoal)

Neste sentido, provocadas a pensar sobre um lugar e um tempo imaginário, outra instituição do tempo, Clarissa e Sira Quiroga aventuram-se na escrita e mobilizam símbolos que habitam seu imaginário.

Sítio da Colina

Pequeno, protegido por cerros e altas árvores. Aqui o tempo se alonga na alegria e se encurta para a tristeza. O tempo aqui no sítio é lento, quase parado, os momentos são sorvidos a conta gota. O amanhecer se espreguiça longamente, ocupa muitas horas, mais que o tempo normal, não corre, e quando chega o anoitecer parece que passaram anos.

A tranquilidade das coisas que não correm para acontecer, nos deixa contemplativos para tudo que acontece na natureza: o gado que pasta, o pássaro que voa, as nuvens que passam.

O tempo aqui nos permite pensar mais, errar menos.

Nos permite conservar a vida por mais tempo, sem correria...

Neste pequeno mundo o tempo é lento, o tempo que nos dá mais tempo até para errar menos, amar mais. (Clarissa)

Lugar Imaginário

Hoje, na tarde do dia 14 de janeiro de 2013, recebi um belo cartão postal de Paris e me foi pedido para escrever sobre um lugar imaginário e criar um novo tempo. Pois bem, pensei sobre essa questão e resolvi escrever sobre um lugar que, sinceramente, sei que existe sim, mas que para muitos que não acreditam, irão dizer que é simplesmente coisa da imaginação, que não existe, que é fantasia. Enfim, cada um, de acordo com suas crenças e princípios acreditará ou não na existência desse lugar.

Estou me referindo a nossa verdadeira pátria, àquela de onde viemos e para a qual voltaremos. Essa “viagem” já aconteceu tantas vezes, mas nunca nos lembramos desse lugar. O Mundo Espiritual é o nosso verdadeiro lar. Aqui pela Terra, passamos apenas temporariamente, por um período de tempo muito curto, em comparação com a eternidade da alma.

No nosso verdadeiro lar, há muitas colônias, que podem ser chamadas de cidades e nas quais o tempo é muito diferente do tempo da terra. O tempo que aqui parece passar tão lentamente em alguns momentos e tão rápido em outros, lá não é igual. Não sei realmente qual é a diferença. Mas posso dizer que muitas vezes, quando nossos amigos, que estão lá, comunicam-se, eles falam do tempo que parece ser breve para eles, mas que, para nós, pode demorar muito para passar.

Pode-se dizer que a vida aqui na Terra é uma cópia grosseira do mundo de lá. O que temos aqui como alta tecnologia, nada mais é do que uma pequena amostra ainda rudimentar das tecnologias avançadas de lá. O Mundo Espiritual é bem mais avançado tecnologicamente do que a Terra. Por isso, pode-se dizer que estamos em um tempo de avanço de ciência e tecnologia ainda primitivo em relação ao Mundo Espiritual.

Não posso deixar de mencionar, é claro, que como há muitas cidades e colônias, há diferenças nesse avanço e nesse tempo, pois cada um de nós vai e /ou vem de um lugar compatível com sua evolução. Ou seja, quanto mais formos evoluídos intelectual e, principalmente, moralmente, para um lugar mais evoluído iremos ou chegaremos. Enfim, de forma breve, é isso que posso escrever sobre esse lugar, que para muitos é apenas imaginário, mas que sei que de imaginário não tem nada. (Sira Quiroga)

Sira Quiroga traz à baila seu imaginário religioso junto com sua escrita sobre outro tempo possível. Para Castoriadis (1982), toda a religião está centrada em um imaginário, que instaura ritos e símbolos, sensações e constitui-se num importante elemento das sociedades. O outro texto, *Sítio da colina*, apresenta marcas de passado, lembranças que a memória entrelaçou com perspectivas futuras, sentimentos e desejos. Tais associações, para Castoriadis (1982) justificam-se porque “todo o simbolismo edifica-se sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes, utilizando seus materiais” (p.147). Com isso, a escrita de Clarissa lembra-me o poema *Boitempo* de Carlos Drummond de Andrade (2002, p.175):

Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.

A luz chega no leite,
 morno esguicho das tetas
 e o dia é um pasto azul
 que o gado reconquista.

Além do cartão postal, quando nos encontramos para conversar sobre o tempo, compartilhar vivências e os diários, as professoras também foram provocadas a pensar um lugar e um tempo imaginário, e a partir daí deu-se o seguinte diálogo:

- *Um lugar e um tempo imaginário (Sira Quiroga)*
- ***Ai eu imagino o Marieta*** [escola onde trabalha] ***em outro tempo, meus sonhos, meu projeto com o Marieta, que fosse outra escola, onde tivesse só laboratórios pra trabalhar, um tempo futuro.*** (Indira Gandhi)
- ***Ai eu já penso hoje eu numa praia, ai uma praia, sem tempo pra nada, sem ter aquele tempo pra isso, aquele tempo pra aquilo.*** (Alice)
- *Eu não gosto disso que ficar correndo atrás do tempo, as vezes eu chego na escola e digo pras gurias, ai coisa boa eu queria ter uma escola assim que eu acordasse – não gosto do relógio de manhã me despertando – que eu acordasse e fosse trabalhar tantas horas. **É massacrante tu ficar em função do relógio, bendito quem inventou o tal do relógio. Esse tempo cronológico, do relógio é o que gera o estresse.*** (Indira Gandhi)
- *Eu vou tentar colocar esta questão assim ó, tenho dificuldade em ficar nos lugares, lugares que eu não gosto de estar, por exemplo uma cidade pequena, **eu gosto de cidade grande, de agitação, e o tempo é a gente quem faz no lugar.** Pode ser, de repente, tu estar numa cidade enorme, como eu gosto, e o tempo passar lentamente, agora, se tu estiver num lugar pequeno e tiver muita coisa para fazer, o tempo vai rápido. Lugar pequeno pra mim é deprimente, sufoca.* (Sira Quiroga)
- *Eu vivi até meus dezoito anos pra fora, no que a gente chama colônia, e o meu marido diz “ai vamos comprar uma chácara”, mas é porque ele sempre morou aqui. E eu tenho uma amiga minha, uma senhora de oitenta e poucos anos que é um sarro e ela diz “ai minha filha vamos fazer uma chácara pra nós sabe aonde? Na Praça Saldanha Marinho” (risos).* (Indira Gandhi)

A partir de tais reflexões, é possível perceber a instituição do imaginário social do tempo e sua presença em nossas ações cotidianas. Indira Gandhi associa seu “outro tempo possível” à uma escola melhor preparada para o seu exercício da docência, com a forte presença da esperança em dias melhores ela fala sobre uma escola a escola onde trabalha em momentos futuros, além disso fala sobre o relógio, símbolo do tempo cronológico moderno. Por outro lado, Alice projeta seus devaneios para uma praia, imaginário instituído de local de descanso e prazer. E Sira Quiroga argumenta dizendo que somos responsáveis pelo tempo que instituímos em nossas vidas, e não os lugares.

Seja em nossos devaneios sobre outro tempo possível, em nossas narrativas cotidianas sobre como nos relacionamos com ele, ou organizamos nossas vidas, o

tempo é fator fundamental da existência humana na sociedade. Assim, desde que o mesmo passou a ser quantificado e mensurado, o tempo mecanizado da modernidade infiltrou-se nas escolas, em especial na docência, questão problematizada no capítulo seguinte.

4.4 “Como educadora, nua e cruamente o ano é constituído de 200 dias letivos, começa no dia do 1º dia de aula”¹¹

O tempo e a maneira com que nos relacionamos com ele enquanto instituição social é a dimensão basilar de nossa vida e cotidiano. Já faz algum tempo que em conversas, na literatura da área, e outros momentos, tenho percebido uma constante queixa dos professores de escolas públicas, referente à suas vidas, seu tempo, seu cotidiano e o pouco período que dedicam a si. A lógica temporal imposta à docência, algumas vezes dificulta a relação entre o trabalho, família, formação continuada, e seus distintos tempos.

Cansaço, poucos recursos, falta de tempo, dores, auxílio limitado, um desânimo se abate sobre a profissão docente e o professor como pessoa, o cuidado dele consigo mesmo, muitas vezes está sendo relegado ao segundo plano. Neste cenário me lancei à investigação que dá sentido a esta dissertação de mestrado. A necessidade de voltar o olhar para a relação do docente consigo mesmo, e com seu Tempo, para entender a relação dele com sua profissão.

Ainda, me coloquei na pesquisa enquanto professora e pós-graduanda, profissional em formação que também vive em função de Cronos, que também se queixa do Tempo. Para ilustrar tais angústias, apresento um texto que escrevi em outro momento, sobre este mesmo assunto.

TEXTO SEM TÍTULO PELA FALTA DE TEMPO E CUIDADO

As palavras fogem de mim, as palavras parecem estar saindo correndo. Falar em cuidado, falar em vida como obra de arte, aqui onde me encontro hoje, se eu pudesse, assim como as palavras, também fugiria. Tento encontrar maneiras de aliviar o peso que se põe no espaço, procuro dispositivos, práticas de cuidado, reflexão, o dia está lindo, quem sabe escrever lá fora me faça melhor.

¹¹ Trecho do diário de Clarissa

...
Aqui fora as coisas parecem mais calmas do que realmente estão, o azul do céu, o sol, as flores que colorem o campus. Não entendo. Porque as pessoas gostam de sentir frio no verão? Acho que sou eu quem está mal-humorada. Vou colocar alguma música para tocar.

...
Fiz uma seleção, Chico Buarque e Oswaldo Montenegro. Acho que posso ficar melhor assim. Enquanto Chico canta “meu tempo é curto, o tempo dela sobra...”. Lembro com saudades de quando pensava no tempo sob uma outra perspectiva. A de quem se relacionava bem com ele. Então, chegamos ao outro dos meus assuntos, o Senhor Tempo.

No momento já me sinto mais tranquila, li uma ou duas poesias, as músicas ressoam boas nos meus ouvidos, gosto de estar aqui. Enquanto escrevo isso me impressiono em como posso mudar meu dia com pequenas atitudes em favor de mim. Desde simplesmente sair do ambiente tenso e vir sentar na grama, ou até mesmo enfrentar as palavras que me fogem, escrevendo o que penso durante sua fuga, assim, confundo-as e elas acabam aqui na página, onde é o lugar delas.

Ando numa fase “montenegrina”, a voz dele me faz bem, as poesias também, por exemplo, agora ele está cantando “que essa minha vontade de ir embora se transforme na calma e na paz que eu mereço”. Esta poderia ser a frase do meu dia, parece que ele fala comigo. Me diz que vai passar, que o tempo vai voltar a ser meu amigo e assim, o cuidado vai estar mais presente na minha vida.

Ontem, quando li a provocação da Val sobre como as leituras sobre o cuidado de si tem contribuído para meu projeto, no primeiro momento preferia não ter sido provocada. Ando em crise com isso. Estou falando que não tenho conseguido cuidar de mim de maneira suficiente para poder cuidar do meu projeto. Não tenho me relacionado com o tempo de maneira satisfatória, para que ele seja legal comigo e eu consiga fazer o que preciso entre viagens, trabalho e dissertação.

Definitivamente, preciso estudar mais sobre as técnicas de si, a leitura me mostrou isso. E ainda, ter uma conversa séria com o tempo, como a que a Viviane Mosé conta que teve, aquela na qual ela diz, “tempo, se é para me comer que seja com o meu consentimento!”.

Hoje penso que quando me propus dissertar sobre o Tempo, não tinha plena consciência de o quanto ele influencia nossas vidas, nem da íntima relação que o mesmo tem com o cuidado. Não havia percebido que a todo o momento as pessoas falam ou agem envolvidas por este tema, ou melhor, por este Senhor que ora chamo de tema. No texto que compartilhei acima, cito uma poesia de Viviane Mosé (2001) que acho oportuna trazer na íntegra antes de continuar escrevendo. Assim, a mola propulsora da pesquisa pode ser vista nas seguintes palavras

quem tem olhos pra ver o tempo soprando sulcos na pele
soprando sulcos na pele
soprando sulcos?

o tempo andou riscando meu rosto
com uma navalha fina
sem raiva nem rancor
o tempo riscou meu rosto
com calma

(eu parei de lutar contra o tempo
 ando exercendo instantes
 acho que ganhei presença)

acho que a vida anda passando a mão em mim.
 a vida anda passando a mão em mim.
 acho que a vida anda passando.
 a vida anda passando.
 acho que a vida anda.
 a vida anda em mim.
 acho que há vida em mim.
 a vida em mim anda passando.
 acho que a vida anda passando a mão em mim

e por falar em sexo quem anda me comendo
 é o tempo
 na verdade faz tempo mas eu escondia
 porque ele me pegava à força e por trás

um dia resolvi encará-lo de frente e disse: tempo
 se você tem que me comer
 que seja com o meu consentimento
 e me olhando nos olhos

acho que ganhei o tempo
 de lá pra cá ele tem sido bom comigo
 dizem que ando até remoçando

Pensar a formação docente na atualidade requer olhar para os mesmos nas suas singularidades, nas suas vidas cotidianas, e perceber que o docente que trabalha vinte, quarenta, sessenta horas semanais no magistério, antes de tudo é uma pessoa e vive envolto num tempo instituído. E, a partir daí, “aprender que a educação é a construção e re-construção de histórias pessoais, sociais, coletivas e individuais dos atores que constroem o cotidiano, a cultura escolar” (SOUZA, 2006, p. 136). Assim, para iniciarmos tal discussão, acho oportuno compartilhar a narrativa de uma das docentes sobre seu cotidiano, como uma prévia do que está por vir.

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012.

O relógio desperta as 6 horas; 6 horas e quinze levanto. Desço para o café, ligo o rádio (Gaúcha) para escutar as notícias, isto já é automático. Saio, pego o jornal (Zero e Diário). 6:40 subo para escovar os dentes e chamar o filho para a escola (é o drama de todo o dia), fazê-lo levantar-se. Volto, chamo uma segunda vez (ele me xinga). Eu ousou, já estou saindo. “Olha a hora, não vai perder o ônibus!” (muitas vezes isso acontece). Saio, pego o ônibus 7h e 5 minutos. Cheio. As pessoas na parada são as mesmas praticamente todos os dias. Ali tu escuta muitas histórias de vida, que dariam até uma boa tese de mestrado.

Chego na escola, normalmente a merendeira já está lá. Faço um chimarrão e rapidamente já é tempo de receber os alunos. Na sexta-feira eu tenho uma aula em cada ano. O ano mais complicado é o do 6º ano. A gente mais chama atenção e pede silêncio do que dá aula. O recreio é o tempo de conversar um pouco com as colegas, rir, contar dos filhos, falar das preocupações com o conteúdo, com a aprendizagem deficiente dos nossos

alunos. Dar aula hoje em dia é muito diferente do tempo que comecei a trabalhar (40 anos atrás). Será que parei no tempo. Ou o tempo me trouxe novidades que eu ainda não assimilei? 11:45 termina a aula, pego uma carona para casa.

Geralmente parte da comida está pronta, é aquecer e almoçar. Um filho chega, outro sai. Um instante de descanso. Pelo meio da tarde preparar as aulas ou sair para tirar Xerox. De tardezinha um chimarrão, assistir a novela das seis (gostei porque resgata um período histórico interessante do Brasil – o pós escravidão). Depois a janta, o noticiário. Depois deitar, ouvir um CD, normalmente lembrar os anos 60 e 70 até chegar o sono (Clarissa).

Sobre docência, sua relação com o tempo e a profissão as professoras que me acompanham na pesquisa tem muito a dizer, e o fazem, e sobre estas narrativas é que este capítulo versará. Mas antes é necessário compreender que

Em formas de sociedade nas quais os percursos de vida são, cada vez mais, marcados pela pluralidade das experiências, profissionais, pela diversificação das experiências sociais e pelos efeitos de ruptura, deslocalização, renovação de formação que essas formas de sociedade provocam, as trajetórias formativas não podem mais obedecer a esquemas comuns. Estas, por sua vez, se singularizam nas histórias individuais que “trabalham” e incorporam, cada uma à sua maneira, as contribuições externas e as próprias experiências (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 29).

O narrar sobre si envolve personalidade, disposição e abertura ao outro. Nas escritas das professoras em muitos momentos vemos entrelaçados suas escolhas profissionais e acontecimentos familiares ou exigências de períodos histórico-sociais - imaginário social instituído. Clarissa, ao escrever sobre o início da carreira docente já traz questões muito importantes e, até hoje, conflituosas.

Depois o casamento, a vinda para Santa Maria. Lecionei no Maneco e aí vieram as lutas por melhores salários, greves intermináveis. A pós-graduação em História do Brasil, a aposentadoria. Voltar a trabalhar agora pelo município, as lutas continuam e haverão de continuar. Hoje, com 60 anos, acho que a educação ainda tem muito que esperar para ser valorizada. O nosso trabalho tem que ser feito dia a dia para dar a nossa contribuição nesta valorização (Clarissa).

Antes mesmo da formatura já estava trabalhando e não parei mais. No início trabalhei em cursinhos, muito trabalho, pouco dinheiro. Depois comecei a trabalhar em uma escola estadual do interior, São Martinho da Serra, era um contrato temporário. A partir dessa época, 2004, comecei a madrugar. O ônibus saía da rodoviária às 6:30 da manhã (Sira Quiroga).

Sira Quiroga também apresenta em sua narrativa aspectos recorrentes e importantes da docência. O imaginário escolar, docente e pedagógico acompanhou todas as mudanças e fases da educação e profissão, desde o discurso de que o saber tiraria o mundo das sombras na época do Iluminismo, até a queda deste modo

de pensar e instituição do cientificismo para controle das massas. Segundo Gens (2006), tais movimentos é que instituíram este imaginário de desencanto pela educação e pelo exercício do magistério, que resultou na cena – ainda atual – de baixos salários, elevadas cargas horárias, e precariedade de ensino e qualidade de vida docente.

A carga horária é um dos principais reflexos da cena docente na atualidade, para conseguir um salário digno para sustentar as famílias, a maioria dos docentes trabalham três turnos, em instituições, ou até mesmo cidades, diferentes. E sob esta conjuntura, as professoras narram com propriedade de quem já vivenciou.

Quinta-feira, 08 de novembro de 2012.

Passei a 5ª feira nas lidas de casa, preparando aula, lendo. O tempo de quem trabalha 20 horas (um só turno) é razoável. Pode-se fazer muitas coisas e sem correria. Não é o mesmo para quem tem 40 e até 60 horas. **O tempo é curto, e se dedicar a profissão prejudica o familiar, e se dedicar ao familiar prejudicará o profissional.** Trabalho 20 horas e acho que seria o melhor regime de trabalho, principalmente para as mulheres que tem filhos, mas como o salário é baixo, a carga de trabalho tende a ser maior, infelizmente. A luta por melhores salários no magistério tem sido árdua e interminável desde que comecei a lecionar até hoje (Clarissa).

Atualmente, trabalho nos municípios de Santa Maria e Agudo, ambos através de concurso dos municípios. Tenho 40 horas de trabalho semanal. Fui nomeada nos municípios em 2009. No início foi tudo mais difícil, pois o inglês é uma disciplina que tem a carga horária baixa. Em Santa Maria, são 2h/a por semana, mas em Agudo, é apenas 1h/a. A outra hora é para o alemão que é muito forte na cultura deles. Por conta disso, quando comecei em 2009 tinha três escolas em Agudo e duas em Santa Maria. No ano seguinte piorou, fiquei com quatro escolas em Agudo, uma para cada turno trabalhado e as duas de Santa Maria. Ainda nessa época comecei uma especialização, à distância é claro, na qual eu fazia as atividades quase sempre nos finais de semana. Ainda bem que sempre tive apoio do meu marido (Sira Quiroga).

Assim destaco que em razão dos meus “anseios” organizo meu tempo para buscar aquilo que preciso para realizar “melhor” meu trabalho. Mesmo ciente que o professor com uma carga horária “mais pesada” (40 – 60h) pode se organizar com tempo diferenciado para implementar sua formação que além de tornar o fazer mais eficiente traduz satisfação pessoal. **Eu trabalho 20h, me considero privilegiada quanto ao tempo que disponho para organizar minha vida profissional e particular.** Mas acredito que cada um tem “seu tempo” depende de como e do quê fazemos com ele (Indira Gandhi).

O tempo é precioso e como ele é muito significativo na vida do professor, no cuidado de si, na formação docente. Atualmente o professor não tem tempo para si, pois tem que estar 60h frente aluno para que no final do mês consiga pagar suas contas e sobreviver. Isso é muito comum no cotidiano escolar. São poucos os professores que trabalham 20 horas. **Para o professor 20 horas significam 40 horas de trabalho. A sociedade não**

percebe que os planejamentos, pesquisa, formação fora da escola também é trabalho que será desenvolvido em sala de aula (Alice).

A partir das narrativas (auto)biográficas percebemos as preocupações com o Tempo e a docência, conscientes das necessidades e demandas que a profissão impõe. Clarissa salienta a questão do equilíbrio e cuidado entre o profissional e o pessoal, quando fala sobre a atenção da à família. Indira Gandhi traz a tranquilidade do docente que trabalha vinte horas, e Alice alerta sobre as atividades extraclasse que fazem parte do cotidiano docente.

Já Sira Quiroga apresenta um retrato do professor nos dias atuais, excesso de escolas, alunos e turmas, o professor se virando em mil para preencher a carga horária. Tais características apresentam-nos um desenho do tempo escolar instituído há, no mínimo, dois séculos atrás. Os currículos escolares na atualidade ditam a rotina dos docentes através de seus conteúdos, classes, turnos, seriações, anos letivos. Afetando diretamente a vida do professor, sua formação continuada e desempenho em sala de aula. Miguel Arroyo (2009), na obra *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres* traz boas reflexões sobre esse problemática da profissão.

Vivemos tão imersos no tempo escolar, internalizamos tanto sua lógica que nos parecem naturais, encobrimo para nós mesmos que esses tempos e essas lógicas são construções históricas. Nossas práticas docentes se parecem mais com essas lógicas temporais do que com nossas progressistas concepções políticas e pedagógicas. Quanto mais conheçamos sua construção histórica mais nos conheceremos. O sistema escolar foi sendo constituído por múltiplos e contraditórios interesses (p. 196).

Ainda, é possível perceber nas reflexões das docentes sobre as cargas horárias do trabalho uma estreita relação entre as demandas profissionais e a organização da vida pessoal. E sobre esta relação entre a vida profissional e pessoal imposta pela docência, os períodos fora da escola muitas vezes sendo ocupados pela própria escola, também são tema de pesquisa para Teixeira e Silva (2012).

Esta expansão da jornada e da intensificação dos ritmos do trabalho docente, além de resultar diretamente da desvalorização material da profissão, consagrada nos baixos níveis salariais da categoria, obriga os docentes a ampliarem seus turnos, as turmas e as escolas onde trabalham, para aumentarem seu salário. Além destes condicionantes, relativos à precárias condições laborais dos professores, o fato acompanha dois

processos históricos em curso: a desqualificação do trabalho e a separação entre concepção e execução no trabalho (p. 105).

Entretanto, fato que me surpreendeu positivamente foi que as docentes participantes da pesquisa, apesar de narrarem os problemas e desafios da profissão não multiplicam o imaginário exausto da figura do professor. Falam dos cursos de formação continuada como um dispositivo para permanecer na docência, local onde muitas vezes encontram força e companhia para seguir. Aqui cabe retomarmos conceitos de formação docente já apresentados anteriormente, Ferry (2004) e Hermann (2010) apontam a formação continuada como um trabalho sobre si mesmo, uma relação entre o trabalho no mundo e o projeto de mundo de cada indivíduo, incitando uma livre criação do sujeito.

Eu sempre procuro participar de cursos, projetos, porque tenho um tempo para isso. E isso toma um tempo grande. O professor é um ser humano que também quer um tempo para o seu lazer, estar com a família. Eu já trabalhei 40 horas e sei que é difícil administrar o tempo para outras coisas que não são da escola. O professor que só sobrevive somente do trabalho, da profissão de professor não consegue tempo para cuidar de si. **E uma dedicação exclusiva, salário e valorização profissional define tempo do professor. Isso não quer dizer que ele não possa desenvolver um bom trabalho, de qualidade** (Alice).

Em relação a minha vida profissional destaco a minha ansiedade em fazer “coisas” diferentes, isto requer comprometimento em “buscar” para incrementar o trabalho e torná-lo mais interessante. Esse fazer “coisas diferentes” consiste em realizar um trabalho em que as aulas possam ser mais criativas e assim, despertar maior interesse dos alunos. **Desta maneira procuro estar sempre atualizada, ou buscar atualização, formação para implementar meu trabalho** (Indira Gandhi).

Quarta-feira, 07 de novembro de 2012.

Nesta quarta de folga convoquei os alunos para um projeto sobre os anos 60 e 70. Tentamos organizar na sala de informática um vídeo com momentos históricos e culturais destes anos. Não foi fácil, o trabalho será demorado e não será para este ano. A estrutura da escola só me oferece a 4ª a tarde para isso. Vou precisar mudar a tarde de reforço para 4ª feira, isto será difícil (Clarissa).

Estou em busca da docência. Estou morando em Santa Maria há um ano e 10 meses. E neste tempo já cursei minha pós-graduação em TIC-EaD. Sou especialista em TIC. Agora estou em busca do mestrado, já fiz uma disciplina como aluna especial. Pretendo estudar e fazer a seleção na metade do ano, pois meu objetivo é estar em sala de aula, fazendo aquilo que sempre sonhei (Poliana).

Com essas narrativas é possível perceber que tais docentes dão à profissão outra perspectiva no momento em que se abrem para a busca profissional, formação

continuada, envolvimento com projetos extraclasse. Isso também pode ser constatado a partir de sua disposição para a escrita nos diários que enviei para elas. Muitas das docentes que participam da pesquisa são antigas companheiras dos projetos de formação continuada que o GEPEIS desenvolve, e percebemos o reflexo disso em suas narrativas e práticas. A partir disso, é possível pensar que professores que buscam formação continuada estão/são menos influenciados pelo mal estar docente instituído socialmente?

E em sala de aula também sou assim. Não posso ficar com atividades que não tenham movimento. Uma vez uma colega me falou que considerava uma boa professora aquela que trabalhava com o movimento, que ocupava os espaços. Nunca esqueci isso. Para realizar tudo é preciso tempo, envolvimento, recusar algo ou deixar algo parado durante um tempo (Alice).

Terça-feira, 30 de outubro de 2012.
Hoje tive aula de Ensino Religioso e História com o 8º e 5º ano. Comentei em aula sobre a novela das seis que se encaixa no conteúdo da República Velha. Iniciei a Revolta da Chibata com o 9º ano. E a questão da Revolução Industrial com a iluminação à gás, a chegada da eletricidade. Parece que consegui chamar a atenção dos alunos dessa maneira. Hoje pela tarde tive aula de reforço de História. Os alunos pouco aproveitam estes momentos. Muitos nem aparecem (Clarissa).

Entretanto, interessante observar que além dos esforços dos professores para alcançar os alunos que estão “em outro tempo”, ainda há momentos de frustração e reflexão.

Segunda-feira, 05 de novembro de 2012.
A rotina, o tempo passando. Como é bom chegar em casa. O ensinar as vezes exige muito, parece que nada se alcança, mas mesmo assim, lá no fundo da sala vai ter um rostinho que compreenderá a tua mensagem. Oi, estou aqui, sou tua professora, estão me ouvindo? E com os filhos? Que também não querem estudar? O tempo está passando, os outros estão a mil por hora. Ah, filhos e alunos! (Clarissa).

Intrínseca à atividade docente, outra característica muito forte da profissão é a relação de cuidado com o outro. As professoras apresentam nos diários suas angústias frente as atitudes e interesses dos jovens, apresentando uma outra perspectiva temporal que habitam as instituições de ensino: os tempos de vida são diferentes para alunos e professores.

Na escola se cruzam muitos tempos. Os tempos dos mestres e dos alunos. Ainda o tempo das professoras e dos professores, os tempos da infância, da adolescência, da juventude e da vida adulta. Se cruzam tempos tão distantes quanto são diversas as formas de viver as idades humanas em

cada raça, classe, gênero, cidade ou campo. Essa diversidade termina condicionando os tempos de aprender, de ensinar, de socialização e formação (ARROYO, 2009, p. 209).

O tempo escolar é uma construção social, e sobre ele as professoras dizem: “A gente vive uma parte do tempo na escola, quando criança, depois vem a faculdade, a gente vive muito em função na escola e da escola”. E o entrelaçar destes tempos, sujeitos e fases distintos é que dá a instituição seu caráter multifacetado, como é possível ver a seguir:

- *O que vocês acham, é um tempo escola ou são tempos na escola? (Pesquisadora).*

- *Eu acho que as duas coisas juntas, porque nós já somos de outra fase, nós já tivemos um tempo de vida a mais, uma estrutura já diferenciada deles, mas nós precisamos também avançar no tempo para acompanhar o tempo dos alunos por isso as formações, que a gente tem que estar em constante formação. Por exemplo as mídias, as professores que não se abriram ainda para este avanço estão fora do tempo dos alunos, então eu acho que envolve tudo (Indira Gandhi).*

- *O professor que não quer se incluir nisso, ele acha que não mudou e quem tem que se adaptar é o aluno. (Alice)*

- *Tem também duas perspectivas aí, o nosso olhar e o olhar do aluno (Sira Quiroga).*

Às vezes controlamos o tempo, outras vezes ele nos controla, mas a nossa existência está sempre ligada ao tempo. Falta tempo para desenvolver o conteúdo, sobra tempo para o aluno responder a avaliação, pois fazem rapidamente sem responder a maioria das perguntas. Eles ainda não têm noção do tempo na vida deles. A angústia é só nossa e de poucos pais (Clarissa).

Perceber as dinâmicas temporais instituídas nas escolas requer sensibilidade para tal, aqui, o tempo também apresenta sua face identitária e imaginária. E Clarissa define tal movimento com uma narrativa que aponto como uma das mais significativas para a compreensão de todo o estudo que apresento.

Como educadora, nua e cruamente o ano é constituído de 200 dias letivos, começa no dia do 1º dia de aula e aí percorre um tempo que se mistura com aulas, provas, testes, vida pessoal e se encerra com avaliações finais, relatórios finais, e o tão esperado descanso pessoal, com o fim do ano letivo.

Neste cenário podemos identificar toda a dimensão simbólica do tempo instituído no imaginário educacional, no imaginário docente. Perceber a dinâmica que entrelaça o tempo cronológico e o simbólico em ação, traz à baila a questão do

estreitamento entre as duas dimensões sociais – pessoal e profissional – que envolvem tal questão.

Sempre há, sempre deve haver um tempo identitário (conídico), cuja coluna vertebral é o tempo calendário, que estabelece pontos de referência e durações comuns e públicas, que pode ser medido em linhas gerais, e que se caracteriza essencialmente pela repetição, a recorrência e equivalência. Mas o tempo social é sempre, e sempre deve ser também, e isso é mais importante, tempo imaginário. O tempo nunca é instituído como um intermediário puro e neutro ou receptáculo permitindo a coordenação externa das atividades. O tempo é sempre dotado de significação. O tempo imaginário é o tempo significativo e o da significação (CASTORIADIS, 1992, p. 275).

Esta organização temporal instituída nas escolas é, além de uma construção social, a instituição de um imaginário que rege as vidas dos sujeitos envolvidos naquele meio. E uma boa leitura de tais significações imaginárias, deste tempo escolar instituído, e suas diversas facetas é realizada por Arroyo (2009, p. 197).

Hierarquizamos os conteúdos de maneira tão graduada, gradeada e disciplinar, tiveram de ser criados os diversos graus ou anos de aprendizagem e de ensino e os alunos tiveram de ser agrupados em turmas separadas e em locais restritos, salas de aula, separados por nível e série. Como decorrência veio o recorte e o parcelamento do trabalho dos mestres. Mestres específicos para cada recorte dos conteúdos em cada grau, nível, disciplina e em cada agrupamento de alunos. Tudo segmentado e hierarquizado de acordo com a lógica temporal estruturante. A divisão do dia em horários vai se sofisticando até a divisão dos conteúdos em bimestres, semestres, anos letivos.

Pensar sobre o tempo e suas dimensões requer compreender que o mesmo é uma construção histórico-social, e sua organização atual é fruto dos movimentos sociais. Nesta instituição, cronológico e o simbólico se entrelaçam constantemente, dando ritmo as atividades humanas. Dentro deste contexto, a dimensão instituída do tempo não se desvincula de nossa forma de vida, no caso da docência, da professoralidade.

O ciclo 2012 encerrou, um novo ciclo, 2013 começa. Pastas novas, cadernos novos, nova série, ou não, tanto faz. Novos alunos, mesmas angústias. O descanso, este acontece felizmente. Vamos encarar o novo ano com uma esperança, aquela do poema do fim do ano, de Mário Quintana¹². Ou como Drummond de Andrade¹³. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez. O tempo, ah, o tempo vai continuar determinando nossos momentos, nossas atitudes, nossas realizações. No final ele se fecha, parece que dá

¹² Poema do fim do ano

¹³ Cortar o tempo

um tempo, mas é sempre o velho tempo que dominamos e que nos domina (Clarissa).

Interessante observar nas narrativas a consciência do domínio da instituição imaginária do tempo sob o agir humano. A partir do exposto acima é muito forte a presença de tal instituição moldando as vivências e relações dos docentes. A passagem do tempo em suas vidas está, na maioria das vezes, entrelaçada às dinâmicas temporais escolares, e são levadas para o cotidiano particular dos mesmos, e aqui, entramos em outro ponto importante para a pesquisa, o cuidado de si – a relação do docente com ele mesmo, no tempo instituído de sua profissão.

4.5 “Eu tento ser uma pessoa melhor pra eu poder passar o que eu quero para os outros, eu acho que é bastante amplo este cuidado de si”¹⁴

Refletir sobre memória, formação de professores, tempo e docência leva-nos à questão do cuidado, visto que tais elementos influenciam diretamente na forma de viver dos indivíduos. Na teoria sobre formação docente proposta por Ferry (2004), ela é um investimento pessoal, um *ponerse em forma*, algo que exige lugar, tempo e relação com a realidade. Hermann (2010) complementa tal ideia dizendo que a formação configura-se, através das experiências estéticas, em uma livre criação de si.

A partir destas perspectivas ambas abrem espaço para a teoria do *cuidado de si*, oriunda do pensamento grego, introduzida por Sócrates, difundida nos séculos I, II e III por Epicuro, e retomada por Foucault no século XX. É possível resumir tal doutrina socrática em três expressões principais: *gnôthi seautón* – conhece-te a ti mesmo –, *epiméleia heautoû* – cuida de si mesmo – e *medèn ágan* – nada em demasia (FOUCAULT, 2010). Neste contexto, quando os filósofos falam em conhecer a si mesmo, ele aponta uma visão além de saber o próprio nome, conhecer o próprio corpo, mas examinar-se interiormente e conhecer a própria alma.

Num dos mais famosos textos de Platão, *A apologia de Sócrates*, ele traz trechos de falas em que Sócrates incitaria os atenienses ao cuidado consigo,

¹⁴ Indira Gandhi, falando, durante o encontro, sobre docência e cuidado de si.

questionando o estilo de vida daquela época. Foucault (2010) (re)apresenta tais diálogos

Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua cultura e poderio, não te envergonhas de cuidares (*eoimeleísthai*) de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e não te importares nem cogitares (*epimelê, phrontízeis*) da razão, da verdade e de melhorar quanto mais a tua alma? (p. 7).

Esta teoria é retomada por Michel Foucault na terceira parte de sua obra, nos trabalhos que dizem respeito à ética da existência, a moralidade e o cuidado. A partir dela o filósofo francês faz uma leitura da sociedade e das relações de cuidado das pessoas consigo mesmas e com os outros. Neste sentido, o cuidado de si não é uma ocupação solitária e egoísta, ele pode ser pensado como uma prática social. Para Foucault (1995, p. 50), o conhecimento de si mesmo seria uma das aplicações concretas da preocupação por si, isso porque “ocupar-se de si mesmo’ era para os gregos, um dos principais princípios das cidades, uma das regras mais importantes para a conduta social e pessoal e para a arte da vida”.

Assim, ao entrelaçar imaginário social, tempo e docência ao cuidado de si a formação docente apresenta-se como algo que ocorre no interior do indivíduo, que vai se (trans)formando ao longo de sua trajetória de vida. Como bem escreve Fernando Pessoa (1995, p. 136),

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,
E a noite chega sem que eu saiba bem,
Quero considerar-me e ver aquilo
Que sou, e o que sou o que é que tem.

Olho por todo o meu passado e vejo
Que fui quem foi aquilo em torno meu,
Salvo o que o vago e incógnito desejo
De ser eu mesmo de meu ser me deu.

Como as páginas já relidas, vergo
Minha atenção sobre quem fui de mim,
E nada de verdade em mim albergo
Salvo uma ânsia sem princípio ou fim.

Como alguém distraído na viagem,
Segui por dois caminhos par a par.
Fui com o mundo, parte da paisagem;
Comigo fui, sem ver nem recordar.

Chegado aqui, onde hoje estou, conheço
Que sou diverso no que informe estou.
No meu próprio caminho me atravesso
Não conheço quem fui no que hoje sou.

Serei eu, porque nada é impossível,
 Vários trazidos de outros mundos, e
 No mesmo ponto espacial sensível
 Que sou eu, sendo eu por estar aqui?
 Serei eu, porque todo o pensamento
 Podendo conceber, bem pode ser,
 Um dilatado e múrmuro momento,
 De tempos-seres de quem sou o viver?

Ao falarmos em formação docente considerando as subjetividades do vivido, aquilo que nos constitui ao longo de nossa vida, estamos considerando a apreensão das coisas do mundo sob outra perspectiva que não a cognitiva. Outra autora que aponta neste sentido, Peres (2009, p. 105) diz que o imaginário pode ser considerado o fio de conexão entre a relação homem e mundo.

Entretanto, ressaltamos o valor do pensar-se na esteira do que viemos sendo, para que esse exercício seja propulsor de mostras sobre o que vem potencializando os movimentos de (auto)formação. O que pensamos que nos tornamos e o que pensamos saber sobre nós mesmos são perguntas que movimentam imaginários amorosos, sociais, culturais e políticos que habitam nossos trajetos. Ou seja, desses lugares emergem matérias sutis, fermentadoras de imaginários e de imagens autoformadoras, como uma espécie de elos objetivos e subjetivos que vão traçando os contornos identitários da pessoa e do profissional.

Assim, trabalha-se na perspectiva da relação entre ciência e imaginário dando contorno aos processos formadores. Isso porque, o mundo como o conhecemos, as instituições que frequentamos, a maneira com que nos formamos pessoa e profissional – visto que isso é praticamente indissociável – é permeado de elementos simbólicos, de imagens, de razões e emoções.

Sobre tais aspectos, agora em especial sob a ótica do cuidado de si, também encontrei nas falas das professoras suas formas de cuidado e compreensão do conceito. Problematizamos tal questão com as docentes porque acreditamos que o cuidado de si é uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo. A partir disso, no encontro que tivemos no final da construção de dados, sobre esta temática deu-se o seguinte diálogo.

- *Olha gurias que legal Tempo e cuidado de si. Daí eu lembrei agora quando eu cheguei e falei pra vocês que eu não tomei café, mas eu tive que me rebocar um pouco (risos) eu não saio sem o meu batom. (Indira Gandhi)*
 - ***E eu não saio sem o meu café, também é cuidado porque é uma questão de saúde. (Alice)***
 - ***Exatamente, o cuidado de si varia de cada um, o que é o cuidado de si para mim, é isso aí, passar um batom, lápis no olho pra não ficar com aquela cara de morta, é a alimentação, as palavras que eu digo,***

tudo é cuidado. *Eu tento ser uma pessoa melhor pra eu poder passar o que eu quero para os outros, eu acho que é bastante amplo este cuidado de si (Indira Gandhi).*

- *Eu lembro do cuidado de si daquela formação que a gente fez no Maria Rocha (Poliana)*

- **Depois que a gente começou a falar deste tema lá na escola como a gente percebe a diferença.** *Tem mais cuidado de si e isso dá diferença (Alice).*

- *Em tudo né gurias, desde um livro que a gente vai ler, como influencia tu chegar e discutir, mostrar pro grupo, daí já influencia outro também a tomar outras iniciativas (Indira Gandhi).*

- *A própria questão da escrita, na função do livro¹⁵ teve uma colega que falou, não é lá da escola, teve uma colega que fez um poema sobre um familiar, e outra colega achou aquilo horrível, que não podia misturar uma coisa com a outra, mas na verdade tu vive envolto no teu, não tem como separar (Alice).*

- *Eu escrevi sobre o João, e a minha era bonita né? (risos) Pra mim não tem como tu não falar, a gente vive sempre em função de outra pessoa (Indira Gandhi).*

- **Eu entendi assim, não participei do curso, mas a gente vive num mundo tão corrido, tão agitado que o cuidado de si é aquele tempo que a gente tem com a gente mesmo.** *(Sira Quiroga).*

- **Eu coloquei aqui que quem não se ama, quem não se cuida, não consegue estar de bem com o outro** *(Poliana).*

- *Tinha uma diretora lá em Silveira que dizia “ai gurias vocês tem que vir pintadas, passar batom que os alunos vão olhar vocês e vão ver aquela alegria” (risos) Mas não é assim né (Alice).*

- *Mas Alice, tem também isso, porque eu se não passo um batom eu me olho no espelho e eu mesma digo “que cara de morta”, daí eu vou lá e passo um batonzinho e “ah, to mais bonita” (risos), e os alunos percebem quando a gente não está bem (Indira Gandhi).*

Como já havia comentado anteriormente, a maioria das docentes que participam desta pesquisa são parceiras antigas dos projetos de formação continuada do GEPEIS, e o cuidado de si é uma temática que viemos trabalhando há algum tempo. Cada uma a seu modo apresenta suas práticas de cuidado, e tais características apresenta-nos um panorama de suas concepções sobre tal teoria. Ainda, na fala de Poliana podemos perceber a importante relação entre cuidado, personalidade e docência, o cuidado de si como um enriquecedor das relações nos coletivos humanos.

Longe de ser uma ocupação solitária e egoísta, o cuidado de si designa uma prática social, que se dá através da direção de consciência no seio das escolas filosóficas, ou, também, o apoio dado a um parente ou amigo. O cuidado de si é um intensificador das relações sociais (EIZIRIK, 2005, p. 117).

¹⁵ Livro resultante do “II Seminário de Educação: desafios do letramento na prática docente (GERRA; VARGAS; FONTOURA, 2012)

O imaginário instituído do cuidado de si como uma prática egoísta ainda é uma questão bastante presente em nossa sociedade que afeta a vida de muitos docentes. Aliado à questão da vocação, do doar-se ao outro, “amar ao próximo”, muitos professores que assumem a postura sacerdotal do início da profissão possuem sérios problemas com o cuidado de si, fato que pode potencializar as doenças da alma. Nos diários, as rotinas das professoras nos mostram suas relações consigo e seu tempo. E alertam, em alguns momentos, para as lutas por espaços de encontro com seus prazeres em meio às demandas do trabalho.

10 e 11 de novembro de 2012.

Prometi neste fim de semana não me envolver com a escola e me dedicar a casa e aos filhos (Clarissa).

Interessante observar na escrita de Clarissa que o estar com sua família, ou, não envolver-se com o trabalho aparece como algo difícil de ser feito, algo “prometido” num tom de sacrifício. Entretanto apresenta movimentos de cultivo dos prazeres, por mais que este surja como algo entre o trabalho, como um tempo criado para o prazer. Para Foucault (2010, p.12), a noção de *epiméleia heautoû* “também designa sempre algumas ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos.”.

01 até 04 de novembro de 2012.

Quatro dias viajando com o filho mais velho, a filha e o genro. Destino: Gramado, Nova Petrópolis, São Francisco de Paula, Taquara (terra do meu pai) e Igrejinha. Lugares lindos onde eu gostaria de morar. (Clarissa)

No momento estou de férias, e meus horários mudam completamente. Durante o período de aula, nos dias da semana, o horário que eu acordava mais tarde era 6:20 da manhã. Quando viajava para Agudo, costumava acordar em torno de 4:50 e 5:00 da manhã. Quando trabalhava no interior de Agudo, os horários ainda eram piores, acordava às 4:25 (vida dura). Mas no período de férias tudo muda. Não tenho horário para nada. Frequentemente acordo perto do meio-dia, tomo café e almoço no meio da tarde. Enfim, ritmo de férias é tudo diferente, sem pressa, sem correria (Sira Quiroga).

A estreita relação entre tempo e cuidado de si, envolve não apenas a percepção que as pessoas têm da passagem do tempo em suas vidas, ou a maneira com que as mesmas se relacionam com ele. Para além disso, a criação, ou instituição de um tempo para o cultivo dos prazeres torna-se fundamental para a vivência de práticas de cuidado de si. Dias de folga de Clarissa, ou períodos de férias são muitas vezes utilizados pelos docentes para a continuação de seus

trabalhos, outros potencializam tais momentos com práticas de prazer e, cada indivíduo ao seu modo, vai trabalhando sua construção individual.

Quarta-feira, 31 de outubro de 2012.

Hoje foi minha folga. Neste dia eu dedico para cuidar da casa, sair às compras. **Neste momento escrevendo este diário escuto um CD do Benito de Paula** (Clarissa).

Meu único compromisso é aos sábados à noite, das 18:00 às 21:00 no centro espírita Estudo e Caridade, mais conhecido como Lar de Joaquina. Esse compromisso é sagrado para mim. (...) **Por enquanto férias, e meus compromissos, além do já mencionado no Lar de Joaquina são dormir, assistir televisão e acessar a internet.** Como muitos por aí, estou na “onda” do Facebook (...). Acessar a internet é algo que faz parte da minha rotina. Começou apenas nos finais de semana, na época em que tinha apenas o acesso discado. Depois, em decorrência do curso de especialização, totalmente on line, surgiu a necessidade de acessar sempre, com internet mais rápida, ADSL. Atualmente já é uma necessidade não apenas de trabalho, mas de lazer também (Sira Quiroga).

Quanto ao “tempo” na minha vida familiar compreende lazer e obrigações como organizar a casa, cuidar das refeições e fazer compras. Nunca deixando de lado a integração familiar (em momentos de passeios, ouvir música, dançar, conversar, assistir filmes), e integração – que consiste em reunião familiar (jantar, lanche) uma vez por mês, no mínimo. Esta integração acontece com os irmãos do meu esposo e suas famílias (Indira Gandhi).

Em *Alcíades*, o cuidado de si é apresentado como algo que requer tempo, necessário em um dado momento da existência e em uma ocasião precisa que, no contexto do diálogo socrático, este momento é a preparação de Alcíades para governar. Já Foucault ao apresentar uma releitura da teoria, diz que não existe apenas uma estação da existência propicia ao cuidado de si, que o mesmo é uma obrigação permanente que deve durar a vida toda.

Nas escritas das professoras podemos verificar algumas de suas práticas de cuidado e perceber que estas, independentes de suas etapas de vida, trazem bastante presente a questão do estar com o outro, como uma prática de cuidado, por exemplo, Indira Gandhi e Clarissa que nos períodos de folga dedicam-se aos cuidados da casa e o estar junto com seus familiares. Outro ponto interessante são as atividades de Sira Quiroga durante seu período de férias, ou fora dele, as reflexões sobre a alma e o exercício da religiosidade como busca pelo equilíbrio e cuidado. Ainda, quando Clarissa diz que escreve no diário ouvindo suas músicas favoritas, podemos perceber tais práticas de cuidado mobilizadas por outros dispositivos.

O cuidado de si possui em sua teoria a sistematização de alguns exercício, ou práticas de cuidado que levam ao bem estar consigo e com os outros. Entre eles,

a importância da escuta, da “boa escuta”; a importância da escrita, ou seja, a anotação diária das coisas que poderiam servir de aprendizado moral; por fim, o exercício de voltar-se para si mesmo no sentido de fazer um levantamento do que foi aprendido no dia (CARMO,s/d, p. 62).

Ainda, podemos pensar a teoria do cuidado de si e seus exercícios como libertadores do sujeito, como práticas contrárias à sujeição imposta pela moral instituída socialmente, que nem sempre tem relação com a ética. Assim, tomando como pano de fundo para esta reflexão a formação continuada e a relação com o tempo na vida das docentes que acompanham esta pesquisa, podemos perceber o cultivo do cuidado consigo como seus movimentos de resistência ao tempo instituído e imposto pela profissão docente, pela estrutura da educação e das escolas na atualidade.

Neste cenário a experiência estética¹⁶ se apresenta como mais um dispositivo de formação. Segundo Maillard (1998, p. 12, apud HERMANN, 2010, p. 31) “a estética se relaciona com nossa capacidade de apreender a realidade pelos canais da sensibilidade e põe em movimento uma disposição lúdica para a atividade criadora”. A partir disso apontamos que a educação deve (re)encontrar o equilíbrio entre razão e sensibilidade, e o cuidado de si pode auxiliar nesta busca.

No contexto da pesquisa, não percebi nelas o cansaço excessivo que, muitas vezes, reina no discurso instituído sobre a docência, mas é claro em suas escritas e conversas que cultivam seus prazeres e dão valor ao cuidado de si como premissa, isso pode ser percebido desde o primeiro diálogo apresentado neste subcapítulo até as escritas que se seguirão. Então, é possível pensar nesta estreita ligação e na utilização destas teorias nas vivências de formação docente, em especial continuada.

Tudo isso ilustra que, de fato, o cuidado de si leva a uma ética da existência, ao bem estar consigo que potencializa as relações e, em especial, na docência torna-se combustível fundamental para boas práticas. Nos diários de Indira Gandhi e Poliana encontrei belas reflexões sobre tais relações.

¹⁶ Falo em estética a partir da questão da sensibilidade, não tomando como referência o belo, mas uma outra forma de apreensão da realidade (HERMANN, 2010).

A passagem do tempo pode deixar vários tipos de marcas: alegres, felizes, tristes, rancorosas. Enfim, o tempo marca cada um de nós a sua maneira. O tempo que passa nos traz marcas muitas vezes difíceis de encarar, como a velhice, que por muitos não é bem vista. Pessoalmente acho que essa passagem do tempo contribui para aprendizagem e amadurecimento que mostra uma “nova” forma de ver, conhecer e encarar os fatos e a realidade da vida dos seres humanos. Surge um novo olhar, novas descobertas, valores acentuados que revigoram o viver, tornando cada dia, cada hora mais significativo e profundo. O amor (de forma bastante ampla) é visto do lado sincero, transparente e singelo. Falo do amor em todos os sentidos como um sentimento de elo com tudo o que convivemos: pessoas, animais, natureza. Assim, penso no velho ditado: aproveitar melhor o meu tempo. E faço na mais pura alegria e satisfação com todas as coisas que acredito serem boas para mim e para os outros também. Nesse sentido, procuro sempre ver o lado bom das coisas: uma conversa com os amigos, ouvir e dialogar sobre músicas e filmes, passear, viajar e, assim desfrutar daquilo que chamamos qualidade de vida. Isso me torna uma pessoa melhor e de bem com a vida. Se estamos bem então, fazemos o bem (Indira Gandhi).

Eu e o tempo sempre nos damos muito bem. Uma relação intensa e de consenso. A passagem dele em minha vida sempre foi de consciência dos dois “eu e o tempo”. Com o tempo eu cresci, fui criança, adolescente, sou mulher, sou mãe, fui esposa, sou filha e amiga. E aqui estou crescendo e aprendendo com o tempo (Poliana).

Tais escritas podem ser vistas como escritas de cuidado, sobre a ética da existência, sobre a estética do viver que se estenderá por toda a vida. Neste sentido Foucault traz que

No fundo é preciso que, a cada momento, mesmo sendo jovens, mesmo na idade adulta, mesmo se estivermos ainda em plena atividade, tenhamos, para com tudo que fazemos e somos, a atitude, o comportamento, o desapego e a completude de alguém que já tivesse chegado à velhice e completado sua vida (2010, p. 100).

Viver com a perspectiva da estética da existência nos apresenta novas formas de relação com o mundo, oriundas do ser individual, do ser ético e respeitador de si mesmo. Em toda a pesquisa que ora apresento tais princípios faziam-se presentes como norteadores, tanto na forma com que busquei tocar as professoras na construção de dados, como na disposição delas em escrever sobre si e contar/refletir suas vidas, também no momento em que sistematizo tal trabalho pondo-me como autora, filha, irmã, mestranda, professora, namorada, feliz, angustiada, leitora, preocupada, esperançosa, entre outras tantas coisas que sou e fui durante este período. Mas, com isso, o que quero dizer é que escrever tal dissertação, para mim, foi, também, uma prática de cuidado de si.

5 COMO TODO TEMPO, ESTE TAMBÉM ESTÁ CHEGANDO AO FIM: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certeza

Se é real a luz branca
desta lâmpada, real

a mão que escreve, são reais
os olhos que olham o escrito?

Duma palavra à outra
o que digo desvanece-se.
Sei que estou vivo
entre dois parênteses.
(Octávio Paz)

As considerações finais, nem acredito que já cheguei até aqui! Alivia-me pensar que estou chegando ao fim do caminho da dissertação e, ao mesmo tempo, preocupa-me a ideia de que agora virão os leitores. Será que consegui fazer algo para ser chamado de Dissertação de Mestrado? Consegui ser clara com o que queria dizer? Eles vão gostar? As professoras concordarão com as análises que desenvolvi a partir de suas falas? Isso tudo irá contribuir, de alguma forma, para a educação? Tantas questões lançadas ao vento.

Recapitulando, meu objetivo principal com este trabalho era propor relações entre o Tempo e a Formação Docente pensando as possíveis implicações da forma com que as professoras se relacionam com o primeiro em sua vida – cotidiano e docência –, tudo isso sob a ótica do imaginário. E, ao longo desta investigação, aprendi muitas coisas sobre o Tempo, teorias e filósofos que ainda poderia - e pretendo – passar muitos anos estudando sem perder o encantamento. Alguns destes tive que deixar de fora, não conseguiria conhecê-los todos a ponto de utilizá-los aqui, a vida exige escolhas. Porém, com os que me acompanharam passei muitos dias, dormi muitas noites sob suas páginas e mesmo assim não posso dizer que conheci toda a vastidão de suas obras, mas fiz o que pude.

Às professoras que encontrei, já no “segundo tempo” da pesquisa, devo imenso agradecimento. Abriram suas vidas para as páginas dos diários que lhes enviei, narraram suas trajetórias e cotidianos com a beleza de quem conta um conto

e me apresentaram com os dados que entrelacei às teorias. O imaginário instituído sobre o tempo, possuía um diferente sabor a cada escrita, a cada página dos diários que eu folheava, e assim pude, ao longo da leitura, perceber as inúmeras temporalidades presentes nas suas vidas.

Toda e qualquer experiência é temporal, pois resulta dos viveres humanos sempre inscritos nas temporalidades e rítmicas da natureza, da sociedade e da história, começando pelos ritmos da natureza – as estações e os luas, e se completando nos ritmos, biorritmos e nas cadências psíquicas, temporalidades do corpo e da mente. Simbolizados pelas culturas, com a noção e as formas de cálculos temporais (relógios, calendários, agendas e outros), a noção de tempo, os ritmos da natureza e de nossos corpos contêm os períodos de repouso e de vigília, de fome e de saciedade, como também os ciclos menstruais e da gestação dos bebês, no caso das mulheres, das fêmeas, e de outros períodos e durações do transcurso temporal da vida, do nascimento à morte. Experiências são feitas, refeitas, desfeitas, nessas dinâmicas, nesses movimentos dos corpos, das vidas. Experiências são negadas, aceitas, enriquecidas e renovadas, em movimentos de continuidade e descontinuidades, de agregação e de ruptura com experiências outras, pretéritas e presentes. Experiências são narradas (ARROYO, 2009, p. 101-102).

As experiências narradas por Clarissa, Alice, Indira Gandhi, Poliana e Sira Quiroga trazem suas singularidades, impressões, histórias de vida, formação e cotidiano docente, impregnadas com a cor dos seus olhos, jeitos de sorrir, imaginários e significações sobre o tempo. A partir disso, preciso dizer que a análise que desenvolvi as têm cada uma delas vistas a partir das minhas lentes.

A maneira como é recebido o discurso do outro não pode ser abstraída do horizonte de expectativas, de projetos e de interesses de quem o recebe. Não se trata de uma recepção passiva, pois ela põe em movimento uma atividade e um processo. Os teóricos da leitura desenvolveram a ideia de que a recepção de um texto inscreve-se sempre num horizonte de expectativa, o qual é condicionado pelo estado da biblioteca do leitor, ou seja, pelo conjunto dos textos lidos anteriormente, pelas experiências de leitura e pelos “saberes” múltiplos que permitiram constituir (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 60).

Deste modo, *confesso*, fui surpreendida pelas narrativas. Lancei-me à pesquisa com uma ideia pré-estabelecida, um imaginário, de que todo o docente possuía dificuldades em relacionar-se com o tempo, pois a literatura, até então, apresentava isso. E minha vivência enquanto docente estava corroborando com tal cenário. Porém os diários foram um chacoalhão – acho que esta é uma expressão a altura do que senti. O que eu faria com aqueles dados que não condiziam ao que eu esperava? Aí é que está a lindeza do pesquisar e, principalmente, do despir-se para aprender.

Neste contexto, outra questão que deve ser destacada é a abrangência de nossas pesquisas em educação, fui à campo com um imaginário pré-construído, com uma pontinha ingênua – e ao mesmo tempo pretensiosa – de certeza do que encontraria, mas não foi assim. Deste modo, o significado de uma pesquisa que incorpora a empiria ultrapassa o pesquisador, ela apresenta um todo ao mesmo tempo em que recorta sujeitos e suas singularidades.

Assim, a partir do que tinha em mãos, após muitos dias ocupando-me de outras funções – numa tentativa de fuga – ou aceitação do novo sob outras vias, consegui visualizar pontos de encontro nas narrativas, que me levaram à distribuições dos subcapítulos, apresentando uma espécie de desenho da mesma. Assim, memória, formação, docência, tempo e cuidado apareceram como palavras-chave da investigação, mostrando um caminho a seguir, apontando as teorias que eu deveria abraçar para alcançar aquilo a que havia me proposto.

E com tudo o que aprendi – e foram muitas coisas –, hoje me faço uma nova questão: *Será que tais professoras enfrentam as intempéries da profissão com tanta maestria, porque relacionam-se bem com o imaginário instituído do tempo, abrindo espaço em seu cotidiano para a formação continuada como uma prática de cuidado de si?*

É necessário seguir o tempo corporal para ter um certo equilíbrio, manter a sanidade. O tempo mecânico faz parte da nossa sociedade, já é preestabelecido e, conseqüentemente, seguimos para viver em sociedade. O tempo corporal é o refúgio, o momento em que quebramos a rotina, quebramos o relógio mecânico e seguimos os nossos instintos. Para mim é uma forma de sobrevivência. É o momento em que somos livres (Alice).

É através de escritas como esta que cheguei até a questão apresentada anteriormente – como podem perceber, não concluo, penso em reiniciar. Ao longo da pesquisa tornou-se muito interessante observar nas reflexões das professoras que nem sempre o tempo é inimigo do docente, mesmo atualmente o discurso do cansaço, da falta de tempo para o lazer, e ócio, sendo algo muito presente no meio. Além disso, perceber a luta diária pela valorização do tempo numa perspectiva simbólica e sensível, daquele tempo prazer, do tempo utilizado para a prática do cuidado e, principalmente, libertação do eu.

Ao longo destes dois anos trabalhando especialmente esta temática, (re)signifiquei inúmeros saberes e cresci. De certa forma aprendi com a pesquisa a me relacionar com meu próprio tempo instituído, com meus próprios tempos de

docência e cuidado. Isso porque, através das narrativas das professoras os movimentos da instituição deste imaginário tornaram-se claros. Percebi que o Tempo é a instituição que fazemos dele em nossa vida.

Uma das elaborações que faço para continuar questionando as relações que moveram esta investigação, está na questão dos dispositivos de formação. Como já é sabido, os dispositivos auxiliam o docente no processo de *ponerse em forma* (FERRY, 2004), e os mesmos podem ser vivenciados, ou não, em espaços de formação inicial e continuada, assim, com esta pesquisa, acredito ser indispensável à tais programas de formação, um olhar atento as questões como Tempo na docência, na cultura escolar e na escola como uma criação imaginária. Desnaturalizando o que tanto ouvimos, que o tempo é dos outros, e as queixas de que nos falta tempo, que o dia tinha que ter mais horas, porque o tempo vivido pode ser (res)significado em todos os espaços vividos socialmente. Tudo isso com o objetivo de estranhar e desnaturalizar nossas invenções para que possamos criar outros tempos produtores de significados e sentidos para aqueles que vivem as/ nas instituições sociais.

Comecei a escrever estas considerações finais há mais de uma semana, como é difícil. Muitas vezes não sei o que escrever, quais reflexões colocar no papel, e quando este tipo de pensamento me vem à cabeça reflito sobre o mestrado. Durante a escrita da dissertação que ora apresento já em suas linhas finais, passei por inúmeros momentos, crises existenciais, cansaço, desânimo, grande animação, dedicação máxima aos estudos, abandono completo do trabalho, insegurança, ressaca pós qualificação, dúvidas sobre a consistência teórica e sentido da pesquisa. E todos estes momentos me levaram a pensar que poderia alguém fazer uma dissertação sobre o processo de fazer uma dissertação. Talvez esta seja a maior aprendizagem, o tornar-se mestre não acontecerá após a avaliação da banca, talvez nem depois, o tornar-se mestre é uma caminhada de início e fim imensuráveis.

Para finalizar? É preciso mesmo?

Para finalizar, por ora, digo que segurei olhando para o tempo...



Imagem 6 – O tempo
(Rio Scenarium/RJ – Acervo Pessoal)

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

AGOSTINHO. **A Vida Feliz**. II, 11. Trad. Nair Assis de Oliveira. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ARISTÓTELES. **Os Pensadores**. Vol I, São Paulo: ed. Nova Cultural, 1991.

ARISTÓTELES. **De Anima**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

AZEVEDO, Nyrma Souza Nunces de. Prefácio. In: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunces de. **Imaginário e educação**: reflexões teóricas e aplicações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p. 5-8.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988a.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Marins Fontes, 2008a.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Marins Fontes, 1988b.

BACHELARD, Gaston. **A instituição do instante**. Campinas: Verus Editora, 2010.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: a Infância.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a terceira infância.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BENEDETTI, Mario. **A trégua.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega.** Vol I. Petrópolis: Vozes, 2010.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Ítalo. **Todas as cosmicômicas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARMO, Miguel Angelo Oliveira do. Exercícios de liberdade: Foucault e o cuidado de si. In: **Revista Mente, Cérebro e Filosofia.** Vol 6. São Paulo: Duetto, s/d.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

CARVALHO, José Carlos de Paula. **Imaginário e mitodolofia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida.** Londrina: Ed. UEL, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. **O mundo fragmentado: as encruzilhadas do labirinto.** Vol III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do Pensável: as encruzilhadas do labirinto.** Volume VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. História de vida, teoria da formação e construção de aprendizados. In: TAKEUTI, Norma Missae e NIEWIADOMSKI,

Christophe. **Reinvenções do Sujeito Social**: Teorias e práticas biográficas. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DUEÑAS, María. **O tempo entre costuras**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault**: um pensador do presente. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: (a Meneceu). São Paulo, Editora UNESP, 2002.

FERRY, Gilles. **Pedagogia de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías Del Yo Y Otros Textos Afines**. Paidós Ibérica. I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GENS, Armando. As figuras do professor: entre símbolos e mitos. In: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. **Imaginário e educação**: reflexões teóricas e aplicações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

GUERRA, Adriane Maria Limana; VARGAS, Etiene da Silva de; FONTOURA, Marta Regina. (Orgs.). – Santa Maria: E.E.E.F. Marieta D'Ambrósio, 2012.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

KINCHELOE, Joe L.. O poder da bricolagem: ampliando os métodos de pesquisa. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S.. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KUREK, Deonir. Essas coisas do imaginário. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; KUREK, Deonir. **Essas coisas do imaginário...** diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & Relaxos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LIGHTMAN, Alan. **Sonhos de Einstein**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MARODIN, Pedro. **O coração humano: uma leitura clínica poética**. Porto Alegre: Pedro Marodin Editora, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Vinicius. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORO, Javier. **O Sari Vermelho**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

MOSÉ, Viviane. **Pensamento chão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **O homem que roubava horas**. São Paulo: Brinque-Book, 2007.

NÓVOA, Antônio (Coord). **Os Professores e sua Formação**. Lisboa: Don Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Cristiane Elvira de Assis. Escritura das noções de tempo. In: MARQUES, Luciana Pacheco; MONTEIRO, Sandrelena da Silva; OLIVEIRA, Cristiane Elvira de Assis (Organizadoras). **Tempos: movimentos experienciados**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p.21-48.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. As interlocuções entre a pós-graduação e a educação básica, em tempos de reconstituição das relações ético-político-afetivas. In: RAMOS, Flávia Brocchetto; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; AZEVEDO, Tânia

Maris de. (Orgs.). **A pós-graduação e suas interlocuções com a educação básica: múltiplos olhares.** [recurso eletrônico] Caxias do Sul: Educs, 2012.

OLIVEIRA, Vânia Fortes de. Magistério: profissão feminina? In: **Imagens de professor: significações do trabalho docente.** Ijuí: Editora Unijuí, 2004. p.161-174.

OLIVEIRA, Vânia Fortes de. **Território da formação docente: o entre-lugar da cultura.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2007.

PERES, Lucia Maria Vaz. O imaginário como matéria sutil e fluida fermentadora do viver humano. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; KUREK, Deonir. **Essas coisas do imaginário...** diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, Fernando. **Pessoa.** Lisboa: Ática, 1995.

PESSOA, Fernando. **Obra poética.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

PORTER, Eleanor Hodgman. **Poliana.** Disponível em: <<http://www.golfinho.com.br/download/pollyanna.pdf>>. Acesso em 12 de janeiro de 2013.

PUENTE, Fernando Rey. **Os sentidos do tempo em Aristóteles.** São Paulo: Loyola, 2001.

QUINTANA, Mario. **Caderno H.** Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

QUINTANA, Mario. **80 anos de poesia.** São Paulo: Globo, 2005a.

QUINTANA, Mario. **Lili inventa o mundo.** São Paulo: Editora Global, 2005b.

RAFAEL, Auro José da Silva. O Primeiro Motor no Livro XII da Metafísica de Aristóteles. In: **Existência e Arte** – Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei. Ano I. Número I. jan-dez de 2005. p. 1-4.

RECH, Indiará; OLIVEIRA, Valeska; BREZOLIN, Caroline; Et.all., A arte dos encontros: os professores e o cinema. In: **Anais do XVI SEPE** – Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, 2012. p. 1-6.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – Vol I. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: Editora Globo, 1961.

RUSHDIE, Salman. **Haroun e o Mar de Histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, Elizabeth Ângela dos. Profissão Docente: uma questão de gênero? In: **Anais Fazendo Gênero 8** - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Instante**. São Paulo: Editora Relógio D'Água, 2006.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Arquiteturas do Tempo nos Enredos de Professores/as. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). **Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; SILVA, Geovani de Jesus. **Isto e aquilo**: sentimentos do tempo de professores/as. In: MARQUES, Luciana Pacheco; MONTEIRO, Sandrelena da Silva; OLIVEIRA, Cristiane Elvira de Assis (Organizadoras). **Tempos**: movimentos experienciados. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 97-124.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Gilbert Durand**: imaginário e Educação. Niterói: Intertexto, 2011.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de Vasconcelos. **Mitos gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998.

VAZ, Aline Taborsa. **A visão de Santo Agostinho sobre o tempo**. Monografia apresentada para obtenção de aprovação na disciplina de Monografia II do curso de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

VERÍSSIMO, Érico. **Clarissa**. São Paulo: Globo, 1995.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento, parte I**: O continente I. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILKINSON, Philip. **Guia ilustrado Zahar**: mitologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. São Paulo: Intrínseca, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Confidencialidade

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Sobre o tempo: um ensaio para a formação docente

Pesquisador responsável: Valeska Fortes de Oliveira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria / Departamento de Fundamentos da Educação

Telefone para contato: (55) 84055884 ou (55) 32193757

As pesquisadoras do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos sujeitos cujos dados serão coletados através de cadernos com narrativas escritas. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM, no Centro de Educação, na Sala 3341A, por um período de cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos.

Santa Maria,.....dede 20.....

VALESKA FORTES DE OLIVEIRA – CI 3013717446

MONIQUE DA SILVA – CI 1082048404

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Sobre o tempo: um ensaio para a formação docente

Pesquisador responsável: Valeska Maria Fortes de Oliveira

Autora: Monique da Silva

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Fundamentos da Educação

Telefone para contato: (55) 8405 5884 ou (55) 3219 3757

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa que será realizada com seis docentes das redes estadual e municipal de Santa Maria. Com o objetivo central de relacionar conceitos filosóficos sobre o Tempo, ao Imaginário Social instituído acerca do mesmo e suas influências para Formação Docente na contemporaneidade.

Para que a pesquisa seja realizada, você receberá, caso aceite este convite, um caderno que servirá de diário do cotidiano durante um mês. Este caderno deverá ser cedido às pesquisadoras para a análise dos dados, e posteriormente será devolvido aos colaboradores. Acredita-se que não haverá dano moral ou risco, em participar da pesquisa, no entanto, em se tratando de narrativas escritas, caso se sinta desconfortável em escrever sobre determinado assunto a autora estará sensível a essas questões podendo não publicá-lo se assim for sua vontade. Também, caso exista desconforto com a produção das narrativas e lembrança de fatos que podem sensibiliza-lo, esteja ciente que tens total liberdade para recusar a participação.

Participar desta pesquisa não acarretará custos ou despesas. Você pode deixar de participar do estudo se assim o desejar, a qualquer momento, sem que disso advenha algum prejuízo. Os possíveis benefícios para os mesmos estão na possibilidade de formação ao entrar em contato com as teorias que envolvem a pesquisa e na escrita de si como um dispositivo de formação. Os resultados encontrados nesse estudo serão publicados em revistas da Área da Educação e/ou divulgados em eventos que abarque as questões problematizadas na investigação.

As informações obtidas serão utilizadas única e exclusivamente para essa pesquisa, sendo acessadas somente pela pesquisadora e pela autora e estará sob responsabilidade, apenas, das mesmas para responderem por eventual extravio ou vazamento de informações confidenciais. O anonimato dos sujeitos envolvidos será preservado em qualquer circunstância, o que envolve todas as atividades ou materiais escritos que se originarem desta pesquisa. Os dados coletados serão mantidos na UFSM, no Centro de Educação, na Sala 3341A, por um período de cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos. Em caso de necessidade de algum esclarecimento ou para cessar a participação no estudo, a autora estará disponível pelo telefone (55) 84055884, a qualquer momento, ou pelo (55) 32193757.

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li, tendo ficado claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Assinatura do colaborador

nº. de identidade

Declaramos, abaixo assinado, que obtivemos de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação no estudo.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Autora

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009 Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep.